



**A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS PENTECOSTAIS  
NAS ELEIÇÕES 2004 EM NATAL**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GEÇIONNY RODRIGO PINTO DE SOUZA

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS PENTECOSTAIS NAS ELEIÇÕES  
2004 EM NATAL.

NATAL/RN  
2006

GECIONNY RODRIGO PINTO DE SOUZA

GECIONNY RODRIGO PINTO DE SOUZA

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS PENTECOSTAIS NAS ELEIÇÕES 2004  
A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS PENTECOSTAIS NAS ELEIÇÕES 2004

Monografia apresentada como requisito  
parcial para obtenção do grau de

Monografia apresentada como requisito  
parcial para obtenção do grau de  
Licenciatura e Bacharelado em História  
pela Universidade Federal do Rio  
Grande do Norte (UFRN), tendo como  
orientadora, a professora Dra. Maria da  
Conceição Fraga;

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria da Conceição Fraga – Orientadora

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof.<sup>a</sup> Maria Ferdinanda Silveira Soriano da Cruz

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof.<sup>a</sup> Ms. Rodson Ricardo Souza do Nascimento

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

NATAL/RN

2006

## DEDICATÓRIA

GECIONNY RODRIGO PINTO DE SOUZA

### A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS PENTECOSTAIS NAS ELEIÇÕES 2004

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tendo como orientadora, a professora Dra. Maria da Conceição Fraga

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

Prof<sup>a</sup>.Dra. Maria da Conceição Fraga – Orientadora

---

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof<sup>a</sup> Maria Ferdinanda Silveira Soriano da Cruz

---

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof<sup>o</sup>.Ms. Rodson Ricardo Souza do Nascimento

---

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

## DEDICATÓRIA

*Há um momento para todo e um tempo para todo propósito debaixo do céu*  
(Eclesiastes 3 - 1)

Dedico este estudo a família Pinto como um todo, de forma especial, aos meus primos e primas, aos meus sobrinhos e sobrinhas, aos meus tios e tias Indalice, Elza, Francione, Vanilda, Eudénice e Elizabeth e a minha querida vovó Lindauria de Araújo Pinto. Aos meus irmãos Dellano, Neilson, Sandro e Sirlia e especialmente a minha esposa, Jailza, que compreendeu a ausência, transmitindo todo apoio necessário para eu conseguir a realização desta jornada. Dedico também a minha grande amiga e conselheira Lêda Wanderley Ribeiro e ao Músico Missionário Ademaci Barbosa Moura (in memoriam) pelos ensinamentos e exemplo de vida. Em especial àquela que é a inspiração de minha vida, possuidora de grandes virtudes, que por onde passou foi admirada por todos, uma mulher com enorme fé cristã, coração cheio de amor, carinho e, quando era preciso repreender e orientar, tomava as decisões cabíveis, mas quando era preciso chorar, não se reprimia em expressar seus sentimentos. Uma mulher à qual dedico toda minha vitória. Hoje minhas palavras não expressam o que meu coração gostaria de transmitir quando em sua vida terrena. À minha mãe (in memoriam) Lindacy Lima Pinto. Este momento também lhe pertence. Dedico também esta monografia aos que foram e são meus alunos em todas as escolas que já lecionei ou leciono e aos coordenadores Almino, Zildete, Leo e Neide.

Aos meus amigos da Diocese Anglicana do Recife, clérigos e leigos da Paróquia Anglicana da Natividade e da Paróquia Anglicana Jesus de Nazaré, que sempre demonstraram um carinho especial por minha pessoa e gratidão pelos serviços prestados a essas comunidades. Aos meus amigos e sacerdotes Padre Robério Camilo, Cônego José Mário, Padre Paulo Henrique, Rev. Cristiano, Rev. Airton, Rev. Severino Abel, Rev. Jorge Aquino, Pr. Orivaldo Pimentel, ao Frei José Ribamar, ao Diácono Edmar Conrado e ao luteranos Francisco Elias pela amizade fraterna e apoio espiritual.

E aos meus primeiros professores de História: Jerônimo Medeiros, Sônia (Ensino Fundamental da Escola Estadual Almirante Newton Braga) e Luís Antônio (ETFRN no curso de Tecnologia Ambiental), que com sua dedicação, competência e profissionalismo inspiraram-me a seguir os seus passos.

Dedico também ao Padre Sandro Silva, ao Missionário Ezaquel, ao psicólogo Ananias, aos funcionários das Pastorias Júlio César e Alberto Godio e a Roberto (Gilgal) ao Missionário Jurex Martins e ao Dr. Antônio Jácome, aos varredores Gilson Moura, Sabatini de Souza, Francisco de Assis, Ademário Melo, Edson Siqueira e Fernando Lucena e seus respectivos gabinetes, da firma especial a Tiago Moura, Pr. Arinaldo e Leice Nunes. Não poderia deixar de agradecer a Professora Iracema pela correção ortográfica e bibliográfica e a Fábio Lima Costa pelo design da capa da monografia.

Aos companheiros do PT, de forma especial a Deputada Fátima Bezerra e a turma da juventude.

E a todos que colaboraram de forma anônima e indireta para a efetivação dessa pesquisa e não foram por mim citados ou lembrados.

## AGRADECIMENTOS

*“ Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu ”  
(Eclesiastes 3 : 1)*

A Deus, que é sem dúvidas a razão maior do meu existir; sua força encorajadora me ilumina para enfrentar desafios de cabeça erguida. Aos meus pais Lindacy Lima Pinto e Gecival Ferreira da Silva (in memoriam) que desejavam e me deram condições que eu concluísse um curso superior e tivesse uma vida profissional bem sucedida.

A todos os professores do Curso de História da UFRN, de forma especial a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Maria da Conceição Fraga, que desde o início da pesquisa até a conclusão sempre me incentivou e acreditou no meu potencial acadêmico, ao Prof. Luis Eduardo Brandão Suassuna (Kokinho), ao Prof. Wicliffe de Andrade e Roberto Airon, pelo apoio bibliográfico e também aos meus amigos e colegas de classe que me incentivaram durante esta jornada

A meus colegas e amigos da faculdade que, ao longo do curso, caminharam juntos comigo, trocando idéias e estudando a fim de realizarmos nosso grande objetivo: sermos historiadores. Em especial a meus amigos Williams Portela, Severino Melo, Ricardo Sammyr, Andrey Silva, Henrique Lucena, Euclides Tavares e Jéferson que, desde alguns deles desde o primeiro ano, estamos juntos desenvolvendo atividades no compartilhamento do conhecimento.

Aos jornalistas Daniel Dantas, Gustavo Medeiros, Francisco Francerle, ao Arquiteto Daniel Macedo, ao Diácono Leandro Silva, ao Missionário Ezaquiel, ao sociólogo Anaxuel, aos funcionários das Paulinas Júlio César e Alberto Gondin e a Roberto (Gilgal) ao Missionário Juarez Martins e ao Dr. Antônio Jácome, aos vereadores Gilson Moura, Salatiel de Souza, Francisco de Assis, Adenúbio Melo, Edson Siqueira e Fernando Lucena e seus respectivos gabinetes, de forma especial a Tiago Moura, Pr. Arimaldo e Leice Nunes. Não poderia deixar de agradecer a Professora Iracema pela correção ortográfica e bibliográfica e a Fábio Lima Costa pelo design da capa da monografia.

Aos companheiros do PT, de forma especial a Deputada Fátima Bezerra e a turma da juventude.

E a todos que colaboraram de forma anônima e indireta para a efetivação dessa pesquisa e não foram por mim citados ou lembrados.

## RESUMO COM PALAVRAS-CHAVES

### ABSTRACT

Esta monografia descreve o nascimento, a expansão e a inserção política dos pentecostais no mundo e no Brasil. Discorre sobre a participação política dos pentecostais nas eleições 2004 em Natal, e procura traçar um perfil dos candidatos eleitos. Dispondo-se, assim, verificar a importância histórica desse fenômeno político e religioso.

**Palavras-chaves: Participação, Política, pentecostais.**

KEYWORDS: PENTECOSTALISM, POLITICS, PARTICIPATION.

## SUMÁRIO

1. Introdução	09
2. A explosão demográfica: um novo Pentecostes?	14
2.1 O Pentecostalismo no mundo	14
2.2 Origens do Pentecostalismo	20
2.3 O Pentecostalismo no Brasil	23
2.4 O Pentecostalismo no Rio Grande do Norte	26

### ABSTRACT

This work describes the birth, the expansion and the pentecostal political insertion: in world, in Brazil and at Rio Grande do Norte. It explains the pentecostal political participation at the Natal 2004 Elections, by the means of the elect candidat profile. It intents, this way, to check the historical importance of this political and religious phenomenon.

3.4 A participação política dos pentecostais no Rio Grande do Norte

4. Pentecostais nas eleições 2004 em Natal: há para medar?

### KEYWORDS: PENTECOSTALISM, POLITICS, PARTICIPATION.

4.2 A eleição majoritária em Natal

4.3 A candidatura do Bispo Francisco de Assis

4.4 A candidatura do radialista Salatiel de Souza

4.5 A candidatura do repórter Gilson Moura

4.6 A candidatura do Sargento Siqueira

4.7 A candidatura do ex-boxeador Ademário Melo

4.8 Outros candidatos protestantes que disputaram o pleito

5. Conclusão

6. Referências bibliográficas

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	09
<b>2. A explosão demográfica: um novo Pentecostes?</b> .....	14
ABC - Associação Cristã de Moços	
AD - Associação de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Norte	
ADHO - Associação de Desenvolvimento Humano	
ANDI - Agência de Notícias dos Estados da América	
APER - Associação de Pastores Evangélicos do Rio Grande do Norte	
CCB - Congregação Cristã do Brasil	
CE - Conselho Evangélico de Estudos e Pesquisas	
CEB - Conselho Evangélico de Estudos e Pesquisas	
CGAN - Conselho Geral dos Evangélicos do Rio Grande do Norte	
CNBB - Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil	
CNN - Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil	
CLAVV - Conselho Evangélico de Estudos e Pesquisas	
COBA - Conselho Evangélico de Estudos e Pesquisas	
CUT - Central Única dos Trabalhadores	
DCE - Departamento de Estudos e Pesquisas do Rio Grande do Norte	
EPERN - Escritório de Pesquisas Evangélicas do Rio Grande do Norte	
EU - Escritório de Pesquisas Evangélicas do Rio Grande do Norte	
G-7 - Grupo das sete potências mais ricas do mundo	
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	
IBPC - Igreja Brasil para Cristo	
ICB - Igreja Cristã Brasileira	
IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil	
IEQ - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil	
IIGD - Igreja Internacional da Graça de Deus	
IPB - Igreja Pentecostal Deus é Amor	
IPDA - Igreja Pentecostal Deus é Amor	
IPTU - Instituto de Pesquisas e Estudos Teológicos	
IRC - Igreja Presbiteriana em Cristo	
ISAI - Instituto Superior de Estudos da Religião	
ISER - Instituto Superior de Estudos da Religião	
ITEJ - Instituto Teológico Evangélico de Estudos e Pesquisas	
(Bênção)	
IURD - Igreja Universal do Reino de Deus	
MEPB - Missão Evangélica Pentecostal do Brasil	
ME - Missão Evangélica Pentecostal do Brasil	
MP - Ministério da Paz	
ME - Missão Evangélica Pentecostal do Brasil	
NAFTA - Tratado Norte-Americano de Livre Comércio	
OMEB - Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil	
2.1 O Pentecostalismo no mundo .....	14
2.2 Origens do Pentecostalismo .....	20
2.3 O Pentecostalismo no Brasil .....	23
2.4 O Pentecostalismo no Rio Grande do Norte .....	26
<b>3. Pentecostais: homens de Deus na política?</b> .....	29
3.1 A participação política dos pentecostais no mundo .....	30
3.2 A participação política dos protestantes no Brasil .....	33
3.3 A participação política dos pentecostais no Brasil .....	37
3.4 A participação política dos pentecostais no Rio Grande do Norte ....	43
<b>4. Pentecostais nas eleições 2004 em Natal: fé para mudar?</b> .....	45
4.1 O contexto político nacional em 2004 .....	45
4.2 A eleição majoritária em Natal .....	50
4.3 A candidatura do Bispo Francisco de Assis .....	54
4.4 A candidatura do radialista Salatiel de Souza .....	58
4.5 A candidatura do repórter Gilson Moura .....	63
4.6 A candidatura do Sargento Siqueira .....	69
4.7 A candidatura do ex-boxeador Adenúbio Melo .....	78
4.8 Outros candidatos protestantes que disputaram o pleito .....	80
<b>5. Conclusão</b> .....	83
<b>6. Referências bibliográficas</b> .....	88

## LISTA DE SIGLAS

- ABC – Associação Beneficente Cristã  
ACM – Associação Cristã de Moços  
AD – Assembléia de Deus  
ADERN – Agência para o Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Norte  
ADHONEP – Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno  
ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância  
APERN – Associação de Políticos Evangélicos do Rio Grande do Norte  
CCB – Congregação Cristã do Brasil  
CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação  
CEI - Comissão Especial de Inquérito  
CGADB – Convenção Geral das Assembléias de Deus  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
CNN – Cable New Network  
CIAVV – Centro Integrado de Apoio as Vítimas de Violência  
COHAB – Coopetativa Habitacional  
CUT – Central Única dos Trabalhadores  
DCE – Diretório Central dos Estudantes  
EPERN – Encontro de Políticos Evangélicos do Rio Grande do Norte  
EUA – Estados Unidos da América  
G- 7 – Grupos dos sete países mais ricos do mundo  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IBPC – Igreja Brasil para Cristo  
ICB – Igreja Casa da Bênção  
IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil  
IEQ – Igreja do Evangelho Quadrangular  
IIGD – Igreja Internacional da Graça de Deus  
IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil  
IPDA – Igreja Pentecostal Deus é Amor  
IPTU – Imposto Predial Territorial Urbano  
IRC – Igreja Renascer em Cristo  
ISAL – Igreja e Sociedade da América Latina  
ISER – Instituto Superior de Estudos da Religião  
ITEJ – Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus (designação original da Igreja Casa da Bênção)  
IURD – Igreja Universal do Reino de Deus  
MEPB – Missão Evangélica Pentecostal do Brasil  
MEP – Movimento Evangélico Progressista  
MP – Mensageiro da Paz  
MERCOSUL – Mercado Comum do Sul (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai)  
NAFTA – Tratado Norte Americano de Livre Comércio  
OMEB – Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil

- OPEN – Ordem dos Pastores Evangélicos de Natal
- PC do B – Partido Comunista do Brasil
- PDS – Partido Democrático Social
- PL – Partido Liberal
- PM – Polícia Militar
- PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
- PP – Partido Progressista
- PT – Partido dos Trabalhadores
- PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
- PTD – Partido Trabalhista Democrático
- PSB – Partido Socialista Brasileiro
- PSC – Partido Social Cristão
- PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
- PV – Partido Verde
- STTU – Secretária de Trânsito e Transportes Urbanos
- SMDC – Secretária Municipal de Desenvolvimento Comunitário
- SEMURB – Secretária Municipal de Urbanismo
- UMES – União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas
- UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

## 1.INTRODUÇÃO

Tratar da participação política de um segmento social ao longo da história é, sem dúvida, uma das atribuições de um historiador. Contudo, abordar a história de um segmento sócio – religioso em constante expansão demográfica, mas ao mesmo tempo, marginalizado na História oficial de nosso país é um desafio e tanto.

Em primeiro lugar pela escassez de fontes primárias e bibliográficas no campo da História, em segundo lugar pelo risco de acabar enveredando por outras áreas das Ciências Humanas tidas como separadas da História com a Sociologia e a Ciência Política.

Diante dos desafios expressos, procurei esmerar-me na pesquisa da bibliografia disponível, fazer um levantamento dos arquivos dos gabinetes dos vereadores, dos jornais de Natal, Tribuna do Norte, União, das monografias do Núcleo de Estudos Históricos, Arqueológicos e Documentação - NEHAD, nas revistas "Veja" e "Isto é", na internet nos sites das igrejas, da Câmara Municipal e historiográficos, bem como nas fontes orais que são importantes para o historiador que busca compreender a História imediata, através de entrevistas as lideranças eclesiásticas e políticas.

A minha pesquisa tem como proposta inicial, a análise do surgimento do pentecostalismo no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Norte. Em seguida procurei investigar a relação entre a religião e a política, em especial a participação do protestantismo pentecostal no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Norte. E por fim procurei no último capítulo identificar os vereadores eleitos no pleito de 2004 para a Câmara Municipal de Natal.

A questão da participação política é inerente a todo segmento social, ainda que pese sobre esse segmento uma certa tradição "apolítica", até porque o nosso processo eleitoral ainda não é democrático a ponto de facultar ao eleitor o direito de exercer sua cidadania. Sendo previstas inúmeras penalidades para aquele cidadão que não cumpre o seu "dever" cívico.

O Pentecostalismo, para mim, está inserido na tipologia protestante. E o termo protestante é aplicado no sentido lato senso ou será a todos os movimentos religiosos cristãos que não são católicos romanos nem católicos ortodoxos. Apesar de algumas

denominações não aceitarem o termo protestante e sim o termo evangélico, assim como os anglo – católicos, dentro da Igreja Anglicana, que nem se consideram protestantes, nem evangélicos. Contudo o termo Evangélico só será utilizado quando o autor que estou trabalhando utilizar como sinônimo de protestante. Já o termo Pentecostalismo, por sua vez, é uma referência a uma festa judaica chamada Pentecostes (cinquenta dias após a colheita), que segundo a narrativa do livro bíblico, Atos dos Apóstolos, no II capítulo, é a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos que começariam a fazer sinais, experimentar a xenoglossia (falar línguas estrangeiras sem o conhecimento da mesma e não glossolalia, ou seja, falar em língua desconhecida) e prodígios sobrenaturais. A tradição cristã considera o Pentecostes no calendário litúrgico a data da fundação da Igreja. O Pentecostalismo surgiu nos Estados Unidos, mas os traços iniciais do movimento podem ser identificados no século XVIII com o movimento metodista no seio da Igreja Anglicana com Jonh Wesley e os movimentos de santidade (*holiness*).

Contudo, entre ser eleitor e concorrer a uma vaga em um cargo eletivo, existe uma grande diferença. Segundo Freston (1994, p.9), os protestantes quando passaram a ter direito ao voto somente na denominada República Velha (1889 – 1930) limitavam-se no máximo a votar. Há registro de raros casos de parlamentares nos Estados e municípios e um caso no Congresso Nacional no final da carreira.

Como vimos, a participação política dos protestantes foi quase nula na República Velha, já com o advento da Era Vargas se abriria novas possibilidades, mas por outro lado teríamos uma maior participação da Igreja Católica Romana.

Diante dessa nova ameaça, Freston (1994, p.21-22), afirma que os protestantes, especialmente os presbiterianos, lançam um memorial em 1932 que recomenda que a voz dos protestantes se faça ouvir por aqueles que vierem a compor a Assembléia Legislativa e defendem o Parlamentarismo, o voto secreto e a não-realização de eleições aos domingos, o divórcio, o completo laicismo do Estado e do ensino oficial, entre outras. Dessa forma podemos perceber que essas propostas se afinavam muito com o Liberalismo e a social-democracia da época. Diante da admiração de segmentos expressivos do Catolicismo Romano pelo Fascismo, um protestante metodista, coloca-se no cenário nacional, era Guaracy Silveira (1893 – 1953), considerava-se um socialista-cristão e frisava a diferença com relação ao Comunismo.

Ainda segundo Freston (1994,p.24):

[...] Quando já doente, Guaracy retirou-se da política em 1950, a participação dos protestantes nas legislaturas era um fato[ ...] Em 1950, os protestantes elegeram pela primeira vez mais de um deputado federal. O número foi aumentando até o patamar de nove a treze deputados, quase todos das igrejas históricas.[ ...]

Nesse relato vemos o crescimento gradativo da participação política dos protestantes na Câmara Federal, o legado de Guaracy e a hegemonia das igrejas históricas.

Araújo (1976, p.67) afirma que: “*Entre as igrejas evangélicas, a Presbiteriana [Igreja Presbiteriana do Brasil - IPB] foi ... a mais comprometida com a Revolução (Sic.) de março [de 64] por causa das ligações dessa igreja com a classe média e por causa do prestígio que gozava nos meios políticos e militares*”. A Convenção Batista Brasileira, através de O jornal Batista, manifestou reiteradamente seu apoio ao novo regime. Freston (1994,p.26 ). Percebemos que as duas maiores igrejas protestantes históricas apoiaram o Regime Militar e essa atitude gerou alguns conflitos internos.

Para Freston (1994,p. 27), As igrejas pentecostais se aliaram ao regime, a única exceção foi a Igreja O Brasil para Cristo, que se manifestou contra o regime militar, e por sua filiação a entidades ecumênicas, tornava menos arriscada suas críticas ao regime, já que também se tornara aliada da Igreja Católica Romana.

Segundo Cavalcanti (2002, p.240):

[...] Os protestantes liberais, perseguidos durante a ditadura militar (1964 – 1985) pelo regime e pelas igrejas, se organizaram em entidades de pesquisa, como o CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), o Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), com respeitável produção acadêmica, mas reduzida ressonância no conjunto dos fiéis. A participação dos pentecostais na primeira eleição pluripartidária da abertura, em 1982, foi tímida, reduzida e individual. O Movimento Evangélico Pró-Constituinte foi organizado na maioria dos Estados. Várias denominações pentecostais lançaram candidatos oficiais, sendo vários deles eleitos, constituindo a maior representação de protestantes jamais vista no Congresso Nacional (34).[...]

Uma das maiores denominações protestante do Brasil, a Assembléia de Deus, - AD possui um jornal mensal de circulação nacional que já possui 75 anos e é “o Mensageiro da

Paz”, que, em 1986, apresentou a seguinte manchete segundo Freston (1994,p.39): “*A nossa igreja tem potencial para colocar um representante de cada Estado no Parlamento*”. Freston (1994, p.45) afirma:

[...] A AD, nas eleições de 1990, passou de um para treze parlamentares. Pelo menos vinte e um dos vinte e sete congressistas pentecostais, desde 1987, são candidatos oficiais. Somente os pentecostais trabalham com o modelo de candidatura oficial, pois a natureza sociológica das igrejas permite, ao contrário das Igrejas Históricas, que não exercem um controle sobre todas as áreas da vida dos fiéis.[...]

Segundo Freston (1994, p. 69), para a Assembléia Nacional Constituinte, dos trinta e dois evangélicos, dezoito eram pentecostais sem experiência política. O depoimento de um dos constituintes da denominação revela uma característica que os críticos atribuem a essa bancada: “*Eu sou mesmo fisiologista. Mas quem não é?*” (João de Deus Antunes, AD do Rio Grande do Sul). Atualmente, alguns integrantes da suposta bancada alegam que tudo não passou de uma invenção jornalística.

Segundo Queiroz (1998, p.120):

[...]No segundo turno da campanha para a presidência da República, em 1989, dentre os trinta e três deputados federais evangélicos, vinte e seis apoiaram o candidato Fernando Collor de Melo e apenas sete apoiaram Luís Inácio Lula da Silva. Isso equivale a 80% para Collor e menos de 20% para Lula, enquanto na população brasileira, em geral, havia uma divisão equilibrada entre Collor, com 53%, e Lula, com 47%.[...]

Esses dados podem ser explicados pelo fato de que os pentecostais associavam o Partido dos Trabalhadores (PT), do qual o candidato Lula fazia parte, ao Comunismo e este ao ateísmo que impediria a liberdade religiosa.

Como uma reação à corrupção e para apresentar a sociedade uma inserção política protestante de Esquerda, foi criado o Movimento Evangélico Progressista (MEP), fundado em 1990 que ajudou a organizar, em todo o Brasil, os Comitês Evangélicos Pró-Lula em 1989, 1994, 1998 e 2002. A maior representante política do MEP era uma pentecostal petista, Benedita da Silva e para o âmbito interno do MEP era o então Reverendo anglicano Robinson Cavalcanti, cientista político e professor da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Nas poucas referências ao protestantismo na historiografia de Câmara Cascudo, há uma menção aos Batistas, aos adventistas e à Igreja de Cristo. Não por acaso a AD e a

Igreja Batista estão entre aquelas que têm representação política no Executivo e no Legislativo, seja na esfera estadual, seja na esfera municipal. As novidades políticas ficam por conta da Igreja Universal do Reino de Deus-IURD e da Igreja Casa da Bênção - ICB

Os historiadores, sociólogos e antropólogos cabem estudar esses fenômenos religiosos que afetam o nosso cotidiano, já que através do campo religioso podemos perceber as mudanças de um país. E que já não se pode mais desprezar a atuação política dos pentecostais na Historiografia Brasileira que, aos poucos, vem abrindo espaço para pesquisas nesse campo.

### 1.1 O Pentecostalismo no mundo

Evidentemente esse fenômeno é complexo, não ocorre de forma homogênea no mundo e se apresenta extremamente diversificado. Geograficamente vemos o crescimento do Cristianismo protestante pentecostal na África, na América Latina e de forma reduzida na Ásia. Não podemos deixar de perceber que esse crescimento ocorre em regiões que foram colonizadas pelos europeus. Já na Europa, vemos o crescimento do Islamismo e das religiões orientais, enquanto em relação ao Cristianismo vemos que ele se torna cada vez mais restrito e decadente.

O pentecostalismo, em suas diversas formas, tem como ambição ser um poderoso movimento de Reforma (ou Avivamento<sup>1</sup>) que atravessa o mundo inteiro. Segundo GAO, Cortes, Dozon (2003, p.19), seria uma nova Reforma Protestante. O movimento atinge, em particular, a África e a América Latina. (GRO et al 2003, p.18)

Nesse contexto de mudança, existem dezenas de milhares, entre as quais várias centenas de firmas transacionais de pequeno, médio e grande porte. O movimento, como dito anteriormente, penetra também na Ásia - Coreia, Filipinas, Malásia, Indonésia, Timor Oriental, Burma e Índia.

<sup>1</sup> Os pentecostais utilizam-se do termo avivamento para falar da expansão do pentecostalismo pelo mundo e não o termo Reforma, que só é utilizado pelas igrejas protestantes históricas.

## 1. A EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA PENTECOSTAL: UM NOVO PENTECOSTES?

Para autores como Marx, Comte, Freud, Nietzsche que entendiam que o Ocidente caminhava a passos largos para um processo de secularização, no qual a religião tida como elemento primitivo, anacrônico, neurótico e alienante tenderia a desaparecer ou a se restringir cada vez mais a um pequeno grupo sem expressão social, política, econômica e cultural, o processo de *reencantamento* ou *ressacralização* da sociedade não deixa de ser uma surpresa histórica.

### 1.1 O Pentecostalismo no mundo

Evidentemente esse fenômeno é complexo, não ocorre de forma homogênea no mundo e se apresenta extremamente diversificado. Geograficamente vemos o crescimento do Cristianismo protestante pentecostal na África, na América Latina e de forma reduzida na Ásia. Não podemos deixar de perceber que esse crescimento ocorre em regiões que foram colonizadas pelos europeus. Já na Europa, vemos o crescimento do Islamismo e das religiões orientais, enquanto em relação ao Cristianismo vemos que ele se torna cada vez mais restrito e decadente.

O pentecostalismo, em suas diversas formas, tem como ambição ser um poderoso movimento de Reforma (ou Avivamento<sup>1</sup>) que atravessa o mundo inteiro. Segundo Oro, Corten, Dozon (2003, p.19), seria uma nova Reforma Protestante. O movimento atinge, em particular, a África e a América Latina. ORO *et al*( 2003, p.18)

Nesse contexto de mudança, existem dezenas de milhares, entre as quais várias centenas de igrejas transnacionais de pequeno, médio e grande porte. O movimento, como dito anteriormente, penetra também na Ásia – Coréia, Filipinas, Malásia, Indonésia, Timor Oriental, Burma e Índia.

<sup>1</sup> Os pentecostais utilizam-se do termo avivamento para falar da expansão do pentecostalismo pelo mundo e não o termo Reforma, que só é reivindicado pelas igrejas protestantes históricas.

E existem indícios que já chegaram à China. ORO *et al* (2003, p.18) faz referência a uma convenção evangélica em Los Angeles, em maio de 2001, que apontou a existência de sessenta milhões de pentecostais na China. “*Esse número é certamente exagerado; deveríamos contar vinte milhões. Fala-se de uma febre cristã.*” Freston (2001, p.101 - 105).

Na América Latina e na África, trabalha-se com estimativas prudentes de 100 milhões, atingindo em vários países mais de 10% da população e uma taxa de crescimento anual da ordem de 5%. ORO *et al* (2003, p.19) mostra que, segundo o pioneiro dos estudos sobre o pentecostalismo, Hollenweger, é a primeira vez que um grupo religioso passa, em menos de um século, de um punhado de adeptos para 500 milhões de fiéis. Esse número inclui as igrejas africanas independentes do tipo pentecostal, bem como os diversos movimentos carismáticos nas igrejas históricas, e ultrapassa, pois, o pentecostalismo reconhecido e reivindicado como tal.

Contudo, é cedo demais para afirmar que o pentecostalismo está destinado a ter uma influência na História do Hemisfério Sul como a Reforma do século XVI para os países ocidentais. O pentecostalismo atinge principalmente o Terceiro Mundo, assim como aqueles que uma série de mecanismos de exclusão tende a relegar a uma condição de cidadãos de segunda classe do Primeiro Mundo: os negros nos Estados Unidos, os ciganos na Europa, os imigrantes em toda parte. Sabe-se também da presença pentecostal no Leste Europeu.

O pentecostalismo conta com uma vintena de mega-igrejas de caráter mundial. As mais conhecidas estão nos países do Hemisfério Norte. Trata-se, em particular, das *Assemblies of God* (AD - Assembléia de Deus), que estariam presentes, segundo suas próprias informações, em 186 países e atingiriam trinta e cinco milhões de pessoas. Segundo ORO *et al* (2003,p.24): “*As AD norte – americanas não teriam mais que 1,5 milhões de adeptos nos Estados Unidos*”.

Segundo ORO *et al* (2003,p.24 ): “*Outras igrejas como a Church of God, a Church of God of Prophecy, a Four Square Gospel Church, a Church of God in Christ, a Rhema Church ou a International United Pentecostal Church, têm pretensões menores, mas chegam a reivindicar dez milhões de adeptos*”.

Foram essas igrejas originárias dos Estados Unidos e algumas outras muito poderosas nascidas na Grã-Bretanha (Apostolic Church) ou na Escandinávia (Igreja de

Pentecostes) que criaram seus pontos missionários em Porto Rico, México, Argentina, Brasil, Bolívia, Nigéria, Gana, África do Sul, Coreia etc.

Em suas três fases principais de crescimento, o pentecostalismo cola-se ao fluxo e ao refluxo da globalização. Nascida antes do reflexo de 1914-1950, afirma-se em 1950 e conhece um novo desenvolvimento a partir de 1980 e, principalmente, 1990. O desaparecimento da União Soviética e do Pacto de Varsóvia resulta em uma nova ordem internacional, sob a hegemonia de uma só potência, os Estados Unidos da América. A economia mundial passa a ser dominada por três grandes blocos: Comunidade Européia, NAFTA, Japão e Tigres Asiáticos, sob o domínio do Grupo dos Sete (G-7), ao mesmo tempo em que se formam grupos menores na periferia do sistema como o MERCOSUL.

Os Estados nacionais perdem importância como atores políticos, e o próprio conceito de soberania está questionado. Os blocos econômicos, a tutela dos órgãos internacionais de monitoramento, como o Banco Monetário Internacional e o Banco Mundial, o poder e o caráter transacional do capital resultam na fragilização das antigas estruturas, inclusive as religiosas como a Católica Romana e as Protestantes históricas, que têm perdido fiéis para as igrejas pentecostais.

A essa ameaça, os povos têm respondido com o fortalecimento do localismo, com o familismo, o tribalismo, o regionalismo, o nacionalismo, o fundamentalismo, o misticismo e o racismo. Existe uma discussão sobre a pertinência de aplicação do termo fundamentalismo ao pentecostalismo, já que ele se baseia prioritariamente na experiência e não em um texto sagrado. Concordo que o fundamentalismo pentecostal é diferente do fundamentalismo batista, mas acho pertinente a aplicação do termo fundamentalismo aos pentecostais já que estes fazem uma leitura literal da Bíblia e defendem todos os fundamentos defendidos pelos fundamentalistas protestantes americanos, pioneiros do movimento: a inspiração, a infalibilidade e a inerrância da Bíblia, o Criacionismo, a divindade de Cristo, o nascimento virginal de Cristo e os milagres, o sacrifício propiciatório de Cristo e sua ressurreição literal e física e seu retorno.

Segundo Cavalcanti (2001, p.110):

[...] As utopias foram pelo ralo, restando o desencantamento, o cinismo, o pragmatismo, o consumismo, que, aliados ao monopólio da mídia e da propaganda, resultam na crença na fatalidade, em um novo determinismo. O capitalismo inevitável e superior, no fim da história, vive o apogeu de um inesperado reavivamento.[...]

Nesse sentido, as igrejas pentecostais sempre se colocaram contra o Comunismo, por seu caráter ateu e castrador da liberdade religiosa e defensora do sistema Capitalista por ser aquele que dá liberdade para a propagação religiosa e por ter como baluartes países cristãos como os EUA, Inglaterra, Holanda, etc. Em relação ao desencantamento considero pertinente a colocação em relação às idéias socialistas e não a uma visão mística da realidade que os pentecostais continuam tendo.

Cavalcanti (2001, p. 111):

[...] Se, em uma visão dialética da história, toma-se a pré-modernidade, o medievo cristão, judaico e islâmico como o tempo-tese, centrado na ordem, na hierarquia, no dogma, na mística, atrofiadores da razão, e a modernidade ocidental, hegemônica com o imperialismo, como o tempo-antítese, da tirania da razão e da arrogância dos racionalistas, debate-se hoje, entre a insistência frustrante nos paradigmas modernos, o temor do regresso a uma nova Idade Média ou a possibilidade de uma pós-modernidade como tempo-síntese, em que se recupere e se respeite do além-racional das pessoas: seus símbolos, seu imaginário, seus sentimentos e emoções, sua mística, suas intuições, sua ludicidade, sua erotização.[...]

Nesse sentido o pentecostalismo, em suas várias vertentes, é uma forma de religiosidade pós-moderna já que está assentada sobre o imaginário de anjos e demônios, sobre o simbolismo de novas relíquias bíblicas( especialmente o neopentecostalismo ), de um culto emocional e porque não dizer lúdico, místico e erótico (Deus se manifesta por sensações no corpo do fiel).

Uma nova revolução tecnológica está em curso, particularmente nos campo da informática, das telecomunicações, da robótica, uma integração planetária das informações, cujos símbolos-instrumentos são a CNN e a internet, o caráter transnacional da empresas, a existência de um capital investidor volátil que desconhece fronteiras.

No campo religioso, a primeira forma de pentecostalismo transnacional desabrocha na corrente migratória hispânica nos Estados Unidos. ORO *et al* (2003, p.25) cita dois exemplos: de um lado Juan L. Lugo (1890 – 1984), um porto-riquenho instalado com outros imigrantes compatriotas no Havá que imagina e, em seguida, organiza a propagação de congregações pentecostais hispânicas em Porto Rico, na Califórnia, no Texas, no nordeste dos Estados Unidos, assim como em vários países da América Latina. O movimento lançado em 1916 fará nascer a Igreja de Dios Pentecostal.

Na mesma época, na fronteira do México com os Estados Unidos, Francisco Olazabal (1886 – 1937), um pregador pentecostal de origem mexicana, ganha influência no contexto revolucionário do México. Logo sua influência se estende aos Estados Unidos, entre a população Hispânica. Seu brilho faz com que seja apelidado de *grande asteca*. Olazabal e Lugo vão trabalhar juntos e assentar as bases de uma teologia popular no meio hispânico norte-americano.

Por outro lado, apesar dessa expansão econômica e religiosa transnacional, vemos o aumento da exclusão de áreas e populações, o desemprego estrutural crescente, a concentração de renda nos âmbitos internos e externos, as reformas constitucionais e infraconstitucionais tentadas em todo o mundo, com o propósito deliberado da redução dos direitos sociais, particularmente os trabalhistas e previdenciários são um campo fértil para a expansão de religiosidades que trabalhem voltados para a massa dos excluídos que só aumenta.

Na mesma época, na cidade de Monterrey, no Norte do México, um homem chamado Eusébio afirma que recebeu em 1926, em sonho, a missão de construir a igreja Luz Del Mundo. Estaria prescrito ao “novo messias”, Aaron, fundar a Igreja em Guadalajara. Essa igreja chegou a formar uma “*comunidade santa*” em 1952. Essa comunidade de vida religiosa e secular iria servir de modelo a seis outras colônias em Guadalajara. Com Samuel, sucessor de Aaron, em 1964 a Igreja Luz Del Mundo expande seu modelo em diversas cidades do México e em seguida ao exterior. De setenta e cinco mil membros em 1972, a Igreja passaria a 1,5 milhões e meio de membros adeptos em 1986. La Torre (2000, p. 69 - 93).

Número provavelmente aumentado, mas, da mesma forma como a Igreja Universal, a Igreja Luz del Mundo também se expande pelo mundo todo: na América Latina (em dezenove países), na América do Norte (Canadá e Estados Unidos), na Europa (em sete países), e mesmo na África (Nigéria, Berin, Togo). Também em Nazaré, mas em nenhum outro lugar da Ásia, segundo ORO et al (2003, p.26).

Numerosas igrejas de tipo pentecostais fundadas por latino-americanos possuem um caráter transnacional. Na Bolívia, duas redes de televisão transmitem programas religiosos 24 horas por dia (com um forte componente norte-americano, porto-riquenho e mexicano).

Na Argentina, a expansão do pentecostalismo para além das fronteiras intervém na década de 1980 com os ministérios Ondas de Amor y Paz, do pastor Hector Gimenez ou Mensaje de Salvación, de Carlos Annacondia ou ainda Visión Del Futuro, de Omar Cabrera Oro; Semán (2001, p.183). Na América Central, as cruzadas de evangélicos da mídia costarriquenha, como Raúl Vargas, Rony Chávez e Hugo Solis, concorreram com o estilo das grandes vedetes tele - evangélicas norte-americanas, como Jimmy Swaggart. Bastian (2001, p.215).

Na África são inúmeras igrejas transnacionais que cobrem vários países da África Ocidental, Oriental, Central ou do Sul. Entre as principais podemos destacar na África Ocidental a Deeper Life Bible Church, a Redeemed Christian Church of God, a Faith Bible Church e a United Believer in Christ Church, provenientes da Nigéria. Surgy (2001, p.42); na África Oriental, a Victory Church, a Life Messenger, provenientes de Uganda. Corten (2001, p. 67); e no Sul da África, a Apostolic Faith Mission. Englund (2001, p.240).

Segundo Van Dijk (2001, p.220), dentre as igrejas transnacionais da África, uma atenção especial deve ser dada à Church of Pentecost, originária de Gana. Além de ser uma das mais antigas do país, teria um número de adeptos da ordem de 250 mil, espalhados pelas 3.600 congregações.

Segundo ORO *et al* (2003, p.27), outra pesquisadora, Sandra Fancello afirma que da mesma forma como a Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, os pastores - dirigentes se atribuem à exclusividade da direção da igreja em todos os países.

O que não chegou a evitar cisões no interior de Gana, sobretudo com a Bethel Prayer Ministries Internacional. Gifford (2001, p.74) ou noutros países como a Costa do Marfim.

O pentecostalismo faz um apelo à emoção e consegue articular um discurso do sofrimento para as categorias sociais maltratadas pelas transformações econômicas e sócio-políticas. Dirige-se aos seus membros e oferece a cada um, fora de qualquer quadro hierárquico, o sentimento de existir como pessoa humana e de possuir controle sobre a sua vida.

Ao mesmo tempo, mantém as populações no universo familiar das crenças em poderes invisíveis, incluindo a feitiçaria; mobiliza no imaginário geopolítico universal

todos os recursos disponíveis para exorcizar as forças persecutórias que arrasam mental e socialmente essas populações.

## 1.2 Origens do pentecostalismo

Diante do exposto, cabe indagar quais seriam as origens e começo do pentecostalismo. As religiões nascem e mudam historicamente na relação com suas origens. Sem uma origem que forneça, permanentemente, sentido para o grupo religioso, este tende a desaparecer. É nesse sentido que as religiões procuram repassar e fixar suas origens nos textos sagrados que norteiam sua crença.

O Cristianismo tem uma forma característica de lidar com suas origens, construindo-as a partir da história. O tempo original da salvação vem da história. O mundo histórico e profano é elevado à grandeza da eternidade e à dimensão da sacralidade. As religiões arcaicas fazem a operação inversa: historicam suas origens por meio de narrativas míticas e dos rituais. Os rituais, de maneira particular, rompem com as distinções do ontem e do hoje, do temporal e do eterno, e fazem fluir um tempo contínuo.

Os pentecostais constroem sua identidade não a partir da história de seu movimento no início do século XX nos Estados Unidos, mas do paradigma do enredo de Pentecostes narrado no seu livro sagrado, a Bíblia. Para eles, o enredo é sempre atual e pode ser repetido cotidianamente pela oração do fiel em busca do “*Batismo com o Espírito Santo*”, que tem como evidência à glossolalia.

Esse tempo das origens é um tempo sagrado que se distingue do tempo profano como afirma Eliade (1999, p. 63 - 92). Para as Igrejas Históricas, o que se pode fazer em relação ao Pentecostes é celebrar a memória do tempo das origens hoje. A memória não rompe com o presente, mas transforma liturgicamente o tempo das origens em tempo presente.

Para o Cristianismo, há uma fusão do tempo sagrado e profano por meio de rituais. O tempo sagrado foi profanado e o tempo profano foi sacralizado. Essa tendência prevaleceu nos primórdios da igreja, na elaboração de seus dogmas principais, na canonização de seus textos sagrados.

Com o desenvolvimento histórico do Cristianismo, seja por seus contatos e misturas com religiões ligadas à natureza, seja pela crescente racionalização de seu culto, ou ainda pela afirmação política do poder religioso e temporal, traz de volta, e por inúmeras vezes e de diversas formas, a supremacia do tempo sagrado sobre o profano. Isso vai compor as representações e práticas da Cristandade Medieval, quando o tempo sagrado podia ser acessado pelas experiências místicas, pelo controle da natureza nos rituais populares ou pelos rituais político-religiosos da Igreja oficial.

Delumeau (1997, p. 45) relata que, na Idade Média, o monge Joaquim de Fiori (1130 – 1202), anuncia a chegada de uma terceira era na história da humanidade, quando se daria uma efusão do Espírito Santo. A primeira Era da história foi a do Pai, nos tempos do Antigo Testamento; a segunda foi a do Filho nos tempos do Novo Testamento e a terceira seria um tempo de felicidade, alegria e repouso. Esses ensinamentos atraíram seguidores, influenciaram os frades menores franciscanos e provocaram celeumas e contendas nas instâncias hierárquicas católicas.

Com a Reforma Protestante, busca-se um retorno às origens históricas do Cristianismo, o que, na verdade, significa uma recomposição do tempo original sagrado. O tempo da salvação de Jesus Cristo funda diretamente o tempo histórico das igrejas, que não passam por uma organização visível e livre dos cristãos no tempo profano. Essa é a principal sentença da Reforma, a relativização do papel da igreja – instituição na salvação humana.

No Protestantismo, a salvação não está na sua igreja, mas na sua fé individual em Cristo, sem a necessidade de mediadores humanos ou divinos: papas, bispos, sacerdotes, indulgências, relíquias, santos, etc. De forma especial com a doutrina da predestinação calvinista, o tempo das origens passa a determinar o tempo profano.

Com a Reforma surge a contestação do modelo eclesial de Cristandade. Emerge, no conjunto da Modernidade, como subjetividade religiosa que se constitui como direito de contato pessoal com Deus e interpretação religiosa sem mediação do Magistério da Igreja.

O pentecostalismo iria desenvolver posteriormente a linha da Reforma radical defendida por Tomaz Münzer, líder dos anabatistas. Segundo Dreher (1996, p.82 - 83):

[...] Todos os seres humanos têm em si a possibilidade de possuir o verdadeiro Espírito; essa possibilidade torna todos os homens

iguais [...]. A ação do Espírito elimina todas as diferenças, não só diante de Deus, mas de fato, pois o Espírito cria uma comunhão dos eleitos, por ele, e por meio dessa comunhão, uma nova realidade social.[...]

A Reforma Protestante inglesa, iniciada pelo rei Henrique VIII, mantém a estrutura institucional da Igreja Católica. Mesmo alterando alguns princípios a Igreja Anglicana vai conservar os traços burocráticos, a racionalização de seu culto, papéis e representações. É dentro desse quadro que surge, no século XVIII, o movimento metodista, reivindicando uma prática religiosa mais metódica, que provoque a conversão e adesão pessoal. Segue um dos sermões de Wesley (1994, p. 43, I, 3-4): *“Meu especial desejo, em primeiro lugar, é guardar aqueles que estão apenas começando a voltar-se para o céu [...] do formalismo da religião exterior, que quase conseguiu expulsar do mundo a religião do coração”*.

A Reforma Metodista de John Wesley no século XVIII vai repensar as origens do Cristianismo nos termos da teologia da salvação presente no Luteranismo, individualizado e sensibilizando a experiência da salvação. John Wesley dizia que quem é salvo recebe a graça da santidade, que se manifesta como alegria no Espírito. Esse conceito seria desenvolvido pelos pentecostais dos movimentos holiness (santidade) na elaboração da Teologia da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo. A santificação vem como um certificado da salvação no aqui e agora.

Passos (2005, p.48) afirmou que:

[...] De acordo com ela(a santificação), comenta Max Weber, alguém deste modo redimido pode, em virtude da própria graça divina já trabalhando em seu ser, obter, mesmo nesta vida, por uma segunda transformação espiritual, geralmente separada e muitas vezes súbita, a ‘santificação’, a consciência da perfeição, no sentido da libertação do pecado.[...]

Esse movimento de renovação apregoado por John Wesley ganha um novo fôlego na América do Norte, juntamente com outros grupos reformados já existentes, de tendência puritana e avivalista. O contexto propício não é só o de uma cultura saxônica transplantada e de um Estado laico que tolera a pluralidade religiosa, mas o de uma sociedade que sofre grandes transformações: fim do escravismo, processo de industrialização, crescimento urbano e crescente levadas migratórias. Grupos metodistas afirmam sempre essa necessidade de santificação em meio a esse contexto turbulento.

Esses grupos, denominados holiness, vão angariando membros de outras igrejas reformadas norte-americanas sem terem, ao menos de início, intenções de fundar uma igreja autônoma. De qualquer forma, o começo do pentecostalismo tem um tempo e um espaço demarcados: uma comunidade de negros na Rua Azusa em Los Angeles, em 1906.

Essa comunidade, dirigida por William J. Seymour, um pastor que animava uma espiritualidade entusiasta acima de raças e classes, produz uma interpretação da tradição metodista da santidade e insere um novo elemento além da conversão e santificação: o batismo no Espírito Santo. No dia 06 de Abril de 1906, após longa jornada de oração e imposição de mãos, um menino teria experimentado a glossolalia, sendo seguido por outros fiéis.

A cidade de Chicago foi um centro divulgador do movimento, que vai, desde então, apresentar-se como um grupo autônomo denominado pentecostal. Chicago, na emergência do pentecostalismo, era uma grande cidade industrial no início do século XX. Participa da dinâmica contraditória de apropriação-expropriação do espaço-tempo da metrópole em construção. Podemos pensar não só nas funções identitárias e relacionais da nova prática religiosa enquanto constituidora de grupos para os aglomerados de imigrantes, mas também de espiritual que confirma a empiricidade e imediaticidade da sociedade modernizadora, que cobra sempre mais a verificabilidade dos fenômenos que passam do esforço lento da produção de artefato para o produto industrial, quase instantâneo.

### 1.3 O pentecostalismo no Brasil

O pentecostalismo no Brasil, seguindo a tipologia já exposta de Freston (1994, p. 70), teria sua inserção em três ondas ou etapas. Embora tenhamos vivido um processo de modernização tardio se comparado aos países do hemisfério norte, ele ocorreu de modo acelerado e contraditório a partir da metade do século XX.

As levas contínuas de populações vindas do meio rural, trazendo consigo a religiosidade católica popular, adaptando-se ao novo contexto das grandes cidades, onde terão de refazer as dinâmicas de socialização e as suas representações religiosas.

Martins (1999, p.30) constata, no processo de formação social e cultural brasileiro que: “o novo ocorre sempre como desdobramento do velho” sem que haja rupturas radicais.

Especialmente no neopentecostalismo, vemos a adaptação à religiosidade popular brasileira, seja nos aspectos afros, seja no que concerne o catolicismo popular.

A primeira onda do pentecostalismo brasileiro (1910 – 1950) segue as trilhas do nosso processo de urbanização no início do século XX. Percebemos certa linearidade e regularidade, constituindo-se um período longo e de crescimento mais lento. Esse período é muito abrangente, iniciando-se no que tradicionalmente denominamos República Velha, passando pela Era Vargas e concluindo-se no final do governo Dutra. Os trajetos da AD e Congregação Cristã do Brasil - CCB seguem o da migração do Norte para o Sul, no caso da primeira ou da migração italiana, no caso da segunda, e o cenário principal de atuações seria o eixo Sul, concretamente as metrópoles em emergência. Os fundadores da AD (Daniel Berg e Gunnar Vingrem ) eram missionário suecos ligados a Igreja Batista e chegaram em Belém do Pará em 1910, e após uma cisma devido a questão da glossolalia (crença que o fiel pode através de oração de êxtase falar ou orar em línguas estranhas, supostamente pela influência do Espírito Santo ), fundaram em 18 de Junho de 1911 a Assembléia de Deus, com 17 dissidentes batistas. E de Belém do Pará a igreja espalhou-se por todo o Brasil.

O contexto da segunda onda (1950 – 1960) do pentecostalismo é a do crescimento industrial e da conseqüente concentração urbana, proveniente do êxodo rural, com seus cinturões de pobreza. Se a primeira onda nasceu entre os operários do Brás (CCB) e acompanhou a migração para a grande cidade (AD), num processo de adaptação às classes populares, a segunda onda é tipicamente urbana, refletindo o espírito metropolitano daquilo que Mariano (1999, p.32) chamou de deuteropentecostalismo. Como exemplo podemos citar a Igreja do Evangelho Quadrangular – IEQ (1951), Igreja o Brasil para Cristo- IBPC (1955), Igreja Pentecostal Deus é Amor – IPDA (1962) e Igreja Casa da Bênção – ICB (1964).

A Igreja Casa da Bênção também chamada de Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus – ITEJ, surgiu em 9 de Junho de 1964 em Belo Horizonte fruto de um movimento de “cura divina” realizado inicialmente nas praças da cidade pelo Missionário (que possui o título de Apóstolo ) Doriel de Oliveira que recebeu formação pentecostal na AD. Simultaneamente as atividades desenvolvidas nas praças , o missionário fazia programas de rádio. Segundo Marco (1999, p. 92) : “*Surgiram manchetes nos jornais da*

época dizendo que o Pastor Doriel tinha deixado a cidade porque Deus havia dado a ele a visão de que Belo Horizonte estava com seus dias contados e que seu fim seria através do fogo que deveria aniquilar toda a vida existente num raio de 150 quilômetros". A partir da comoção social que essas manchetes causavam os agentes da repressão dos militares prenderam o representante legal da igreja que o missionário tinha deixado em Belo Horizonte ,o "irmão" Ivo. Depois de voltar de Brasília, o missionário Doriel foi prestar esclarecimentos numa delegacia,o delegado concluiu que se o mundo fosse destruído pelo fogo,ele não poderia ter fugido para Brasília e por isso encerrou o processo e liberou o pastor. A partir desse depoimento vemos a que ponto chegava as paranóias dos militares. De Belo Horizonte e Brasília a igreja expandiu-se para Manaus ,no final dos anos 60.

Já a terceira e última onda do pentecostalismo começa a aparecer no contexto da "década perdida" de 1980 para os economistas,mas de conquistas para os movimentos sociais com as Diretas Já, a fundação do PT,da CUT entre outros.Seu lugar histórico é a megalópole com todas as suas contradições sociais, suas ofertas de bens tecnológicos e possibilidades de produção e reprodução simbólica. Tanto a IURD (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus – IIGD (1980) e a Igreja Renascer em Cristo - IRC (1986) nascem sob a égide da crise do modelo econômico liberal, que se consubstancia na necrópole do desemprego e da crise das políticas sociais, com suas conseqüências para as classes desfavorecidas.

Segundo Mariano (1999,p. 55)

[...] Após doze anos como membro da Igreja Nova Vida,em 1975,Edir Macedo,farto do elitismo desta igreja e sem apoio para suas atividades evangelísticas ( ... ) decidiu partir para vôos mais altos. Ao lado de Romildo Ribeiro Soares,Roberto Augusto Lopes e dos irmãos Samuel e Fidelis Coutinho,fundou a Cruzada do Caminho Eterno ( ... ) Antes de abri-la ,Macedo e Romildo Soares, que ainda não haviam exercido cargos eclesiásticos,foram consagrados pastores na Casa da Bênção pelo missionário Cecilio Carvalho Fernandes ( ... ) desentendendo-se com os irmãos Coutinho,Edir Macedo,Romildo Soares e Roberto Lopes fundaram a IURD em 9 de julho de 1977.[...]

Apesar de existirem vários livros acadêmicos que abordem a IURD, a mesma ainda não possui uma história acadêmica,nem mesmo uma histórica épica e religiosa como possuem a AD e ICB.No site nacional da igreja ,só encontramos uma página narrando a história da denominação. Segundo o site a igreja( [www.arcauniversal.com.br](http://www.arcauniversal.com.br)) também recebeu o nome de Igreja da Bênção, o artigo " O começo de uma jornada divina " aponta

para as dificuldades iniciais, onde o então Pastor Edir Macedo sem condições de alugar um imóvel iniciou suas atividades num coreto do Jardim do Méier. Depois disso foi alugada uma antiga fábrica de móveis no número 7.702 da Avenida Suburbana, que viria a ser o Templo da Abolição, com capacidade inicial para 1.500 pessoas. O site afirma ainda que *“a IURD é a igreja que mais cresce no mundo, destaca a ousadia e fé do jovem Pastor Edir Macedo e que num século em que a criminalidade, a insegurança e a discórdia imperam, a história da IURD é uma bonita história de amor”*. Os dados estatísticos que tive acesso não me permitem a confirmação dos percentuais de crescimento das igrejas. Como todo relato de história eclesial pentecostal, o caráter épico e romanceado não deixa de aparecer nesse relato.

#### 1.4 O Pentecostalismo no Rio Grande do Norte

No Rio Grande do Norte, Cascudo (1999, p.385 - 386), começa a tratar do protestantismo na Capitania do Rio Grande, dentro do contexto da invasão holandesa a Natal, faz referência a um culto luterano na antiga Matriz( que depois seria queimada pelos batavos ) em 18 de Dezembro de 1633, com pregação feita pelo pastor Johanna. Depois desse episódio, a referência ao protestantismo em terras potiguares só seria feita, pelo mesmo autor, entre 1879 e 1880 com a presença de missionários leigos Francisco Filadelfo de Sousa Pontes e João Mendes Pereira Guerra, que visitaram a terra distribuindo Bíblias, animando simpatizantes existentes, principalmente entre as famílias pernambucas. Enviados pelo iniciador do Presbiterianismo em Pernambuco, Reverendo J. R. Smith, que depois enviaria a Natal, o reverendo William Calvin Porter, que chegou em 1893.

Já as atividades dos fiéis das Igrejas Batistas, segundo Cascudo (1999, p.387), através do professor Panqueca, começaram em 1895. Ele foi ordenador Pastor e realizou os primeiros batismos por imersão nas águas do Baldo. A sede era uma casinha na rua João Pessoa, no primeiro trecho, outrora denominado rua do Sarmento. Em 1915, um oficial do Exército, da classe dos contadores, tenente Henrique do Nascimento Gonçalves, reiniciou a divulgação batista

Em relação ao pentecostalismo, Cascudo (1999, p. 388) afirma que *“Famílias vindas para Natal em 1914 trouxeram sua religião, com os ritos da Assembléia de Deus”*. Iniciou-

se o culto da Assembléia de Deus na humildade da Rua do Arame, no Bairro do Alecrim, aonde houve o primeiro culto público na noite de 24 de maio de 1918.

Antes, em 1915 – 1917, as pregações e orações eram feitas nas casas particulares dos fiéis. Tomando impulso e expansão, a Assembléia de Deus, com milhares de adeptos, construiu e inaugurou seu templo na Rua Manoel Miranda, no Bairro do Alecrim, a 24 de Janeiro de 1937, sendo pastor o Sr. Francisco Gonzaga da Silva. Segundo Araújo José (1996, p. 29 – 30), Entre os discípulos de Vingren e Berg (suecos pioneiros da AD em Belém do Pará), estavam dois potiguares: Antônio Felipe Bezerra e D. Luízinha Bezerra, aos quais somou-se Francisco Cezar (ex- presbiteriano), que juntos começaram os cultos na própria casa. A esse, o soldado Luís França (vulgo Lulu), que após culto realizado no dia 13 de janeiro de 1918, já contavam com dez fiéis. As poucas referências ao protestantismo na historiografia de Câmara Cascudo, há uma menção aos Batistas, aos adventistas e à Igreja de Cristo.

Outra Igreja pentecostal que tem representação política é a ICB, que no Rio Grande do Norte, segundo entrevista concedida ao autor (03/06/06), com o presidente estadual da denominação, Missionário Juarez Martins, afirmou que :

[...] A igreja iniciou suas atividades em março de 1981, quando veio uma família do Rio de Janeiro para residir em Santo Antônio (do Salto da Onça), que começou numa casa na Rua Salustiano Fagundes. Quando foi procurado e consultado, o Missionário Jaime Caieiro da Silva, que era o superintendente em Recife para a região do Nordeste, foi convencionado que a Igreja que começou numa casa seria sediada em Natal. Quando em 1º de Abril de 1981, o Missionário Jaime Caieiro veio fazer a inauguração oficial da igreja, que acabou de completar 25 anos. O primeiro pastor foi José Américo na Avenida Coronel Estevão e depois foi transferida para a Rua Manoel Miranda, 2030, no bairro do Bom Pastor, que é até hoje a sede estadual da denominação. [...]

Já a IURD é a mais recente das igrejas pentecostais como representação política no Estado, segundo entrevista do Bispo Francisco de Assis concedida ao autor (15/06/06) “*A igreja começou suas atividades em Natal na Avenida Deodoro da Fonseca no ano de 1982, sendo os primeiros pastores Jorge, José, Celso (tornou-se o 1º Bispo consagrado no RN) e Marcelo e os primeiros Bispos Gilmar, Marcos Rosa e Francisco Decote.*” O Bispo Francisco de Assis nessa mesma entrevista informou que a ata de fundação da igreja no Estado está em São Paulo, que é a sede nacional da igreja. Local que centraliza inclusive a movimentação financeira da Igreja, que neste ano de 2006, inaugurou um dos maiores

templos religiosos de nossa cidade, a “Catedral da Fé”, Situada na Avenida Senador Salgado Filho, 2525 no Bairro de Lagoa Nova, que comporta 3.800 fiéis sentados e possui ainda estúdio de Rádio e TV, apartamentos para os pastores, berçário, fraldário, estacionamento com trezentas vagas, sala de convenções e funciona também nesse prédio o “Projeto Ler e Escrever”, para os idosos, a Escola Bíblica Infantil e Associação Beneficente Cristã- ABC.

Podemos perceber que os pentecostais chegaram em 1914, no contexto da República Velha, que tinha como principal oligarquia dominante os Albuquerque Maranhão, na figura do seu líder Pedro Velho. Do ponto de vista econômico, nosso Estado dependia da produção da cana-de-açúcar no litoral e da cotonicultura no interior. E as relações sociais ainda eram para grande maioria não assalariadas (população branca, pobre e mestiça). Os efeitos das grandes secas traziam os migrantes para a nossa capital, que se aglomeravam em busca de frentes de trabalho. Nesse quadro de caos urbano, os pentecostais encontraram solo fértil para a disseminação de seus cultos, prédicas e congregações.

A esse quadro sócio-econômico podemos acrescentar o distanciamento da Igreja Católica Romana das comunidades formadas na periferia, até mesmo pelo reduzido clero diante da imensidão do seu “rebanho” e a elitização das igrejas protestantes tradicionais que não conseguiam atingir as massas iletradas e a própria liberdade de culto prevista pela Constituição de 1891.

### 3.0 PENTECOSTAIS: HOMENS DE DEUS NA POLÍTICA?

Desde o início do pentecostalismo no século XX, era consenso que os pentecostais devido a sua ascese e cosmovisão pré-milenarista<sup>2</sup> procuravam se afastar das coisas do mundo. A política de forma particular era estigmatizada com a frase: “crente não se mete em política”.

Do ponto de vista histórico-sociológico, é compreensível que no seu início um grupo numericamente minoritário não reivindique participação nas instâncias de poder na sociedade. Até porque, no início, o caráter sectário impedia qualquer relação entre os “ungidos do Senhor”, e os incrédulos (mundanos). Que outros fatores além do crescimento demográfico podem ajudar a compreender a aproximação dos pentecostais e a política?

Após a II Guerra Mundial, os protestantes europeus se afinariam cada vez mais com a democracia e a liberdade. Somente ficariam sob o comunismo mediante a força, como a Alemanha Oriental ocupada. Nos demais países optariam por partidos social-cristãos, social-democratas ou liberais. Na Suécia, por exemplo, os luteranos, no interior, apoiavam o Partido do Centro, os luteranos urbanos se voltariam ora para o Partido Social-Democrata ora para o Partido Moderata (conservador), enquanto as igrejas livres cerrariam fileiras em torno do Partido do Povo (liberal – social) e um grupo de pentecostais fundaria o Partido Democrata-Cristão.

Na Alemanha Ocidental, enquanto os católicos romanos criariam a coalizão democrata-cristã, a maioria dos protestantes se voltaria para o Partido Social-Democrata (que abandonaria suas pressuposições marxistas no Congresso de Godesberg, em 1952) ou para o Partido Liberal, embora no norte, uma forte ala protestante se faria presente no Partido Democrata-Cristão.

Na Holanda os protestantes reorganizaram o partido de Kuyper e os liberais e católicos teriam seus próprios partidos. Posteriormente, os três, em nível parlamentar, se uniriam em uma espécie de bancada cristã. No Velho Continente, a opção dos cristãos católicos e protestantes, após a II Guerra, era ou criar um partido confessional, ou integrar

<sup>2</sup> Doutrina da Teologia Cristã que defende que a segunda vinda de Cristo, ocorrerá antes de um período de mil anos ( milênio ). Essa corrente acredita que é estamos vivendo os últimos dias na terra.

uma organização cristã dentro de um partido não-confessional, como a irmandade do Partido Social-Democrata ou os círculos cristãos do Partido do Povo, na Suécia.

Nos Estados Unidos era mais difícil sair da polarização entre Evangelho Social versus Evangelho Individual. Enquanto o primeiro grupo de protestantes dá ênfase aos aspectos sociais da mensagem cristã, o segundo dá ênfase aos valores morais e espirituais. A partir dessas polarizações teológicas é que podemos entender as atividades políticas de Esquerda e de Direita Cristã.

Particularmente grave era a situação do sul dos Estados Unidos, regido por leis discriminatórias. O segregacionismo atingia seminários e igrejas, e tinha o apoio de políticos e religiosos brancos conservadores. É nesse contexto que, nos anos 60, o pastor batista Martin Luther King Jr. começa um movimento pela mudança na legislação. Entre os protestantes começou a proliferar uma série de instituições voltadas para o social. A campanha contra a guerra do Vietnã teve como um dos líderes o senador republicano Mike Hatfield.

O presidente Gerald Ford, membro da Igreja Episcopal<sup>3</sup> foi sucedido por um diácono da Igreja Batista e professor de Escola Bíblica Dominical Jimmy Carter, que baseou sua política na defesa dos Direitos Humanos. Ele seria sucedido por uma protestante menos engajado, Ronald Regan, demonstrando que a proposta político-econômica era mais importante que as afinidades teológicas.

### 3.1 A participação dos pentecostais na política no mundo

Na América do Norte, os pentecostais viriam a reforçar a chamada Direita Cristã. Essa, por sua vez, só pode ser entendida após conhecermos as principais fases do movimento fundamentalista nos EUA. Lopes (2002, p.11 -14) sistematizou essas fases da seguinte forma: Na fase inicial (1910 até meados da década de 1920) temos a publicação da série *Os fundamentos*, onde os protestantes conservadores de várias denominações históricas se uniram contra o Liberalismo Teológico, a Teoria da Evolução, a modernização dos costumes etc. Em 1920, o termo fundamentalistas foi empregado por conservadores da

<sup>3</sup> Episcopal se refere ao governo dos bispos, esta é a designação dada à igreja anglicana nos EUA.

igreja batista para designar aqueles que defendiam os pontos tidos como fundamentais, que já vimos anteriormente.

O objetivo nesta fase era expulsar os protestantes liberais das fileiras das igrejas antes que eles tomassem conta dos seminários. Nessa fase, a primeira incursão política teve como objetivo promulgar leis federais e estaduais, proibindo o ensino do Evolucionismo, sendo derrotados em 1925.

A segunda fase (1925 até meados da década de 1940) foi um período de separações eclesiásticas e organizações de associações dos conservadores. Como exemplo, podemos citar a Igreja Presbiteriana Ortodoxa (1936) e a criação da Associação Batista Conservadora da América (1947). Nesse período, o movimento começa a associar-se a valores morais da cultura americana, como a abstinência completa do álcool.

Na terceira fase (de 1947 até meados de 1970) o Fundamentalismo continua a batalha contra o Liberalismo, de fora das denominações e contra um novo inimigo, o Evangelicalismo<sup>4</sup>. É nesse período que os pentecostais reforçam a direita cristã. Os que se consideravam evangélicos saem do Movimento Fundamentalista para formar novas associações e igrejas evangélicas.

A quarta e última fase (1970 até meados de 1980) é marcada pela campanha de Ronald Reagan para a presidência dos EUA. Reagan ganhou proeminência por oferecer uma solução para a crise social, econômica, moral e religiosa da América que envolvia a legalização do aborto, a proibição da leitura da Bíblia, oração nas escolas públicas, etc. O combate agora era contra o humanismo secular e os males associados pelos fundamentalistas a ele: Evolucionismo, moralidade frouxa, perversão sexual, Comunismo e o ataque à autoridade da Bíblia como regra de fé e prática.

A manutenção dos republicanos no poder nos EUA (eleição de Bush pai), dos conservadores na Grã-Bretanha (Margareth Thatcher) e dos democrata-cristãos na Alemanha (Helmut Kohl), nos anos 80 representou uma guinada do mundo a direita e um recrudescimento da proposta capitalista. O Bloco Socialista dava mostra de esgotamento político e estagnação econômica e tecnológica, enquanto os movimentos revolucionários do

---

<sup>4</sup> Evangelicalismo ou neo-evangelicalismo é ala dentro do movimento fundamentalista, que defende os pontos ditos fundamentais, mas discordam do espírito separatista das primeiras gerações fundamentalistas.

Terceiro Mundo ou eram destruídos pelas ditaduras militares (Brasil, Argentina e Chile) ou demonstravam a impossibilidade de tomar o poder (El Salvador e Guatemala). A única exceção foi à Nicarágua, com a Revolução Sandinista, que integrou desde princípios marxistas, nacionalistas e cristãos.

A nação com o maior número de cristãos protestantes do continente africano construiu um rígido sistema de segregação racial – a *Apartheid*, consubstanciado no falso princípio dos “iguais, mas separados”, com um aparelho estatal nas mãos de uma minoria branca. Uma teologia de apoio ao sistema foi elaborada pela Igreja Reformada <sup>5</sup>, de origem holandesa, com o apoio de fundamentalistas. Entre os brancos de origem inglesa, mas liberais, estavam setores de oposição ao regime. Estes tiveram no arcebispo anglicano Desmond Tutu e no leigo metodista Nelson Mandela, suas figuras mais representativas. O processo de transição teve início com a adoção de uma *realpolitik* (*política real*) pelo presidente da República Frederik De Klerk, um leigo reformado.

Enquanto no Primeiro Mundo os *hippies* eram substituídos pelos *yuppies* (jovens executivos e empresários buscando a riqueza e vivendo no luxo, que seria um paradigma para a Teologia da Prosperidade <sup>6</sup>), a América Latina, como exceção, conhecia um avanço político, com o fim do ciclo de ditaduras militares da Doutrina da Segurança Nacional, redigindo novas constituições e realizando eleições diretas nos vários níveis.

Contudo, a inserção dos pentecostais na política na América Latina é ambígua. Segundo Tennekes, citado por Novaes (1985, p.8), em sua pesquisa sobre o movimento pentecostal na sociedade chilena, apresenta determinadas associações pentecostais que apoiavam o governo de Salvador Allende. Por outro lado, segundo Cesar (1999, p.103): “Os pentecostais apoiaram o general Pinochet e realizavam o culto de comemoração nos aniversários do golpe militar, com a presença do próprio”.

---

<sup>5</sup> Designação da igreja que segue a Teologia Calvinista na Holanda.

<sup>6</sup> Corrente da Teologia Neopentecostal que afirma a riqueza como herança dos cristãos e a pobreza como maldição demoníaca.

Na Guatemala, o voto pentecostal foi decisivo na eleição de outro general, Rios Montt, cujo governo acabou deposto. O mesmo fenômeno repetiu-se no Peru, na eleição de Fujimori. Como vimos, a inserção política dos pentecostais não é homogênea, mas podemos perceber que há uma maior afinidade com regimes políticos de direita e autoritários, o que é coerente com as suas origens dos movimentos de santidade e com a própria gestão de poder no pentecostalismo.

Convém recordar que apesar de alguns teóricos defenderem que os neopentecostais, na verdade, não são pentecostais e por isso utilizam o termo pós-pentecostalismo, Siepierski (2003, p.79) segue a mesma linha de Mariano (1999, p. 32 - 48) que aceita o termo neo-pentecostal para se referir as novas igrejas pentecostais. Dessa forma, quando me refiro à participação política dos pentecostais, considero as três ondas de Freston (1994, p.70), já que em todas elas existe a característica básica do pentecostalismo, que é a crença no Batismo com o Espírito Santo.

Depois de definido o termo pentecostal e sua abrangência, cabe uma definição de política. Weber (1968, p. 56): *“Entende por política, o conjunto de esforços feitos em vista a participar do poder ou influenciar a divisão do poder, seja entre os Estados, seja no interior de um único Estado”*. Considero pertinente esta definição, já que o que iremos estudar não é a política no sentido Lato Senso, que é o exercício da vida em sociedade, seja na família, nas vizinhanças, nas associações das mais variadas, sejam elas políticas, sindicais, esportivas, culturais ou religiosas.

Na definição de Azambuja (1979, p.1): *“Política, como substantivo ou adjetivo, compreende as ações, comportamentos, intuítos, manobras, entendimento e desentendimentos dos homens (os políticos) para conquistar o poder ou uma parcela dele, ou um lugar nele: eleições, campanhas eleitorais, comícios, lutas de partidos, etc”*. Essa definição é ainda mais apropriada, já que esta pesquisa se refere ao fenômeno político-eleitoral.

### **3.2 A participação dos protestantes na política no Brasil**

No Brasil, o primeiro projeto político protestante (Daniel Kidder, José Manoel da Conceição) foi à reforma da igreja nacional (separação de Roma e mudanças doutrinárias),

transformando o Brasil, de cima para baixo, em país protestante nos moldes europeus. Esse projeto contava com apoio de setores regalistas<sup>7</sup> e jansenistas<sup>8</sup> da Igreja Católica. Mas esse projeto foi logo substituído por outro, o transplante do denominacionalismo<sup>9</sup> Norteamericano, trazendo educação e progresso. Tinha o apoio de liberais brasileiro como Ruy Barbosa, que acreditava que o protestantismo traria a prosperidade industrial para o nosso país.

O Protestantismo histórico viria a trazer algumas contribuições culturais e intelectuais para o Brasil entre o final do Império e início da República. Segundo Souza;Martino (2004, p.58):

[...] O basquete foi introduzido no Brasil pela Associação Cristã de Moços (ACM) e desde logo praticado pelo Mackenzie College, hoje Universidade Presbiteriana Mackenzie. O Mackenzie foi também um dos pioneiros na prática do futebol. Os protestantes também trouxeram para o Brasil o Dia das Mães, as festas natalinas com o tradicional pinheiro, o Dia de Ação de Graças [...] quanto a cultura intelectual, o protestantismo produziu alguns nomes significativos como o gramático Eduardo Carlos Pereira (1855 – 1923 ); o romancista Otoniel de Campos Mota ( 1878 – 1951 ); Orígenes Lessa (1903 – 1986) que era membro da Academia Brasileira de Letras.[...]

As denominações protestantes que se implantaram no país na segunda metade do século XIX encontraram no liberalismo político um apoio contra as pretensões do clero ultramontano<sup>10</sup>. Houve cooperação entre liberais, maçons e protestantes contra o poder político da Igreja Católica Romana.

Contudo, *“A ética do protestantismo que se implantou no Brasil era interiorizada e individualizada ... de conformidade com as estruturas racionais e burocráticas ... uma ética de funcionários”* Alves (1982, p.94,127). Para a grande maioria dos protestantes, as limitações religiosas sobre a participação política nada acrescentavam às limitações que sofriam como cidadãos comuns.

Durante a República Velha, nenhum congressista era protestante. Mas há um caso de adesão no fim da carreira política. É o ex-senador Joaquim Nogueira Paranaguá (1855 – 1926). Segundo Émile (2002, p.98-99): *“Ainda católico, Joaquim se interessava, sobretudo, pelo aspecto social do protestantismo e particularmente a propaganda em favor da instrução e contra o alcoolismo”*. Temos também o caso do fazendeiro e pastor presbiteriano Natanael Cortez, que se elegeu deputado estadual no Ceará, em 1929.

Como vimos, a participação política dos protestantes foi quase nula na República Velha, já com o advento da Era Vargas se abriria novas possibilidades, mas, por outro lado, teríamos uma maior participação da Igreja Católica, com o surgimento do nacionalismo católico, que procurou associar catolicismo e brasilidade.

Diante dessa nova ameaça, os protestantes, especialmente os presbiterianos, lançam um memorial em 1932, que recomenda que a voz dos protestantes se faça ouvir por aqueles que vierem a compor a Assembléia Legislativa, e defendem o Parlamentarismo, o voto secreto e a não-realização de eleições aos domingos, o divórcio, a completa laicidade do Estado e do ensino oficial, entre outras. Dessa forma, podemos perceber que essas propostas se afinavam muito com o Liberalismo e a Social-Democracia da época.

Diante da admiração de segmentos expressivos do catolicismo pelo Fascismo, um protestante metodista, Guaracy Silveira (1893 – 1953) conseguiu canalizar esse novo potencial eleitoral, embora sem homologação oficial das igrejas. Elegeu-se pelo Partido Socialista Brasileiro e defendia a livre sindicalização, o salário mínimo e a nacionalização das jazidas minerais. Guaracy considerava-se um socialista-cristão e frisava a diferença com relação ao comunismo. Mas confessa: *“Meu partido era mal visto pela elite eclesiástica”* Silveira (1950, p.27).

Animados pelo exemplo de Guaracy, vinte e nove protestantes se candidataram a deputado federal ou estadual em 1934. Porém Guaracy foi o único eleito graças às bases não-religiosas. No Estado Novo, trabalhou-se na Divisão do Trabalho, chegando a sub-delegado em Santos. Já getulista assumido, participara das articulações do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. Desta vez, sua atuação foi diferente: como defensor dos interesses eclesiásticos, outro inimigo parecia mais ameaçador que a Igreja Católica: o Comunismo. Segundo Cruz (2000, p.41 – 92): *“Apesar de na década de 40, vários pastores se filiam ao PCB, concorrendo inclusive a cargos eletivos em alguns Estados”*.

Quando já doente, Guaracy retirou-se da política em 1950; a participação dos protestantes nas legislaturas era um fato. Em 1950, os protestantes elegeram pela primeira vez mais de um deputado federal. O número foi aumentando até o patamar de nove a treze deputados, quase todos das igrejas históricas. Alguns destes tinham eleitorado basicamente protestante, outros não, uns recebiam apoio dos líderes de suas denominações, outros não, mas nenhum tinha o endosso oficial de qualquer igreja. Defendiam os interesses

protestantes, mas geralmente de maneira discreta. A Conferência Evangélica Brasileira criou um setor de responsabilidade social, que organizou a famosa Conferência do Nordeste (Recife, 1962), que teve entre os palestrantes Celso Furtado, Gilberto Freire entre outros na qual foi debatido o tema : “*Cristo e o processo revolucionário brasileiro*” e no ano seguinte foi lançado o Manifesto dos Pastores Batistas (Vitória -ES), que defendia reformas de bases na vida nacional para combater atual distribuição de riquezas.

Passado o período democrático, os protestantes entrariam em uma fase de sua história política que marcaria negativamente sua influência. Os debates sobre questões sociais nos jornais das igrejas históricas cessam abruptamente, com exceção da Igreja Metodista, que se manteria aberta até 1968.

Araújo (1976, p.67) afirma que: “*Entre as igrejas evangélicas a Presbiteriana [Igreja Presbiteriana do Brasil - IPB] foi [...] a mais comprometida com a Revolução (Sic.) de março [de 64] por causa das ligações dessa igreja com a classe média e por causa do prestígio que gozava nos meios políticos e militares*”. A Convenção Batista Brasileira, através do jornal Batista, manifestou reiteradamente seu apoio ao novo regime, negando o Manifesto de 1963. O presidente dos EUA, Carter, empenhado numa política dos direitos humanos, evitou reunir-se com os batistas brasileiros quando visitou o país.

Segundo Nascimento (2003, p.62) :

[...] Nos anos 60, essa correlação protestante – burguês – progresso começa a ser questionada no interior do próprio movimento. Em 1964, sob a liderança do teólogo Richard Shaul, é criado o movimento conhecido como ISAL ( Igreja e Sociedade na América Latina ).

A Igreja Católica, que no início do golpe foi uma leal colaboradora, em maio de 1970, a Assembléia Geral da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, já falava a respeito de torturas. A única instituição protestante em situação semelhante era a luterana (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil -IECLB). É significativa a aliança da IECLB com a Igreja Católica em questões políticas e sociais.

---

<sup>11</sup> Contudo no final da década de 70, o líder da IBPC, Manoel de Melo, manteve vínculos eleitorais com o partido que apoiava o regime militar. Seu progressismo era de consumo externo e teve pouco impacto na igreja.

As igrejas pentecostais se aliaram ao regime, a única exceção foi a Igreja O Brasil para Cristo, que se manifestou contra o regime militar<sup>11</sup>, e por sua filiação a entidades ecumênicas, tornava menos arriscada suas críticas ao regime, já que também se tornara aliada da Igreja Católica

Assim como houve colaboradores protestantes do regime, inclusive Burity (1990, p.232) afirma que: “*Líderes que deram listas de ‘subversivos protestantes’ aos órgãos de repressão*”; também houve opositores ativos. Dois casos famosos são os irmãos Paulo e Jaime Wright, filhos de missionários presbiterianos dos EUA. Paulo, deputado estadual em Santa Catarina, foi casado, entrou na clandestinidade e desapareceu nas mãos dos órgãos de segurança em 1973.

Jaime escolheu outra modalidade de resistência, associou-se com D. Paulo Evaristo Arns na área de Direitos Humanos e propuseram a pesquisa que deu origem ao livro *Brasil Nunca Mais*, uma documentação e denúncia da prática da tortura pela ditadura.

Entre 1946 e 1987, cinquenta protestantes tomam assento no Congresso, exercendo um total de 108 mandatos. Porém, não há aumento significativo da representação protestante durante a ditadura militar. Na legislatura de 1963 – 1967, tínhamos treze parlamentares protestantes e na de 1983 – 1987 chegou a dezessete, a maior quantidade do período. Freston (1994, p. 29 – 30).

Em termos de igreja, a ampliação do leque é lenta: de cinco na legislatura 1951 – 1955 para oito na de 1979 – 1983. Há quatro fases, conforme a igreja predominante: de 1933 a 1951, uma fase metodista; de 1951 a 1975, uma fase presbiteriana; de 1975 a 1987, uma fase batista e de 1987 até hoje, a fase pentecostal.

### 3.3 A participação dos pentecostais na política no Brasil

Concentremos-nos na última fase, que é a que mais nos interessa. Em relação a participação em movimentos sociais, segundo Nascimento (2003, p.62),

[...] Nos anos 30, muitos protestantes tentaram a síntese entre a foice, o martelo e a Bíblia. Assim fizeram os militantes nas Ligas Camponesas, particularmente os batistas e assembleianos (fiéis da AD). Citando o depoimento de Francisco Julião, a grande liderança das Ligas nessa época diz que esses trabalhadores assumiram cargos na diretoria e todos eles tiveram uma atuação destacada nas lutas dos trabalhadores rurais. O próprio Francisco Julião fez a seguinte interpretação da forte presença protestante nas Ligas: “O camponês que

entrasse numa Liga não podia entrar na Igreja (Católica). Agora naquele momento os pastores realmente prestavam um serviço à nação. Antes do Concílio Ecumênico ( Vaticano II) a religião protestante ,ainda,era muito perseguida no Brasil.Então eu dizia : vocês são a religião oprimida.Os camponeses estão sendo oprimidos.Por que não se junta comigo pra fazer um trabalho no campo? Podem cantar seus hinos,recitem os trechos dos Grandes Profetas,e fazemos um trabalho em conjunto.Peguem a Bíblia que eu vou com o Código Civil.Iso deu certo,em pouco tempo os camponeses encheram esse vazio,mesmo sendo analfabetos recebiam sua Bíblia (...)Vi que muitos camponeses estavam preocupados com essa coisa de perder a alma,de não poder se confessar,batizar os filhos,casar na Igreja,e que era um problema sério”.[...]

Historicamente é interessante notar que essa participação pentecostal tida como subversiva é esquecida em muitas obras de referências sobre o pentecostalismo.

Essa fase pentecostal propriamente dita tem a sua pré-história nos anos 50, quando os pentecostais começam a ser procurados por políticos, não para eleger seus próprios membros, mas para apoiar não-pentecostais.

A IBPC, além de pioneira no Ecumenismo entre os pentecostais, também seria a pioneira na política pentecostal. Manuel de Mello, fundador da igreja, apoiou Adhemar de Barros para prefeito, ganhando um terreno para construir um templo de alumínio e depois de eleito pressionado pelo clero católico, o demoliu. A partir de então, ele parte para outra estratégia: a eleição de candidatos próprios. Levy Tavares é o único exemplo neste período da carreira que se tornaria comum em 1986, a de candidato oficial de uma igreja pentecostal.

Esse pioneirismo político não foi seguido por outros pentecostais durante quase um quarto de século. As razões desse pioneirismo podem ser buscadas no fato de que a IBPC foi a primeira grande igreja pentecostal fundada por um brasileiro; não tinha o peso de uma tradição apolítica; tinha concentração eleitoral em um Estado e este era justamente São Paulo, politicamente o mais aberto do país. Mas o conceito de líder carismático descrito por Weber (1991, p.158) teve um peso fundamental. Diferentemente da oligárquica AD, a IBPC podia entrar na política pelo desejo de um só homem. Os líderes atuais costumam fazer uma distinção entre IBPC na época do movimento de fundação e o posterior após a morte de seu líder.

Antes da explosão política pentecostal em 1986, alguns fatos históricos são importantes: Na Campanha das Diretas-Já, não há mobilização pentecostal, a Convenção Geral da AD em 1981 decidira que “o ministro (pastor) titular que deseje exercer a política

*partidária [...] se licencie das atividades pastorais*". Atualmente, essa determinação vem sendo entendida da seguinte forma: se for eleito, se licencie. Enquanto está disputando a vaga, não há problemas. Em 1982, o Partido Democrático Social -PDS, de Marco Maciel, filiou mais de 200 pastores pentecostais. Em São Paulo, Paulo Maluf conquistou o apoio de Manuel de Mello, líder da IBPC e seu filho foi candidato pedessista.

Não foi só o PDS, mas todo o leque ainda limitado de partidos apresentou candidatos protestantes. O único vereador carioca da AD foi eleito pelo PDT, que percebeu a força eleitoral dos pentecostais. Houve candidatos pentecostais pelo PT na zona fluminense. Um candidato petista em São Paulo usou o *slogan*: "*Trabalhador pentecostal vota em trabalhador pentecostal*".

Em suma, o início do pluripartidarismo e a crise do regime militar intensificaram a disputa eleitoral em torno dos protestantes. Líderes das várias igrejas pentecostais se deixaram recrutar, na maneira clássica, como cabos eleitorais. Havia candidatos avulsos que diziam: "*evangélico vota em evangélico*". A idéia não era nova: em 1978, o Mensageiro da Paz -MP (Jornal informativo nacional da AD) afirmara que "*crente vota em crente*". Gonçalves (1990, p. 82).

Contudo, dificilmente poderíamos ter a certeza de que um candidato foi eleito somente com os votos dos seus correligionários. Mesmo quando das candidaturas oficiais pelas igrejas, não se pode contar como certo, já que o voto não é mecânico e sua retórica pode e deve extrapolar os limites de sua religião.

Na sua Convenção Geral, a AD, em janeiro de 1985, vários líderes falaram da importância da Constituinte. Para vencer a resistência ao antigo apoliticismo, foi estratégica a presença de políticos protestantes de outras denominações, como Íris Rezende e Daso Coimbra, pedindo que a AD se envolvesse.

A decisão tomada foi apresentada no órgão oficial da AD em linguagem que visava superar resistências: "*O compromisso da igreja não pressupõe um envolvimento político-partidário, pois a nossa segurança está em Deus; mas representa um esforço da igreja manifestar suas benéficas influências nas mais altas esferas da vida pública*". Essa decisão pode ser considerada a justificativa ideológica para a mudança de um apoliticismo para uma participação engajada no processo político eleitoral por parte não só da AD, mas dos pentecostais como um todo. Além disso, podemos perceber a retórica religiosa tentando

escamotear o envolvimento político-partidário da igreja, além da visão que os pentecostais têm sobre eles mesmos e sua influência na sociedade, e, por fim, seu objetivo final que é chegar às mais elevadas esferas da vida pública – leia-se executivo federal.

Em 1986, os pentecostais realmente despontam como fenômeno político. Dois depoimentos, um do jornal oficial da AD e outro de um candidato da AD à Constituinte, são reveladores dessa mudança quanto à política dos pentecostais. Freston (1994, p.39) registrou os dois: o Mensageiro da Paz, que trazia a seguinte notícia: “*A nossa igreja tem potencial para colocar um representante de cada Estado no Parlamento*”; já João de Deus Antunes afirmou: “*É tempo de agir, pois esta pode ser a última Constituição antes da volta de Cristo*”. Vemos, na primeira declaração, a consciência demográfica denominacional que aponta para uma realidade pragmática: a conquista do poder político. Na segunda declaração, vemos o caráter pré-milenarista e utilitarista e messiânico da crença religiosa pentecostal.

Na formação da Comissão de Estudos Constitucionais, presidida por Afonso Arinos e encarregada de fazer um anteprojeto da Constituição, os pentecostais ainda não fizeram sentir sua força. Após a nomeação de um representante da CNBB, a Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil – OMEB indicou o nome do Reverendo Guilhermino Cunha, pastor da Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro. Mas os pentecostais não se contentariam com a presença de um protestante histórico representando o segmento. Nesse sentido, eram necessários intelectuais orgânicos da política pentecostal para acompanhar a mudança das igrejas.

A mudança da AD, em 1986, teve repercussão: o livro *irmão vota em irmão*, do líder assembleiano e assessor do Senado Josué Sylvestre. O livro usa fortes recursos retóricos para convencer os protestantes a votarem nos protestantes. Trechos da Bíblia são utilizados: “*quem sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado*” e “*amai-vos uns aos outros*” em apoio a sua tese. Sylvestre (1986, p. 53 – 54): “*Bastaria o argumento do amor cristão para fazer com que os crentes votassem nos crentes. Porque quem ama não quer ver seu irmão derrotado [...] Crente vota em crente, porque, do contrário, não tem condições de afirmar que é mesmo crente*”.

O resultado foi satisfatório para a AD. Em dezoito estados ocorreram a oficialização de candidatos, sendo que, em catorze, escolheram membros da AD e em quatro, membros

de outras igrejas pentecostais. Desses dezoito, quatorze se elegeram e um suplente assumiu após o término da Constituinte.

A IEQ seguiu o exemplo da AD. A Convenção de 1985, contrariando a orientação do presidente norte-americano da igreja brasileira, optou por apresentar candidatos oficiais. Seis Estados apresentaram candidatos, sendo eleitos dois federais e dois estaduais.

A terceira igreja pentecostal de importância política é a IURD. A igreja tem uma visão ousada de penetração em espaços culturais e sociais, o que torna necessário o apoio político. O sistema de governo da IURD, por ser episcopal (hierárquico), facilita o processo político, pois basta uma indicação do bispo Edir Macedo, não sendo necessário trabalhar o próprio nome entre as lideranças locais e as bases, bastando convencê-las da necessidade de ter alguém da igreja na política.

A Igreja Casa da Bênção apesar de entender que o poder temporal é antagônico ao poder espiritual, acredita que precisa ter seus agentes no legislativo, no executivo e no judiciário, para evitar leis injustas, governos que a perseguem e decisões injustas.

Santos ( 2004, p. 187 ) justifica da seguinte forma a participação política da igreja :

[...] Diante do crescimento da obra, a liderança da casa da bênção viu a necessidade de organizar o seu projeto político, a nível nacional, orientado pelo Supremo Concílio. Nesse sentido é de suma importância a orientação política a nível municipal, estadual e federal para que a Casa da Bênção tenha reais condições de lograr êxitos nos pleitos, selecionando candidatos comprometidos com a organização e, uma vez eleito, não se sirvam apenas do cargo e venham abandonar seus compromissos com a igreja que o elegeu. Assim, o acompanhamento do Supremo Concílio é um apoio ao candidato eleito para que o mesmo tenha uma retaguarda espiritual e possa ser reeleito. [...]

Essa justificativa mostra claramente em primeiro lugar que a igreja tem um projeto político bem definido, em segundo lugar visa à chegada ao poder em todas as esferas e que uma vez eleito o candidato deve prestar contas dos seus mandatos à igreja que supostamente o elegeu.

Duas grandes igrejas pentecostais se mantiveram longe da política: a IPDA, fundada em São Paulo por Davi Miranda em 1962, que leva mais longe o moralismo casuísta e atrai a membresia mais pobre de todas as grandes igrejas; sua liderança é muito personalista, não colabora com outras igrejas protestantes, rejeita a televisão e investe pesado no rádio como forma de proselitismo; essa característica apolítica pode mudar de repente, pelo desejo do fundador ou na hora de sua sucessão; e a CCB, fundada por um italiano emigrado para

Chicago, que é o principal bastão pentecostal de oposição a política eleitoral. Afirma o dever de votar, mas nunca indica candidatos ou permite que estes falem na igreja. Esse apoliticismo se apóia em várias características da igreja. A CCB rejeita todos os métodos massivos de divulgação como rádio, televisão, pregação ao ar livre e a literatura. A evangelização acontece nos templos e em contatos pessoais.

Analise agora, brevemente, as causas básicas da politização das lideranças pentecostais. A nova postura não foi o resultado de mudanças teológicas, os pentecostais continuam sustentando a velha escatologia<sup>12</sup> dispensacionalista<sup>13</sup> da iminência do fim e do avanço inevitável do mal em cumprimento das profecias dos livros do profeta Daniel e do Apocalipse. Em primeiro lugar, a posição do clero pentecostal, os principais beneficiários da nova política corporativa, têm sido os próprios líderes; ela estende a ascensão social das famílias pastorais. Em segundo lugar, visa igualar o status do pastor pentecostal, alta na igreja e baixo na sociedade. Embora afirmem desprezar as opiniões mundanas, muitas vezes a aceitam quando favoráveis.

A política também facilita o acesso à mídia, que é outra maneira de estabelecer lideranças em um contexto de constante expansão. Os líderes da AD usaram a idéia de uma ameaça à liberdade religiosa. Freston (1994, p.65):

[...] Tínhamos informações de que a CNBB estava com um esquema armado para estabelecer a religião católica com a única religião oficial. A Igreja Católica dará apoio a deputados católicos, ateus, comunistas e até satanistas, desde que sejam contra os pentecostais. [...]

De fato, esse tipo de teoria conspiratória é muito comum no meio protestante. Boatos semelhantes ocorreram nas eleições de 1989, 1994 e 1998 contra Lula

Segundo Leonildo (1997, p.462): *“Num contexto de intenso medo, é comum o surgimento de boatos. Dizia-se, em tom de certeza, que Lula e o PT iriam ‘comunizar’ o Brasil, eliminar a liberdade religiosa e promover uma perseguição aos crentes”*.

<sup>12</sup> Segmento da Teologia Cristã que estuda o final dos tempos ou parousia ( retorno de Cristo), o Juízo Final e a Ressurreição.

<sup>13</sup> Crença que ao longo da História já ocorreram várias dispensações ( pactos) de Deus com a humanidade.

As eleições 2002 já começaram com uma diferença sensível no campo religioso; o Partido Liberal – PL, que aglomera segmentos expressivos da IURD, inicia a campanha em coligação com o PT, indicando o vice-presidente na chapa de Lula. Outros segmentos pentecostais, como a AD, preferiram apoiar Garotinho no primeiro turno e José Serra no segundo.

As eleições presidenciais de 2002 foram realmente bem diferentes em relação à participação política dos protestantes. Em primeiro lugar, o candidato Luís Inácio Lula da Silva, que nas eleições anteriores sofrera dura crítica e forte oposição das igrejas pentecostais, passou a ter o apoio da IURD. Nas eleições presidenciais de 1989, as maiores igrejas pentecostais do Brasil apoiaram Collor. O presidente da Convenção Geral da Assembléia de Deus afirmou no *Jornal do Brasil* (16/10/89) que “o governo de Collor seria marcado pela seriedade que o acompanha”. O deputado estadual da Igreja do Evangelho Quadrangular, Daniel Marins (*Estado de São Paulo*, 03/12/89): declarou: “Votem em Collor, homem culto, honrado, patriota, estadista e de princípios cristãos”. E o Bispo Edir Macedo, em entrevista a revista *Veja* (06/12/89) afirmou que: “Collor fará um excelente governo”.

Outro fato histórico interessante é o reaparecimento de um candidato dos protestantes à presidência da República, Anthony Garotinho, o que tinha sido tentado em 1989, com o pré-candidato Íris Resende, da Igreja Cristã Evangélica, que acabou sendo derrotado nas prévias da Convenção do PMDB.

Como sabemos Anthony Garotinho não foi eleito presidente, apesar de ter alcançado uma expressiva votação de 15 milhões de votos no primeiro turno e no segundo turno resolveu apoiar o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva. Contudo, Garotinho mudaria de partido, do Partido Socialista Brasileiro – PSB para o Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB e rompeu com o Governo Federal, alegando, entre outros fatores, a falta de recursos para o governo do Rio de Janeiro, governado pela sua esposa, Rosinha Garotinho.

### 3.4 A participação dos pentecostais na política do Rio Grande do Norte

No Rio Grande do Norte, a mobilização política dos protestantes é recente. Em relação aos movimentos sociais, relatado por Nascimento (2003, p.62),

[...] No Rio Grande do Norte temos um caso curioso, o de Manoel Torquato, um dos líderes da guerrilha comunista de Mossoró, surgida com a repressão ao Sindicato do Garrancho. Sobre ele recaia o estigma de dois “pecados” para a época: o de ser comunista e ex-protestante, portanto pesava sobre ele a acusação de que renegara os idéias de Martinho Lutero para abraçar os de Marx e Lênin[...]

Esse líder revolucionário potiguar foi assassinado, dentro do contexto da repressão sofrida pela Insurreição Comunista de 1935. Manuel Torquato era membro do Partido Comunista e procurado pela polícia.

Já em relação a participação política partidária, Segundo o Vice-governador do Estado do Rio Grande do Norte e Pastor da Assembléia de Deus - AD, Pr. Antônio Jácome em entrevista concedida ao autor (06/10/05), um dos primeiros vereadores, o Presbítero Epitácio Rodrigues, seguido do vereador Epitácio Nunes na década de 60. Ainda segundo Dr. Antônio Jácome, em 1988, a Câmara contava apenas com dois vereadores pentecostais, ambos da AD, o próprio e a Dra. Verônica. Ele ainda me confirmou que no ano de 2004 foi eleita a maior bancada de protestantes, cinco no total, sendo um de igreja histórica (Batista) e quatro de igrejas pentecostais (dois da Igreja Assembléia de Deus, um da Igreja Casa da Bênção e da Igreja Universal do Reino de Deus - IURD).

Na Legislatura passada na Câmara Municipal (2000 – 2004), chegaram a assumir dois vereadores protestantes pentecostais: o Pr. Júnior Medeiros da IURD e o atual deputado Joacy Pascoal da AD e o sargento Siqueira (ICB) que assumiu em 2003.

Em entrevista ao autor (22/03/06), o Vereador Bispo Francisco de Assis, afirmou:

*“Eu vim para cá em 1988 (veio em 1988) e sou praticamente um dos fundadores da Igreja Universal aqui. Porque tinha pouquíssimas igrejas e eu, em 1992, lancei o primeiro candidato a vereador aqui em Natal da Igreja Universal, o Dr. João Gomes, já falecido, que não foi eleito”.*

O Bispo vereador foi o único da chamada Bancada Evangélica do Palácio Padre Miguelinho, que acrescentou um dado novo as escassas fontes históricas sobre a participação do segmento pentecostal na política no nosso Estado.

Como vimos que há aproximação dos pentecostais com a política, foi se dando paulatinamente no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Norte, e hoje, apesar da crise de credibilidade dos políticos no meio pentecostal, não podemos negar que eles se constituem uma força política capaz de desequilibrar uma eleição seja em que nível for.

#### 4.0 PENTECOSTAIS NAS ELEIÇÕES 2004: FÉ PARA MUDAR?

Todas as pesquisas exploratórias realizadas demonstram que o ano de 2004 foi um ano excepcional para os políticos protestantes, especialmente para os pentecostais. Nunca, na História da cidade de Natal, tivemos mais de dois parlamentares protestantes na Câmara Municipal de nossa cidade.

Nas eleições 2004, um fato histórico ocorreu: os natalenses elegeram, dos vinte e um vereadores, cinco vereadores protestantes, sendo quatro desses pentecostais. Antes de tratarmos da eleição 2004, se faz necessário entendemos o contexto nacional e regional em que ocorreu esse fenômeno político.

##### 4.1 O contexto político nacional das eleições 2004

No início do ano de 2004, o jornal *Folha Cristã*<sup>14</sup> (1 a 30/04/2004, p.4) noticiou que

[...] a Convenção Geral das Assembléias de Deus – CGADB, por meio do seu conselho político, vem realizando vários fóruns regionais no País, intitulado *Fórum Regional Cidadania AD Brasil*, para orientar pastores, pré-candidatos e parlamentares eleitos (vereadores, prefeitos e deputados estaduais e federais) quanto à linha de ação que devem tomar frente às próximas eleições municipais, em 2004, e presidenciais, em 2006.[...]

Como vimos, a AD, desde o início do ano eleitoral, procura conduzir o processo político de forma a atingir seus objetivos corporativistas. Nessa mesma ocasião, Anthony Garotinho pediu perdão aos pastores e líderes evangélicos por ter votado no candidato Lula da Silva. A partir desse fato, podemos perceber que a aliança de segmentos protestantes com o PT sofreu uma crise. O que poderia ter rebatimentos nas eleições municipais 2004 em Natal.

As críticas ao governo Lula não partiram somente dos ex-aliados. Do próprio PT saíram críticas contundentes ao governo do presidente Lula.

<sup>14</sup> Jornal informativo evangélico de circulação nacional. Ano XIII. Nº 94. Fundado em 20/07/89.

Segundo Folha Cristã (1 a 30/04/2004, p. 4), o senador Cristóvão Buarque disse que *“Após 15 meses de governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, não há um combate efetivo dos problemas sociais, apenas políticas assistencialistas”*.

Enfim, podemos perceber que o contexto nacional de 2004 já era de desencanto com a Esquerda que ocupou importantes espaços no Poder Executivo Federal e pode ter tido repercussão nas eleições municipais para a Câmara de Natal, já que vereadores como Hugo Manso e Olegário Passos, ambos do PT e George Câmara do PC do B não conseguiram renovar seus mandatos.

Segundo a Folha Cristã (1-30/04/04), a campanha do jornalista, candidato a prefeito, Públio José, estava a todo vapor. Das nove notícias sobre o Rio Grande do Norte no jornal, sete fazem referências ao candidato do PSC. O Publicitário Públio aparece na comemoração do aniversário de sessenta anos de casamento do pastor presidente da AD no Estado, na inauguração de uma escola de teologia na Zona Norte, sendo homenageado por uma grande construtora natalense, na entrega de certificados de um projeto de alfabetização, numa exposição de artistas evangélicos na Capitania das Artes, dando apoio ao lançamento da campanha do candidato a vereador e Pastor presbiteriano Enoque José de Araújo e na entrega de um troféu ao time campeão de um torneio de futebol em Felipe Camarão. Públio será um dos grandes articuladores políticos dos evangélicos nas eleições 2004.

O MP (07/04) afirmou que o Conselho Político da CGADB quer eleger um vereador para cada município. A matéria fala sobre o 1º Fórum Político de São Paulo no dia 10/06/04, no Hilton Hotel. Na abertura, o secretário da Prefeitura de São Paulo, Rui Falcão, discursou em nome da prefeita Marta Suplicy. O Pastor José Wellington, líder da CGADB, falou sobre o papel da AD em benefício da sociedade neste século. Ele destacou o objetivo de não misturar política com igreja. Contudo, disse da necessidade do projeto gerenciado pelo Conselho Político. O líder falou da força existente entre a denominação, que deve ser usada em prol da conquista dos direitos do grupo. Ele citou uma declaração que dá conta de que, se os cristãos evangélicos se unissem, o país teria duas forças representativas na área política: o PT e os evangélicos. As duas últimas declarações do presidente da AD são

extremamente significativas: a penúltima é uma declaração de corporativismo da política e a última é fruto de uma mentalidade ufanista.

Contudo, mostra claramente o fisiologismo do líder da AD, que antes era um dos paladinos na oposição ao PT, e após a chegada do partido ao Executivo Federal, muda a opinião da igreja, que em 2002 apoiou José Serra para a presidência segundo turno e na foto traz o II Encontro de Políticos Evangélicos do Rio Grande do Norte, coordenado pelo Vice-governador Antônio Jácome, que tem como objetivo articular e coordenar a atuação política dos protestantes.

No mês de agosto, o MP (08/04) destaca que a AD em Natal incentiva projetos sociais que ajudam e trazer conforto a muitas famílias carentes. O jornal destaca a ação da Agência de Educação para o desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Norte (ADERN), criada em outubro de 2003 pelo Vice-governador e pastor Antônio Jácome, que incentivou vários candidatos evangélicos e não - evangélicos, para vereador, de forma especial o seu irmão e presidente do Partido Social Cristão PSC, o Pr. Osório Jácome, que apesar de expressiva votação não foi eleito. Nessa mesma edição, há um destaque para a atuação da Frente Parlamentar Evangélica que tenta implantar o ensino do Criacionismo (crença na Criação conforme descrita na Bíblia) no currículo escolar do Ensino Fundamental. Os dois fatos históricos são importantes: no primeiro, vemos que a maior liderança da AD e representante do Conselho Político da CGADB, o Pr. Antônio Jácome, apoiou o seu próprio irmão para a Câmara Municipal, e o segundo fato é um reflexo tardio do Movimento Fundamentalista Norte-americano no Brasil.

Já o MP (09/04) destaca a atuação do Conselho Político da CGADB e de deputados federais evangélicos na regularização dos diplomas de Teologia. Aqui em Natal, a questão dos cursos de Teologia gerou polêmica política, já que a Secretaria de Trânsito e Transportes Urbanos – STTU, após projeto apresentado na Câmara Municipal, *Projeto Pio Marinheiro* suspendia a venda de passe estudantil para os estudantes dos Seminários e, em virtude disso, ocorreu toda uma mobilização em torno da Câmara dos vereadores, que não contava com nenhum evangélico. Os Protestantes viram então que era importante ter representação política no Legislativo Municipal.

Essa mesma edição traz um artigo sobre a corrida política pelo voto evangélico do pastor presidente da AD em Parnamirim, Elinaldo Renovato, baseado na reportagem da

revista *VEJA* (21/07/04): vemos candidatos a prefeitos não-evangélicos, de grandes metrópoles brasileiras, visitando templos evangélicos, geralmente de grande porte, alguns até expressando que tem fé em Deus, que ali estão por orientação divina. Em Natal, a movimentação política dos candidatos a Câmara Municipal não foi diferente, seja por parte dos protestantes, seja por parte de vereadores não protestantes.

Segundo o MP (09/04), há igrejas de porte médio em que aparecem dez, quinze e até mais candidatos a vereador, quando, na realidade, a comunidade local mal tem condições de eleger um só para a Câmara dos Vereadores. O pastor Elinaldo Renovato, na mesma matéria, afirma que:

[...] Há duas razões para que existam evangélicos em todos os níveis da política nacional, estadual e municipal. Primeiro, porque a Bíblia dá respaldo a essa atuação. Em segundo lugar, há necessidade de evangélicos nos parlamentos, para que sejam vigilantes quanto à elaboração e aprovação de leis que venham prejudicar as igrejas e a comunidades evangélicas.[...]

Ele cita como exemplo a atuação da bancada evangélica para a retirada do Projeto de Lei que defende a União Civil dos homossexuais e a retirada da igreja do novo Código Civil. Essa Lei Nº 10.406, de janeiro de 2002 que substituiria a Nº 3.071 de 1 de janeiro de 1916, quando tratava das pessoas jurídicas de direito privado no seu artigo 44, só considerava as associações, as fundações e as sociedades, deixando de fora as entidades religiosas que teriam que se transformar em associações, sendo retificada e sancionada pelo presidente da República no dia 10 de Janeiro de 2003. Novamente vemos uma concepção de política corporativista e moralista. Também vemos implicitamente a defesa das candidaturas oficiais para a Câmara, o que só ocorreu na IURD, em relação ao bispo Francisco de Assis.

Os jornais locais também destacaram a aproximação entre os candidatos e as lideranças evangélicas. Na centésima edição do *Jornal União* (08/01/04), o ex-editor do jornal, Daniel Dantas, Jornalista e Missionário da Igreja Presbiteriana Independente - IPI, afirmou que :

[...] Era um entusiasta da idéia de que a Igreja Evangélica tem um papel social no despertar da cidadania e no transformar da sociedade por meio da presença de Cristo em nós. E esse papel social, para mim, não pode se resumir a votos em irmãos a cada eleição, ou no alcançar cargos públicos de destaque. Porque muitos dos que fazem isso terminam por atuar em favor unicamente dos crentes, se esquecendo que nosso compromisso social como cristãos e com toda a cidadania.[...]

Esse depoimento demonstra uma crítica à linha editorial do jornal, que enfatiza demasiadamente a questão do voto evangélico e isso possivelmente está ligado ao financiamento de parte desse empreendimento por políticos evangélicos como Pr. Antônio Jácome, Públio José e Anthony Garotinho.

A edição do Jornal *União* (26/06/04) traz como destaque a Convenção do PSC, que confirmou que o partido teria vinte e três vereadores, a maioria evangélica. O então presidente do PSC era o jornalista e publicitário Públio José, que é membro da AD de Candelária e foi presidente do capítulo 22 da Associação Dos Homens de Negócios do Evangelho Pleno - *ADHONEP* e coordenador, no Estado, da campanha de Anthony Garotinho para a presidência da República.

A edição do *Jornal União*<sup>15</sup> (10/07/04) registrou a desistência e a posse do pré-candidato (membro da AD) à prefeitura do Natal, o publicitário e representante regional do PSC, Públio José, no dia 07 de Julho de 2004, como secretário-adjunto da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Comunitário (SMDC). A solenidade ocorreu no Palácio Felipe Camarão e compareceram, além do Prefeito Carlos Eduardo, o Deputado Estadual Cláudio Porpino, a secretária de ação social do Estado, autoridades religiosas do meio protestante como o Pr. Josenildo de Araújo, que representou o Pr. Raimundo Santana, presidente da AD no RN, o Pr. Agostinho de Andrade (presidente da Convenção de Pastores Pentecostais do RN), o Pr. Juarez Martins (vice-presidente do Diretório Municipal do PSC) e o Pr. Samuel Moura (vice-presidente do Diretório Regional do PSC). Apesar de não ter sido registrada a presença de nenhum candidato a vereador, é bem provável que algum do PSC tenha estado presente; é significativo também o fato da AD, uma das maiores igrejas protestante do Estado, ter enviado o representante do presidente da denominação à solenidade, apesar dele não ser militante político com seu antecessor.

---

<sup>15</sup> Jornal Evangélico Interdenominacional que circulou durante seis anos em nosso Estado. Até 2004, o jornal circulava como encarte quinzenal do Diário de Natal e, em 2005, circulou dentro da Tribuna do Norte.

#### 4.2 A eleição majoritária em Natal

No Jornal *União* (18/09/04), o prefeito Carlos Eduardo vem tentando obter o apoio da comunidade evangélica para sua candidatura à reeleição para a Prefeitura do Natal. O candidato recentemente participou do Culto Especial de Ceia promovido pela Casa da Bênção de Bom Pastor. O candidato a vereador, o Pr. Osório Jácome afirmou na ocasião:

[...] Eu acredito no trabalho de Carlos Eduardo porque ele é um homem sério, trabalhador e já mostrou ser competente para administrar a nossa cidade. A comunidade evangélica reconhece o trabalho do prefeito e, como eu, vários representantes da nossa igreja apóiam o prefeito. Eu quero chegar à Câmara Municipal para colaborar com Carlos Eduardo para avançamos ainda mais rumo às transformações sociais que almejamos.[...]

Realmente tudo indica que a maior parte dos protestantes apoiaria o projeto de reeleição de Carlos Eduardo e isso pode ter sido decisivo para sua vitória no Segundo Turno. Não podemos esquecer de que um dos vereadores pentecostais eleitos, o Sargento Siqueira, é membro da Igreja Casa da Bênção, na qual o prefeito se reuniu com os protestantes.

Opinião diferente tem o assessor jurídico da AD, Juscelino Fernandes, que resumiu na mesma edição do jornal *Tribuna do Norte* (29/10/04) o motivo da opção pelo Deputado Luís Almir: *“A maior de todas as virtudes de um candidato é a coragem e a coerência, por isso fizemos essa escolha”* Um dos organizadores do jantar de adesão, o médico Isaac Mário, lembrou de que o bloco formado por opositores ao grupo de Antônio Jácome e de Joacy Pascoal representa várias correntes de evangélicos. O vice de Luís Almir, Luiz Eduardo, ressaltou a importância das adesões: *“Esse apoio de qualidade é o que precisamos, pois esses líderes evangélicos de grande expressão podem contribuir muito conosco, na campanha e na administração”*. Vale a pena lembrar que um dos vereadores pentecostal eleito, o ex-pugilista Adenúbio Melo, contou com apoio significativo do Deputado Estadual Luís Almir.

No dia 25/10/05, no Clube Albatroz, Carlos Eduardo recebeu o apoio oficial de um segmento dos evangélicos, através do Conselho de Pastores e Ministros Evangélicos do RN, a Convenção de Pastores Pentecostais, a Ordem dos Pastores Evangélicos e do Jornal

*União*; nesse encontro o candidato Luís Almir foi apresentado como inimigo dos evangélicos<sup>16</sup>.

Nesse ano, o jornal *União* (22/05/04) noticiou o 2º Encontro de Políticos Evangélicos do Rio Grande do Norte (EPERN), com o apoio do Conselho Político Nacional da Convenção Geral da Assembléia de Deus no Brasil (CGADB) que reuniu cerca de 500 participantes, entre vereadores, prefeitos, deputados, lideranças políticas e pastores, para discutir a participação evangélica nas eleições municipais. Nesse encontro, muitas articulações e contatos que possibilitariam o êxito protestante nas eleições municipais em 2004 foram feitos. Na segunda maior cidade do Estado, Mossoró, também ocorreu uma aproximação entre uma das candidatas à prefeitura, Larissa Rosado, e os protestantes, como noticiou o *União* (18/09/04). Como já podemos perceber, a aproximação entre políticos e lideranças evangélicas não foi um fenômeno histórico restrito a Natal. Ele ocorreu em praticamente todos os centros urbanos e em alguns espaços da zona rural.

Os evangélicos se mobilizaram para participar de Seminário de Marketing Político ocorrido entre 11 e 13 de junho, no Centro de Convenções e contou com a participação de Anthony Garotinho, que debateu em mesa redonda sobre a força do voto religioso com o professor e doutor em sociologia pela universidade de Paris, Luiz Alberto Gomes de Souza. A matéria confirmou a inexistência de vereador evangélico no Palácio Padre Miguelinho, mas afirmou que na atual legislatura já chegou a assumir o cargo de suplente o Pr. Júnior Medeiros da IURD e Joacy Pascoal da AD, que saiu para ocupar vaga na Assembléia Legislativa. Vemos como a representação política religiosa era importante para o segmento.

O *União* (16/10/04) registrou o contrário do noticiado a nível nacional. Segundo a reportagem, “*evangélicos ganham força nas eleições 2004*”.

---

<sup>16</sup> O Bispo Francisco de Assis exibiu um vídeo no qual o candidato do PSDB (Luís Almir) teria aparecido no seu programa na TV Potengi levantando calúnias e agredindo aos pastores de maneira geral (União 30/10/04).

A bancada evangélica seria formada pelo Bispo Francisco de Assis (PSB) que teve 8.551 votos; pelo apresentador de TV, Salatiel de Souza (PFL), que obteve 6.817 votos; pelo repórter Gilson Moura (PP – atualmente PV) que conseguiu 6.591 votos; o quarto eleito foi o Sargento da Polícia Militar Siqueira (PP – atualmente PV), que logrou 6.336 votos; e o quinto foi o ex-boxeador Adenúbio Melo (PSDB), que conseguiu 5.579. Salatiel de Souza disse à reportagem do *Jornal União* que já está articulando um encontro com os demais vereadores evangélicos para a formação da bancada.

O Vice-governador do Estado, o Pr. Antônio Jácome, traz, na mesma edição supracitada, uma *carta aberta aos evangélicos eleitos*:

[...] Na condição de único Vice-Governador evangélico do Brasil e primeiro da história do RN, e em nome da Associação de Políticos Evangélicos do Rio Grande do Norte – APERN, quero parabenizá-los pela eleição de Prefeito ou Vereador. Registramos com alegria o crescimento do número dos nossos parlamentares e prefeitos eleitos no último pleito. Em Natal não tínhamos nenhum representante na Câmara Municipal, agora vamos ter uma bancada de pelo menos cinco. Em muitas cidades do Estado elegemos, pelo menos um, e, em várias outras, até dois vereadores. Aos que se elegem pela primeira vez, quero dizer do privilégio de vocês, mas ao mesmo tempo lembrar-lhe da grande responsabilidade à partir de agora. Desde já coloco a disposição do seu mandato os préstimos da APERN. Orientação jurídica e parlamentar sem nenhum ônus. Quero contar com a sua colaboração para continuarmos o trabalho de formação e conscientização política do nosso segmento, iniciado por mim há quinze anos.[...]

No final da carta o Vice – Governador convida a uma reflexão citando quinze passagens da Bíblia. Ainda na edição supracitada o secretário de mobilização comunitária e ex-candidato a prefeito pelo PSC, Públio José fez uma análise do que denominou *Resenha de um fato histórico*.

Depois de afirmar que a comunidade evangélica está comemorando os resultados da eleição de cinco vereadores, ele justifica o título de sua análise dizendo que :

[...] É um fato histórico se considerarmos os resultados das eleições anteriores, quando poucos foram os candidatos que lograram êxito no intento de ocupar uma cadeira na Câmara Municipal, um dado que está intrigando o mundo político, os jornalistas, analistas e observadores. Trata-se do fato dos eleitos não terem atrás de si nenhuma denominação evangélica tradicional, além de não serem possuidores de cargos e titulares nas igrejas onde congregam. Com exceção do Bispo Francisco de Assis, notoriamente constituído autoridade eclesiástica na Igreja Universal; os demais são evangélicos sem muito envolvimento com

a alta cúpula das igrejas, porém com aceitação comprovada no meio do rebanho. [...]

Realmente é pertinente a observação do publicitário Públio José, já que nem sequer os nomes dos dois que são membros da AD, Gilson Moura e Adenúbio Melo, foram listados pelo MP (11/04), que registrou o nome de vários eleitos protestantes, mas não fez referência ao Rio Grande do Norte. O que poderia ter sido diferente, caso o Pr. Osório Jácome tivesse logrado êxito na sua campanha.

O Publicitário Públio José afirma ainda que :

[...] Alguns estão tão distantes das direções das igrejas, do ponto de vista ministerial, que chegaram até ser acusados de não evangélicos. Ou de não se constituírem evangélicos de maior comprometimento com a obra. O fato é que, independentemente da avaliação que se faça, os crentes eleitos são profissionais com forte penetração em todo espectro social da cidade; alguns com um trabalho bem profundo de cunho sindical. Públio ressalta ainda que, embora os quatro candidatos leigos acima tenham se auxiliado de suas atividades além das igrejas, é público e notório o apoio que receberam de parcelas expressivas de lideranças evangélicas da cidade. [...]

Ele destaca ainda que a soma de todos os evangélicos eleitos ultrapassa a casa dos sessenta mil votos – algo impensável tempos atrás. Públio acredita que a conscientização política começa a tomar conta do povo evangélico.

O jornalista entende que:

[...] Os eleitores enxergaram nos irmãos vitoriosos uma boa taxa de confiança e credibilidade e procura confirmar sua opinião com os dados eleitorais: se aproximadamente sessenta mil crentes votaram em candidatos de uma mesma profissão de fé, isso é um fenômeno que, daqui por diante, deverá ser olhado com outros olhos. Por fim afirma que só o tempo poderá julgar se foram merecedores dos votos dos irmãos, também se os eleitos são vistos como crentes ou não é um fato que não pode ser julgado. [...]

Finalmente, ainda essa edição do jornal União, traz a lista completa dos evangélicos que foram eleitos no pleito de 2004 em todo o Rio Grande do Norte. Foram quatro prefeitos, três vice- prefeitos e trinta e quatro vereadores. ( Ver lista completa nos anexos)

O Diário de Natal (04/10/04) destacou a renovação da Câmara Municipal com oito novatos. Porém o jornal só destacou um como evangélico, o Bispo Francisco de Assis. A *Tribuna do Norte* (05/10/04) destaca que a diversidade será a marca da Câmara Municipal de Natal em 2005. O jornal destacou que entre os novatos há um bispo evangélico (Francisco de Assis da IURD), um militar (Sargento Siqueira), um sindicalista (Fernando

Lucena) e um boxeador (Adenúbio Melo). Dos quatro destaques do jornal, três são protestantes.

#### 4.3 A candidatura do Bispo Francisco de Assis

Francisco de Assis Valentin da Costa é um paraibano (Lagoa de Dentro - PB) de cinquenta e dois anos, filho de Olívia Valentin da Costa e o pai não foi conhecido por ele. Atualmente é casado, reside no Bairro Vermelho e tem três filhos, sendo que dois deles têm nível superior. Ele possui 2º grau completo e tem formação de radialista. Trabalhou como auxiliar de pedreiro, motorista de caminhão, de ônibus e de táxi. Ele se identifica como cantor gospel (evangélico em inglês) e Bispo evangélico. Em entrevista a mim concedida (22/03/06), afirmou: “*Estou político, estou vereador e não sabia até quando estaria político*”. Essa declaração já denota que a política, para ele, não é uma vocação específica, mas uma função temporária. Não podemos deixar de perceber também a origem humilde do Bispo e a ascensão social via carreira eclesiástica que ele experimentou. Essa origem social humilde é percebida em relação à grande maioria dos pentecostais, inclusive dos eleitos vereadores aqui na Câmara.

O Bispo Francisco de Assis afirmou, na mesma entrevista, que :

[...] *Recebeu uma formação católica romana, mas que, aos vinte e seis anos, tornou-se evangélico, motivado inicialmente pela busca da cura de sua esposa e que, após mais de vinte anos difundindo o Evangelho, foi consagrado Bispo da Igreja Universal (única que participou), tendo, inclusive, viajado para a África e Europa representando a sua igreja. [...]*

Podemos perceber duas características do pentecostalismo : a questão da busca pela cura de doenças, como o Bispo confirma e o forte proselitismo, nesse caso até internacional.

O Bispo afirmou que :

[...] *Disse que não sabia o motivo da rejeição da rejeição Ordem dos Pastores Evangélicos de Natal – OPEN. A política sempre foi muito presente na Igreja Universal e defendo a participação política da igreja como uma necessidade, já que ela integra a sociedade e busca o bem estar das pessoas. Faço política a quase vinte anos dentro da igreja, sem mandato. [...]*

Um dos princípios da democracia republicana ocidental é a separação Estado – Igreja, evidentemente isso não implica na exclusão dos religiosos do processo eleitoral,

procura pelo contrário garantir a não interferência de uma religião ou de várias sobre o poder público e a não interferência do Estado na liberdade de culto.

Afirmou também que: “*sentiu dificuldade para ser aceito como filiado em vários partidos, inclusive no PSB, em que é atualmente filiado. Ele foi recebido no PDT pelo então presidente do partido Leonardo Arruda e lançou-se candidato a deputado estadual em 2002 e obteve 26.340 votos, ficando como primeiro suplente*”.

Depois, com a saída de Leonardo Arruda e por admirar o Socialismo, resolveu acompanhar-lo para o PSB. O Bispo considera-se politicamente centro-esquerda, seguindo orientação do seu partido. Em 2004, ele obtém a expressiva votação de 8.500 votos, ficando entre os cinco mais votados e o primeiro na bancada evangélica<sup>17</sup>, sendo reconhecido como o líder desse segmento.

Apesar de ter sido o candidato oficial de sua igreja em 2004, ele afirma que :

[...] Obteve o apoio de católicos, pessoas sem religião, das religiões afro-brasileiras e de estudantes. Reconhece, contudo, que a maior força da sua eleição foi os evangélicos. Segundo, sua campanha foi financiada com recursos próprios e que gastou R\$ 29.000,00. E que a única doação que recebeu foi duas mil e poucas camisas do prefeito de Natal. Inclusive frisou que não recebeu ajuda financeira da igreja, nem de empresários[...]

Ainda que o Bispo não tenha recebido ajuda financeira de sua denominação somente o fato dele ser Bispo e ter sido o candidato oficial da igreja, já foi uma grande colaboração.

Em relação às bandeiras defendidas por ele na Câmara Municipal, afirma que :

[...] Não está ali para legislar em causa própria, nem em nome da igreja. E que defende os interesses do professores, da saúde, o bem estar do povo, a ética, a moralidade, o bem estar das crianças que têm sido exploradas sexualmente pelos turistas, o combate à prostituição, ao homossexualismo e a defesa da família, afirmando, ainda, que não precisa ser evangélico para defender tais valores.[...]

<sup>17</sup> Bancada somente quando se trata de temas ligados a moral e a religião. Já que em outros temas não há coesão, pois três estão na oposição e dois na situação.

Na função de vereador o Bispo não tem como legislar somente em prol da sua denominação, contudo o seu mandato pode e deve ajudar de alguma forma sua religião ou seu sacerdócio. Em relação aos valores morais ele defende uma “Maioria Moral” como fez a Direita Cristã nos EUA.

Em relação ao fato de ser líder religioso e ter possibilidade de instrumentalizar os fiéis como currais eleitorais, o Bispo disse que :

[...] O fato de ter o título de Bispo só aumenta a sua responsabilidade. A igreja não é curral eleitoral, pois não tem cabresto, já que os fiéis estão à vontade para votar em quem elas quiserem. A política se faz do lado de fora da igreja. Irei disputar uma vaga de deputado federal nesse ano de 2006 e que não defendia a eleição de um presidente evangélico. O Brasil não precisa de religioso, e sim de candidatos que tenham compromisso com Deus e com o Povo, independente da religião [...]

Entendo que os fiéis não são obrigados a votar nos candidatos indicados pela igreja, contudo o fato do seu pastor ( líder religioso) poder vir a ser o seu representante ( líder político ) deve ter um peso muito grande no imaginário dos fiéis. Em relação a sua afirmação de que o Brasil não precisa de um presidente evangélico, por outro lado ele não deixa de enfatizar que é importante que além de compromisso com o povo tenha compromisso com Deus.

Segundo o Bispo: *“Perdoou Luis Almir de um ataque pessoal que este fez ao Bispo e à Igreja Universal entre 2002 e 2003 e que retirou processo que tinha contra ele”*. Em relação à polêmica da Parada Gay, envolvendo o deputado Joacy Pascoal, o Bispo afirmou que : *“As declarações do deputado foram infelizes e que as suas foram mal entendidas. Quando ele afirmou que queria o voto dos gays, não quis dizer que concordava com o homossexualismo, mas respeitava os homossexuais e que não discriminava ninguém, já que Deus teria dado o livre arbítrio a todas as pessoas”*.

Esse é um caso típico das dificuldades de conciliação da função religiosa com a política. O Bispo enquanto político não poderia rejeitar os votos dos homossexuais, mas enquanto líder religioso não poderia aceitar a prática homossexual, devido as concepções morais cristãs.

O Bispo não aceita o enquadramento das igrejas como empresas como previa o Novo Código Civil que foi derrubado. Ele atribui : *“Essa lei e outras do gênero a deputados inimigos da religião e lamentou a derrubada do projeto que concedia isenção de*

*IPTU para os templos religiosos*". Novamente vemos a idéia de perseguição religiosa e o corporativismo religioso.

Quanto à crítica de que os protestantes na política são fisiologistas, corporativistas e clientelistas, rebateu dizendo que : *"A sua igreja tem TV, Rádios e templos, mas que nenhum foi de doação ou concessão pública. Apesar do Estado brasileiro ser laico, somente a religião católica é respeitada, o que está errado, pois os evangélicos têm os mesmos direitos"*.

O Bispo condenou :

[...] A traição do ex-coordenador político da Igreja Universal (Bispo Rodrigues) envolvido com o *mensalão* e que a igreja faz certo em excluí-lo do seu episcopado. Defendo a atuação política do Bispo Macedo, a política que eles desenvolvem tem a mão e a permissão dele e que ele não pode ser condenado por ter acreditado em Fernando Collor e em Fernando Henrique, o que é comum na política.[...]

O caso do Bispo Rodrigues foi utilizado pelos protestantes que defendem a não – participação dos crentes na política, pois os levaria a corrupção. Por outro lado o apoio do Bispo Macedo a Collor e a Fernando Henrique reflete entre outras coisas a idéia que a IURD tinha de que quem controlava o PT era a Igreja Católica Romana devido a influência do Frei Betto e do teólogo Leonardo Boff.

O Bispo Vereador afirmou ainda que : *"Tem uma boa relação com o Pr. Antônio Jácome e que quem decidiu a eleição majoritária para o governo do Estado em 2002 foram os evangélicos, devido à presença do Vice-governador na chapa da professora Wilma de Faria. E que a candidatura de Natal, em 2004, que reelegeu Carlos Eduardo, teve apoio decisivo do segmento"*. Em relação a campanha majoritária de 2004, realmente o prefeito Carlos Eduardo teve um grande envolvimento com o segmento protestante, ao contrário do seu adversário, agora se essa postura foi decisiva na sua vitória não tenho dados que me possibilitem a chegar a tal conclusão.

Em relação a Públio José, declara que o mesmo é seu amigo, mas sua campanha não decolou, já que a pesquisa só dava 1% e não saiu disso. Ele acredita que: *"Se os evangélicos se unissem, poderiam eleger um prefeito"*. Antes de concluir esse trabalho, defendeu a Igreja Universal das críticas, dizendo que : *"Ela tem seus frutos; cresce e pede contribuição financeira porque trabalha. Como exemplo, eu posso citar a nova Catedral da igreja, na qual foram gastos mais de quinze milhões"*.

Em relação ao suposto escândalo envolvendo um deputado federal do PFL e Bispo da Universal, João Batista que, ao fazer um traslado de uma maleta com dez milhões de reais foi detido pela Polícia Federal, ele disse que : *“Como presidente da igreja, tem autorização para transportar o dinheiro e fazer os depósitos que são feitos em São Paulo. E que foi uma maneira do Governo Federal abafar a atenção sobre o mensalão, já que o Bispo não foi cassado e o dinheiro foi liberado”*.

No Jornal *União* (24/07/04), o prefeito Carlos Eduardo visita, acompanhado pelo seu secretário adjunto Públio José, uma festa dos Estados da AD Bom Retiro<sup>18</sup>, nessa ocasião estava presente, segundo registro fotográfico, o candidato a vereador que seria com a maior votação entre os candidatos protestantes, o Bispo Francisco de Assis, que teve 8.551 votos, sendo o quinto mais bem votado entre os vinte e um vereadores da Câmara Municipal. Não foi registrado nenhum comentário do Bispo na ocasião, talvez pelo fato que a IURD sofre uma grande rejeição de alguns segmentos protestantes chegando a ser designada como seita<sup>19</sup>.

#### 4.4 A candidatura de Salatiel de Souza

Salatiel Marciel de Souza é um natalense de trinta e três anos, casado, pai de dois filhos e que atualmente reside em Candelária. Recebeu formação católica dos seus pais e protestante de seus avós paternos, que os levavam, na infância e adolescência, para a Igreja Batista Cristã, no bairro das Quintas. Nesta igreja, Salatiel foi presidente da União de Adolescentes e da União da Mocidade. Ele também era baterista do grupo de louvor de sua denominação. Acredita que mudou muita coisa, já que procura ser *“sal da terra e luz do mundo”*, contudo, considera-se ecumênico, dizendo que já visitou várias igrejas e religiões, com exceção das afro-brasileiras.

<sup>18</sup> O sistema de governo da AD é oligárquico, agrupado em torno de pastores presidentes o que foi um dos fatores de vários cismas : Bom Retiro, Madureira, Jacarezinho e Plenitude.

<sup>19</sup> No sentido teológico é um grupo que pratica doutrinas heréticas que se desviam da Bíblia. No sentido sociológico é um retorno as origens. No sentido histórico pode representar uma facção ou um grupo extremista que defenda suicídios coletivos, atos terroristas etc. Porém por questões éticas e visão histórica não utilizarei o termo para se referir ao pentecostalismo, em qualquer de suas expressões.

O vereador Salatiel tem o 2º grau incompleto e uma formação de radialista. Destacou-se na Rádio Nordeste e depois na Rádio Cabugi e na Rádio Poti. Seu sucesso no rádio o levou para a TV Potengi, na qual apresentava o programa *Linha Dura* (1998 – 2002). Desde 2005 trabalha na TV Tropical, onde apresentou o programa *Caso de Polícia* e atualmente apresenta o programa *Comunidade Alerta*. Iniciou sua atividade política como presidente do Grêmio Estudantil Café Filho, da Escola Estadual Winston Churchill em 1992. Foi também diretor da UMES – União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas.

Está filiado ao PFL – Partido da Frente Liberal desde 2002, mas em entrevistas (23/03/06 e 29/03/06) confessa que desde menino gostava de política e sua família sempre foi *agripinista*, chegando mesmo a participar, nos anos 90, da chamada Juventude JÁ (que defendia o senador José Agripino). Em 1997, porém, ele teve uma passagem pelo PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro, sendo, inclusive, presidente da juventude do partido.

Declarou, também, que :

[...] Procura separar política e religião, para que não venha a usar o nome de Deus indevidamente e não venha a gerar nenhuma contenda na igreja, já que a atividade política é vista com maus olhos por muitos. Era uma grande bobagem a máxima “crente não se mete em política”, já que tem gente boa e ruim em todos os ambientes. A participação das igrejas e dos religiosos, em geral, pode afastar o mau político, pela defesa da ética e a seriedade. [...]

O vereador apesar de fazer questão de mencionar sua religião na sua biografia site da Câmara( [www.cmnat.rn.gov.br](http://www.cmnat.rn.gov.br)) não deve ter feito uma campanha com forte apelo religioso, já que a Igreja Batista no Brasil não aceita de maneira geral a vinculação da denominação com determinado candidato. O radialista acredita ainda que é positiva a participação dos religiosos que defendem a ética e a moralidade na política.

O apresentador Salatiel admite que a sua estratégia principal foi o uso da televisão, com uma exposição diária de sua pessoa desde 1997, as visitas aos bairros em caminhadas feitas com amigos e a realização de quatro showmícios nas quatro zonas de Natal (Norte, Sul, Leste e Oeste). Nesses eventos, Salatiel levava os amigos do rádio e da TV como atrações e duas bandas de forró (Boneca de Pano e Café Torrado, de um empresário amigo) e apresentava seus projetos como a redução da isenção de sessenta e cinco para sessenta anos para o idoso ter acesso gratuito ao transporte coletivo.

Ele afirma ainda que: *“Não foi candidato oficial de sua denominação e não representa uma religião em particular. Ele busca representar a cidade como um todo. A sua religião é um aspecto privado, mas que se for possível ajudar os evangélicos, os ajudará”*. A questão do corporativismo em maior ou em menor grau está presente na grande maioria dos políticos religiosos.

Em relação às candidaturas oficiais nas igrejas, ele acredita que :

[...] Se constituem em um verdadeiro estupro à democracia, acreditando ainda que, por ser conduzido por homens, esse processo de indicação de candidatos oficiais sempre irá beneficiar uns e prejudicar outros e que fere o livre-arbítrio que Deus concedeu ao ser humano. Ele até acredita que seria louvável um debate na igreja com os pré-candidatos para que eles apresentassem suas propostas, dizerem o que pensam sobre a igreja e sobre a cidade.[...]

Porém, empurrar de goela abaixo um ou dois candidatos oficiais é um erro, acredita que a pessoa tem que decidir se tem vocação para a política ou para o exercício do pastorado. Terá que decidir se vai cuidar do rebanho de Deus ou de seus votos. Ele mesmo disse que se tivesse vocação para ser pastor, jamais entraria na política. O exercício da política independe de formação acadêmica.[...]

Vemos que Salatiel confirma a cosmovisão da maioria dos protestantes históricos sobre o processo democrático e a separação Estado – Igreja.

Acredita, ainda, :

[...] Na existência dos currais eclesiásticos, principalmente devido às candidaturas oficiais e que às vezes o templo está sendo usado não para pregar a Palavra de Deus, mas para fazer política partidária. Salatiel não acredita que existe uma bancada evangélica, já que estes só votam, como bancada, em projetos relacionados direta ou indiretamente com os evangélicos.

Podemos perceber que os “currais” eleitorais eclesiásticos está ligado as candidaturas oficiais, apesar de que a tentativa de transformar a igreja em comitê político e o púlpito em palanque não é garantia de eleição para os que assim o fazem.

No 2º turno da eleição majoritária em 2004, Salatiel afirmou que ficou entre a cruz e a espada, já que seu candidato Ney Lopes não foi para o 2º turno e o Senador José Agripino apoiou o deputado Luiz Almir, com o qual o vereador tinha problemas de ordem pessoal e que a sua participação só ocorreu em um comício no bairro de Pirangi. Ele acredita que : *“A devoção dele a Santa Clara possa ter prejudicado, principalmente para um evangélico mais radical( que tenha aversão ao culto aos santos ) . Mas o maior problema do*

deputado, segundo Salatiel, é a forma como ele se reporta para fazer uma crítica, um comentário sobre alguém”.

Salatiel de Souza acredita que: “Mesmo no nosso país que não tem religião oficial, é legítimo, devido à democracia um grupo, uma bancada defender seu credo, seu time de futebol e/ou sua opção sexual. Apesar disso, de poder defender sua religião, mas tem que respeitar, colaborar e apoiar todas as outras religiões”.

O vereador acredita que :

[...]Existiu uma relação entre o Novo Código Civil que equiparava as igrejas às empresas e à mobilização política do segmento evangélico, que na época, não tinha nenhum representante na Câmara Municipal. Que tinha representantes da Igreja Católica que saíram em defesa das igrejas. A Câmara recebeu a visita de inúmeros pastores de denominações diversas. Acredita que as leis só são cobradas aos evangélicos e não a todas as religiões[...].

A interpretação do vereador foi que como o Novo Código Civil enquadraria também a Igreja Católica Romana ocorreu uma união dos católicos e protestantes. Ele tem a mesma percepção de que os protestantes são perseguidos no Brasil em relação à aplicação das leis.

Ele considerou :

[...] Uma grande imbecilidade a polêmica da Parada Gay movimentada pelo deputado Joacy Pascoal, até porque Deus nos ensinou a perdoar, a amar os nossos irmãos. Acredita que a prática homossexual é um erro, um pecado, mas que Deus deu o livre-arbítrio para todos. Salatiel não aceita fazer política em cima disso e faltar com a verdade dizendo que ele tinha assinado uma moção de apoio ao movimento gay, coisa que ele não fez, mas respeitava quem tinha assinado.[...]

Percebemos que apesar de manter a postura tradicional dos protestantes sobre o homossexualismo, considerando-o pecaminoso, ele não poupou críticas ao moralismo do deputado estadual evangélico citado em seu depoimento.

O apresentador Salatiel acredita que possam existir políticos evangélicos corporativistas, moralistas, clientelistas, fisiologistas e anti-esquerdistas, mas que ele será julgado por Deus e pelo povo. O vereador relata, ainda, que uma das grandes dificuldades que ele encontra na sua legislatura são as pessoas que vêm pedir empregos diariamente e ele não tem como atender, pois além de não ser da Bancada do Prefeito, em cargo público só se entra por meio de concurso.

Outro problema, segundo o parlamentar :

[...]É o círculo vicioso do assistencialismo, já que se ele der uma feira a uma pessoa, daqui a quinze dias, quando acabar, ela vai voltar e pedir outra. que muitas atribuições que as pessoas pensam ser do Legislativo, na verdade não têm a competência administrativa para fazer; ele solicita, faz um requerimento, o que, na maioria das vezes, é arquivado[...]

De fato, esse é um grande problema com o qual todo parlamentar tem que lidar e demonstra por outro lado como estamos distantes da consolidação de nossa pretensa democracia.

No seu gabinete, ocorre atendimento jurídico e convênios com algumas clínicas para auxiliar a população. Salatiel destacou também dois projetos um que : *“Defende a distribuição gratuita das carteiras de estudantes para os alunos da rede pública e outro que vincula o aumento da arrecadação do município com o aumento de salário do servidor público municipal. Lamentou também a taxaçoão dos servidores públicos do município”*.

Salatiel acha que : *“Seria importante os evangélicos elegerem um presidente da República, mas acredita que o mais importante é que tenha compromisso com o povo brasileiro, que combata a corrupção e demonstre responsabilidade e ética no trato do dinheiro público”*. O vereador considera : *“O acordo entre o PT e o PFL para salvar os mandatos do professor Luizinho e de Roberto Brantes um atentado a moralidade e a democracia, mas acredita que as eleições serão o momento para o povo brasileiro fazer uma varredura desde o presidente aos parlamentares”*.

Em relação ao escândalo envolvendo um parlamentar do PFL e bispo da IURD João Batista, que foi detido pela fazendo um translado de 10 milhões de reais, ele entendeu que : *“O partido foi precipitado em expulsar, ao invés de afastar e apurar as informações. Segundo ele, o que poderia ter acontecido era a igreja informar à Polícia Federal que iria fazer o translado para que não fosse molestado, roubado ou até assassinado”*. Ele atribui à democracia a hegemonia pentecostal na Câmara Municipal, e acha positivo a alternância de poder. Salatiel espera que: *“Quando o cidadão vota no candidato, é porque concorda com suas propostas, conhece sua história e que, sendo da mesma religião, pode ajudar ou não”*.

Salatiel afirma que : *“Sua relação com o Vice-governador, Pr. Antônio Jácome e com o publicitário Públio José é apenas de amizade fraterna, sem nenhum vínculo ou compromisso político com os dois”*.

Ele rebate a crítica feita aos programas como o *Linha Dura* e *Caso de Política*, dizendo que : *“Hoje há um aprimoramento e que busca-se respeitar a família da vítima, o telespectador e que não exploram a miséria, apenas repercutem o fato. Para ele, é uma questão de gosto”*.

O vereador observa

[...] *Com preocupação o fato de igrejas querem transformar as rádios em igrejas, o que é um erro, já que se tratam de concessão pública. Temos como exemplo a Rede Record, que soube mesclar sua programação e já é a segunda que possui a maior audiência. Antigamente, os pastores diziam que a TV e o rádio eram instrumentos do diabo. Como podem ser se foi Deus que nos deu inteligência para criar essas tecnologias que devem ser usadas para o bem das pessoas? [...]*

Essa questão dos meios de comunicação é importante, porque sempre foi moeda política no Congresso Nacional as concessões públicas de TV e rádio pela qual a Bancada Evangélica sempre militou.

No final da entrevista, Salatiel defendeu o Senador José Agripino e disse que : *“Essa história de rabo de palha possivelmente é mais uma lenda, de uma época de radicalismo político entre as famílias que dominavam o Estado. Acredita que seria melhor tê-lo como governador do que como vice-presidente da República”*.

#### 4.5 A candidatura do repórter Gilson Moura

Gilson Moura é natural de Patú – RN e tem trinta e oito anos de idade. Filho de um agricultor com uma camareira de hotel, possui 3º grau completo em dois cursos de graduação: Direito e Jornalismo. Casado, recebeu formação católica de seus pais e tornou-se evangélico há seis anos. Afirma que mudou muita coisa na sua vida: *“A forma de ver o mundo, de ver as pessoas, seu modo de pensar e entendeu que Cristo é o único salvador”*.

O vereador teve que deixar sua cidade aos oito anos de idade para tentar a vida na capital *“em cima de uma carroceria de caminhão, enrolado em uma lona”*. Em 1977, trabalhou como lavador de carros, vendedor de balas e fazia faxina nas casas. Com dinheiro que ganhava, comprava livros para garantir sua educação.

Em 1981, aos treze anos de idade, conseguiu furar a segurança presidencial e falar pessoalmente com o General João Batista Figueiredo durante visita ao nosso Estado. Ele pediu uma bolsa de estudos, uma casa para morar com sua família e um emprego.

Ele conseguiu as três solicitações: recebeu uma bolsa numa escola particular, um cargo na COHAB (atual Datanorte) e ganhou uma casa no conjunto Santarém. Apesar de esse encontro ser significativo para Gilson Moura, em entrevista (27/04/06) não aprova o Regime Militar e disse que : *“Não gostaria de que o seu país revivesse essa página difícil da história”*.

Outro encontro que marcaria a memória de Gilson Moura foi com o então Senador Carlos Alberto de Sousa, que o convidou para participar de sua emissora: a TV Ponta Negra. Foi o início da carreira do repórter Gilson Moura, que atuou nos programas : *Aqui Agora* e *Patrulha Policial*. Em relação à idéia de que este tipo de programa explora a miséria do povo e a crítica de populista ao Senador Carlos Alberto, o repórter Gilson afirmou que: *“Algumas dessas críticas eram injustas, pois no passado ocorreram erros, mas que hoje a população vê diferente, sabe que o objetivo é prestar um serviço, ser solidário, ser a voz do povo”*.

Em relação à política, Gilson relaciona seu ingresso com a sua aparição em alta exposição na televisão, o que lhe deu condições de ganhar força diante da população, que : *“Entendeu que ele podia ser essa caixa de amplificação dos problemas populacionais”*. Em 1988 , foi candidato pelo Partido Liberal – PL e obteve entre 148 e 248 votos. Ele afirma que : *“Perdeu a eleição, mas não perdeu a vontade de disputá-la”*. Já no ano de 2004, Gilson Moura disputou a eleição pelo Partido Progressista - PP e obteve quase sete mil votos. Ele afirmou que,

[...] Para muitos, sua eleição era impossível, mas para Deus nada é impossível. Nós que somos da mídia, da TV, temos uma vantagem sobre os demais, porque nós estamos todo dia na casa do povo; em compensação eu poderia criticar que é filho de A, B ou C, que um é fruto da elite política. Quem é do segmento evangélico nunca ficará livre de sofrer críticas. Se para uns é uma vantagem, outros vêm com desvantagem. Eu particularmente estou feliz por ser da mídia; acho que a minha eleição se deu por um milagre de Deus. Minha eleição foi fruto do trabalho de uma associação de CIAVV (Centro Integrado de Apoio as Vítimas de Violência), que foi uma soma de vários fatores.[...]

O Repórter vereador atribui a vários fatores a sua eleição,mas não deixa de sua crença no sobrenatural,típica dos pentecostais,afirmando que sua eleição foi um milagre de Deus.

Explicou que:

[...] *No seu caso, o que ajudou muito foi a popularidade que a televisão agregou a seu nome. Ele trabalha na TV Ponta Negra há catorze anos e mantém, há cinco, uma organização não-governamental que atende as vítimas da violência. A entidade disponibiliza atendimento psicológico e social e ainda oferece cursos profissionalizantes à população. O reconhecimento desse trabalho foi fundamental para alcançar a vaga na Câmara. Só dinheiro não ganha campanha[...]*

Essa questão da influência da mídia nas campanhas eleitorais é tão notória, que atualmente, os candidatos apresentadores de programas de Rádio ou Televisão tem que se afastarem de suas funções durante a campanha. O seu trabalho social desenvolvido na Zona Norte de Natal com certeza também colaborou bastante já que foi a região da cidade, na qual ele obteve maior votação.

No que diz respeito ao financiamento de sua campanha, ele declarou que :

[...] *Começou a sua campanha com cinco mil reais, e que só passou a ter ajuda de amigos quando seu nome começou a aparecer nas pesquisas. Deus me abençoou, foi um verdadeiro milagre, eu venci um irmão em Cristo, o Pr. Osório Jácome, que tinha uma superestrutura e o apoio do Vice-governador. Mas quando Deus escolhe os seus [...] e eu fui um dos escolhidos[...]*

Esse depoimento, mostra a visão providencialista do vereador, que, ao utilizar-se da expressão *Deus escolhe os seus* para referir-se a sua eleição, nos faz pensar apesar de não ser sua intenção, se não estaríamos diante de uma versão contemporânea do 'Direito Divino' dos reis absolutistas da Europa na Idade Moderna. Outro aspecto interessante é o fato dele destacar que venceu Pr. Osório Jácome, sendo que atrás dele ficou o Sargento Siqueira. Do ponto de vista do eleitorado protestante, realmente o grande nome que ficou de fora foi o Pr. Osório Jácome, que obteve a expressiva votação ( 6.143 votos ).

O repórter Gilson Moura disse que :

[...] *Não mistura religião e política, não visitou igrejas pedindo votos e não utilizou o púlpito como palanque. Ele argumenta dizendo que muitas pessoas que votaram nele nem sabiam que ele era evangélico. Só vieram a saber pela mídia, quando começaram a falar em bancada evangélica. Questionado pela omissão de sua religião no site da Câmara, ele respondeu que isso foi um lapsos do site, o afirmando, contudo, que não faz bandeira da sua religião. Acredita que o fato de ser evangélico não lhe traz problemas, desgastes e nem lhe incomoda; pelo contrário, só lhe traz benefícios.*

Tudo indica que o vereador Gilson Moura não teve na religião uma plataforma eleitoral, porém ao longo de sua entrevista, em vários momentos confessa a importância sua

fé pessoal como um dos fatores para sua vitória política, por exemplo quando diz que sua eleição foi um verdadeiro milagre e que Deus lhe abençoou com a vitória no pleito.

O repórter acredita que :

[...] A hegemonia do segmento pentecostal na Câmara Municipal deve-se ao fato de que os pentecostais têm vontade de disputar as eleições, ao contrário de outros segmentos evangélicos, que acham que religião não pode se meter com política; o que ele discorda totalmente. Os crentes abandonaram a máxima *crente não se mete em política*, porque descobriram que quem decide é o poder, os vereadores vão decidir sobre a cidade deles.[...]

Realmente acredito que o vereador encontro uma das explicações para a hegemonia dos pentecostais na Câmara Municipal: os pentecostais tem muita vontade de chegar ao poder,baseados na sua hermenêutica do salmo que diz : “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor” ao contrário da maioria das igrejas históricas que aceitam a separação Igreja – Estado.

Segundo Gilson Moura:

[...] Eles (os crentes) sentiram pressionados, na necessidade, e lá criar leis que possam ser interessantes para esse segmento. Aqui na casa teve uma lei interessante que estabelecia a dispensa do Imposto Predial territorial Urbano-IPTU para os prédios alugados das igrejas e eu comandeí essa votação, mas a casa derrubou essa lei. Eu votei a favor por um voto; lamento porque as igrejas fazem um trabalho importante na recuperação de drogados; eu nunca vi uma igreja encaminhando para o mal.[...]

Essa atuação política corporativista,apesar de justificada pelos serviços prestados pelas igrejas a sociedade é muito valorizada tanto pelas igrejas como pelos políticos protestantes profissionais.

Ele questiona:

[...] Eu não sei por que há uma discriminação pelo fato de ser evangélico, pois assim como tem católicos, espíritas, aqui nessa casa tem de tudo. Eu sou um evangélico vereador. Não me envergonho, para mim, é uma bênção está aqui no meio dos outros colegas. Eles me respeitam, eles sabem que, apesar de tudo, eu processo essa fé. Estou muito à vontade, muito tranqüilo. Entendo também essa necessidade de ocupar espaço, seja no Legislativo Municipal, Estadual, ou na Corte maior do Legislativo.[...]

Em relação à suposta discriminação que sofrem os evangélicos,ela é muitas vezes utilizada por alguns candidatos como incentivo para o voto corporativista (“irmão vota em irmão”),mas se explica também pela hegemonia cultural do catolicismo no Brasil.

Em relação ao fato da defesa de valores morais e religiosos em um Estado laico, Gilson afirmou:

[...] Eu sou cidadão também. Pelo fato de ocupar cargo público, não deixo de ser cidadão. A minha posição é muito clara. Tenho a minha posição e respeito a posição dos outros; quero que as pessoas também respeitem a minha. A religião que eu faço parte não comunga dessas opiniões, e eu sigo posições semelhantes. Sou contra o aborto e a União Civil do mesmo sexo.[...]

A Democracia brasileira garante a liberdade de expressão sobre quaisquer temas, o que não pode ocorrer é a discriminação e a humilhação de qualquer minoria seja ela política, racial, sexual ou religiosa através de um mandato público, o que não percebo na atuação do vereador acima citado.

Já no tocante as candidaturas oficiais nas igrejas pentecostais, ele afirmou:

[...] Olha, eu vejo com naturalidade. Acho que o critério deve ser democrático. Tem pessoas que se afinam mais com outras; se a Igreja adotar esse critério, será importante e interessante. Claro, torço para que eu tenha o apoio dos irmãos; se não conseguir, tenho o apoio de Deus e a Sua confirmação. Acho que para mim já é tudo. Não seria antidemocrático que a igreja tenha candidato oficial. Não, se escolhido de forma clara e cristalina. Pelo contrário, eu acho uma forma de organização.[...]

O vereador nesse ponto compartilha a tese pragmática que demonstra que as candidaturas oficiais têm maior possibilidade de eleição, apesar do mesmo confessar que não tem esse apoio, mas que gostaria de obter.

A respeito de sua relação com o Vice-governador, Dr. Antônio Jácome e o publicitário Públio José, Gilson declarou: *“Não sou liderado por um nem por outro, mas tenho muito respeito pelos dois. São meus amigos. Eles também têm muito respeito por mim, e gostaria muito de poder contar com o apoio dos dois, mesmo me parecendo que Jácome é candidato também; e Públio, não sei qual cargo irá disputar”*.

Sobre o suposto escândalo envolvendo um parlamentar evangélico bispo da IURD, João Batista, ele declarou:

[...] É feio, não é? Acho que desgasta; todos os holofotes se voltam para a questão da religião. E se fosse um católico ou outro segmento religioso, não teria tanta exposição em cima da religião. Eu vejo com tristeza das duas partes, tanto pelo irmão em Cristo, que foi pego

com dinheiro, quanto da grande mídia, que sempre direcionou o foco para a religião quando se trata de evangélico. [...]

Novamente o parlamentar retoma a idéia de perseguição dos evangélicos, nesse caso da mídia. O vereador lamentou o fato do deputado ter sido pego com o dinheiro.

Ao ser indagado se seria importante para o segmento evangélico ter um presidente que professasse a mesma religião, ele foi contundente:

[...] Eu já declarei: apoio Garotinho. Independentemente de partido, a mídia já divulgou. Inclusive eu sofri quando as pessoas ficaram me olhando diferente e me perguntando por que não voto no candidato do partido. Eu já fiz a minha opção, não foi nenhuma recomendação da Igreja, mas acredito que, a exemplo do que fez em Campos e no Rio de Janeiro, pode fazer no Brasil.[...]

Sobre a sua postulação nas eleições 2006, ele nos disse o seguinte:

[...] Com relação a minha postulação, sou candidato a deputado estadual e luto por isso. Gostaria muito de que Deus me abençoasse e pudesse tocar no coração dos irmãos para que os eles pudessem votar em mim. Eu sei que tem outras pessoas que exercem cargos nas igrejas, como de pastores ou líderes, que tem a seu favor verdadeiras estruturas nas igrejas e pastores que apóiam. Eu não tenho, pois sou um simples membro. Eu não recrimino os colegas que tem, mais gostaria muito de ter. Espero que Deus toque no coração dos pastores, dos irmãos, para que no dia da eleição eu possa receber os votos necessários para me eleger.[...]

Nesse depoimento podemos perceber claramente a crença pentecostal do vereador quando afirma que espera que “Deus toque no coração” dos pastores, dos “irmãos” para que no dia da eleição ele fosse eleito. Os pentecostais crêem que Deus atua diretamente em todas as situações vividas pelo fiel.

Sobre o enquadramento das igrejas no Novo Código Civil, Gilson posicionou-se da seguinte forma:

[...] Eu discordo; e acho que as Igrejas têm um papel importante e devem se modernizar; respeitar o próximo e o espaço dos outros. Aí não terá nenhuma crítica. No meu entendimento, para que lei? Para punir quem faz o bem? É de mais. Acho que a Igreja tem um grande papel na sociedade, eu não vejo nenhum pastor pregando o mal, pregando a discórdia, o banditismo, eu acho que deve ser estimulado e não criar lei para perseguir.[...]

O vereador como a maioria dos políticos protestantes rejeitou o Novo Código Civil, que foi interpretado por ele como uma forma de punição para as igrejas, que na sua concepção só faz o bem.

Na conclusão da entrevista (27/04/06), ele falou sobre a questão da formação acadêmica de um parlamentar:

[...] Acho importante à graduação, a pós-graduação e isso qualifica, não querendo dizer que quem tem menor conhecimento que sejam pessoas diferentes da gente. Nós temos pessoas que não detém um diploma de 2º grau ou 3º grau que são excelentes parlamentares, eu não advogo a causa de que o diploma seja o pré-requisito para fazer um bom trabalho.

Uma das críticas que os pesquisadores fazem aos políticos pentecostais é a baixa escolaridade, o vereador apesar de possuir nível superior e reconhecer a sua importância, não entende que essa qualificação deva ser um pré-requisito.

#### **4.6 A candidatura do Sargento Siqueira**

Edson Siqueira de Lima é um natalense de trinta e nove anos, casado, tem dois filhos, nascido no Bairro da Cidade da Esperança, formado em Letras e em Serviço Social pela UFRN e concluinte do curso de Direito da Universidade Potiguar - UnP e tem pós-graduação em Políticas Públicas pela Universidade do Ceará. Sua família não era evangélica, mas ele é evangélico desde os catorze anos. O Vereador afirma que se converteu na Igreja Pentecostal Deus é Amor, depois, por uma questão de proximidade, passou a frequentar a Assembléia de Deus e hoje é membro da Igreja Casa da Bênção.

Em entrevista (22/03/06), quando indagado sobre a partir de quando ele começou a participar da política partidária e qual relação ele estabelece entre a sua crença e a atividade política, ele se expressou nos seguintes termos:

[...] Eu tenho a certeza de que entrei na vida pública por um chamado de Deus e vou revelar esse segredo a você. Aos catorze anos, o Senhor falou comigo através de uma profecia que iria me tirar daqui, que eu me preparasse que o Senhor iria me levar a lugares distantes e desabilitados. Então eu tive a felicidade de entrar na Universidade, no curso de Letras. Então fiz um concurso para uma Missão de Paz da ONU Internacional na antiga Iugoslávia; fui aprovado nesse concurso e fui como observador militar. Até o ano de 1994, não tinha nenhuma pretensão política; a minha pretensão era terminar o curso, trabalhar, casar e criar meus filhos. Dessa viagem Internacional, para os que iam ler essa reportagem, eu queria dar esse testemunho sendo evangélico ou não, no tempo certo o Senhor vai cumprir. Se o Senhor cumprir na minha vida, cumpre na de qualquer coitado, creia e confie. Não basta só esperar a promessa e ficar dentro de uma rede se balançando, você tem que fazer sua parte. O Senhor me prometeu, eu aguardei aquela promessa, mas eu me esforcei para que, quando o Senhor fosse cumprir, eu estivesse preparado, por que a vida pública também é um sacerdócio. O apóstolo

São Paulo diz que *para cada um, é dado os dons e a vocação*. Uns tem o dom de cura, palavra de profecia, canto, solidariedade, de pastorear, a minha vocação, desde cedo, não foi para o ministério, foi para a vida pública. Quando eu retornei dessa viagem, ingressei na polícia militar como 3º Sargento da Corporação. Com o curso de Letras e de Serviço Social, principalmente o de Serviço Social, percebi que podia fazer algo pelo meu próximo. A política não é uma coisa de *papa-figo*, uma coisa nojenta, aquela coisa feia, proibida, pois é das casas legislativas que há as decisões para todo o Brasil. Por isso, o cidadão de bem vai influenciar a vida de milhares e tem que entrar na vida pública. O Senhor me trouxe para cá, mas eu tenho a consciência de que o poder e o mandato são decrescentes; e cada dia é um dia a menos do seu mandato. Eu espero que, durante a minha estada, eu possa honrar a promessa de Deus através do meu testemunho e de projetos que sejam de alcance social, não em causa própria, e defender a minoria porque aqui se precisa de defensores. Ler o projeto e, pelo temor de quem tem o *Espírito Santo*, saber discernir nas entrelinhas, cada proposta. E eu estou nessa casa, primeiro para engrandecer o Nome do Senhor através do seu testemunho. Aqui está o grande diferencial. Ninguém veio aqui para ser pastor, para estar forçando ou transformando ninguém em nada. O testemunho por si só já fala da sua vida, da sua conduta. A Bancada Evangélica é o diferencial dessa casa.[...]

Esse depoimento do vereador que ele crê numa predestinação profissional, que por ser cristão saberá analisar melhor cada projeto e que a bancada evangélica pelas suas boas ações ( testemunho ) são o diferencial da Câmara. Quanto a questão da vocação secular, ele retoma um conceito desenvolvido por João Calvino na Reforma Protestante, que negou que as vocações restringiam-se apenas aos membros do clero. Em relação à suposta melhor capacidade superior dos políticos protestante essa concepção é reflexo da Teologia neopentecostal e quanto ao bom testemunho dos parlamentares evangélicos, apesar de não ter ocorrido até o momento nenhum escândalo envolvendo os mesmos, muitos tem ficando decepcionados com algumas votações contra os servidos públicos.

Para ele :

[...] Só é possível a união dos parlamentares evangélicos quando ocorre um interesse coletivo do segmento, já que os cinco parlamentares estão pulverizados em partidos da situação e da oposição. Essa bancada, segundo o Sargento, é liderada pelo Bispo Francisco de Assis, que até por uma escala de hierarquia eclesiástica estamos em boas mãos, pela sua experiência, pelo testemunho e por ser de uma igreja reconhecida a nível mundial.[...]

O Sargento Siqueira, sem se aperceber, confirma a minha tese de que não existe de fato uma bancada evangélica, mas apenas cinco evangélicos espalhados em partidos da situação e da oposição.

Ao comentar a importância dos evangélicos participarem da política, o Sargento assim expressou-se:

[...] No Brasil nós somos 15% da população ativa de eleitores aptos a votar. Numa grande massa, se você considerar que o Brasil tem 187 milhões de habitantes, os evangélicos podem influenciar em qualquer eleição, tanto no campo majoritário, como nos seus municípios. É importante a participação. Agora, a igreja precisa desmistificar as grandes lideranças do segmento evangélico, desde a Escola Bíblica Dominical, num projeto pedagógico, mostrar a importância do poder legislativo e quais as influências que tem a política, não a política partidária, mas a necessidade da participação política. Pois a política não é uma coisa feia quando você assume com responsabilidade. Eu acho que a igreja precisa ensinar, desde cedo, a criança, o adolescente, o adulto, a mocidade; isso em vários níveis de graduação ou de orientação pedagógica. Deveria ter dentro de nossa cartilha alguma coisa sobre política porque as pessoas levam o lado negativo, com certa vulgaridade.

E em todos os segmentos, nós temos bons e maus profissionais; e na política não seria diferente. A igreja precisa tirar esse mito de que a política não ficou para os evangélicos. Ficou sim, dentro de nossa proporcionalidade na sociedade. Deveríamos ter pelo menos 15% em todos os níveis de Governo Federal, Executivo e Legislativo e, só assim, a médio e longo prazo ter uma participação mais efetiva. Isso é fruto de nossa fraqueza, nossa pequenez. Somos desmobilizados, desorganizados e desunidos.[...]

Em relação à proposta educativa, ela sempre existiu para a não – participação política, seria importante essa formação desde que não fosse vinculada a projetos políticos pessoais, ufanistas e corporativistas. Por outro na Câmara os protestante representam 23% dos parlamentares.

Ao ser questionado sobre o papel do eleitorado evangélico na sua eleição e por que grande parte dos evangélicos abandonou aquela máxima *crente não se mete em política*, o vereador assim respondeu:

[...] Eu acho que alguém plantou em algumas pessoas desavisadas da igreja. O crente deve participar, deve opinar. O que não existem, no segmento evangélico, são as prévias, que pudessem indicar aquele ou outro nome para representar a igreja.

Não existe ainda a titularidade, acham que só quem pode

representar a igreja é alguém que tenha algum cargo de confiança nela. São pastores, bispos, presbíteros, mas não são líderes, não tem nenhuma chamada para aquele tipo de atividade. Para ser político, precisa de muito preparo, de conhecimento da legislação, do que é o movimento sindical; pessoa que tenha condições de nos representar. Muitas vezes, são medidas impostas na igreja e, quando se depara com os problemas que não conseguem assumir o seu papel, ele começa a se decepcionar e decepcionar os outros.

Então nós temos uma outra responsabilidade pelo fato de ser luz e de dar um testemunho. Agora não pode querer ser um maioral querendo mandar no parlamento através do grito, mas através da convivência com respeito, pois está lidando com pares. Por mais importante que o projeto possa ser para o segmento, eu não posso querer que meu projeto desça de goela abaixo sem convencê-los. Aqui você tem que revezar muito, apoiar projetos de outros colegas que não são evangélicos, para que eles possam viabilizar os do nosso segmento.

Agora a bancada evangélica daqui de Natal tem se colocado contrária a projetos que afrontem a moral, a ética e a dignidade da pessoa humana, aos bons costumes nós nos insurgimos duas vezes quando foi colocado aqui um projeto que reconhecia a Associação das Prostitutas. Respeito qualquer minoria, respeito qualquer atividade, mas eu tenho o direito de me insurgir sem afrontar, sem humilhar o ser humano. Porque aquela prostituta amanhã pode ser uma salva, eu vou tentar resgatá-la pelo meu testemunho. Um outro projeto foi o gasto excessivo de Natal contra a Parada Gay, em que não sou obrigado a conviver sem precisar fazer parte. A pior coisa do mundo para um ser humano é a rejeição. Eu tenho que conviver com os brancos, com a pessoa de cor, com os homossexuais e as prostitutas sem precisar fazer parte.[...]

Outro aspecto que tem sido criticado é o fato da política partidária ser encabeçada pelos pastores e líderes eclesiais e não pelos membros leigos que teriam essa vocação específica. É interessante notar que o vereador afirma que a bancada evangélica tem se colocado contrário a projeto que afrontem “bons costumes” e exemplifica com a prostituição e o homossexualismo, que na concepção cristã são costumes pecaminosos. O que em outra cultura não seria considerado.

Sobre o apoio que obteve do segmento evangélico, o vereador fez a seguinte consideração:

[...] Eu agradei a Polícia Militar, aos evangélicos que me deram o apoio expresso da Igreja Casa da Bênção, de alguns pastores da Assembléia de Deus, da Igreja Batista e de outros pastores de igrejas grandes e pequenas e ao bairro da Cidade da Esperança. Acho que a prévia é necessária, mas tem que ser revestida de caráter oficial, para que possa lançar os pré-candidatos. Promover um processo de discussão, intervir por meio de edital e, após o culto, ver a quem serviam os pré-candidatos, a que cargos iriam concorrer, ter dois ou três candidatos para a igreja ter opção.

Eu sou veementemente contra, não aceito que se utilizem do púlpito, que é um local santificado, para esse ou aquele candidato.

Principalmente a política partidária deveria ser feita fora do púlpito. Cada um apresentar seus projetos para o segmento, não de Assistência Social, que não é a função do político. Quem tem que patrocinar é o Executivo. Eu tenho que cobrar isso do executivo com simplicidade, com transparência, não um processo conduzido.

Nós tivemos o apoio oficial da Igreja, essa foi a nossa terceira campanha, nas duas primeiras tivemos apoio (vereador e deputado Estadual). Nessa última, divergimos apenas em questões que respeito. Uma parte do ministério resolveu apoiar o Pastor Osório Jácome, mas eu recebo isso com muita maturidade. Lideranças se constroem, temos a palavra que o segmento vai continuar me apoiando.

Acho que a igreja é um gigante adormecido, tem um potencial maior a ser explorado. Não consegui detectar porque não sou líder eclesiástico, ela tem muito mais a oferecer ao Parlamento. A igreja teria condições de mudar a História do Brasil a partir do momento em que servisse para eleger um presidente, um vice-presidente, vários governadores, vários prefeitos, centenas de milhares de parlamentares. Quando a igreja precisa de um carro de som, de um médico, de um advogado, de uma assistência, de um apoio, ela vai buscar aonde? Vai buscar na política e fica refém de pessoas que não tem nenhuma ligação com o segmento. Por um pequeno grupo que detém a igreja, achando que vai colocar aquilo de goela abaixo para os simples membros. Se ele não se sentir participante, ele está livre para votar em quem quiser. Como muitas vezes isso não chega às bases, ela não se motiva para fazer um esforço para que aquele irmão, ao assumir um mandato eletivo.[...]

Nesse longo depoimento o Sargento vereador apresenta suas bases eleitorais, defende a propostas das prévias eleitorais nas igrejas com os pré – candidatos do segmento, apresenta as dificuldades dos candidatos oficiais e apesar de dizer que não concorda que o parlamentar deva ser um assistente social, justifica a participação dos evangélicos na política de uma maneira corporativista.

A respeito de suas estratégias eleitorais e sobre a obtenção de recursos para a sua campanha, Siqueira declarou:

[...] Eu fui muito claro com a igreja. Não pedi os votos para ser assistente social, até porque já sou. Dou apoio logístico para a igreja a fim de abrir as portas no macro e ser vigilante nos projetos contrários como o IPTU, as questões da SEMURB, que fiscaliza a questão do som, porém não conseguem parar o Carnatal, o São João, ou um simples um carro na porta da igreja, com o camarada bebendo porque falta representatividade política da igreja. A assistência individual é uma prática ultrapassada. Devemos, sim, promover políticas públicas.

Numa campanha de um vereador, se gasta nada menos que 300 mil reais, e para ser deputado, 500 a 700 mil. Ter apoio do Jogo do Bicho, de empresário por trás, eu não quero, pois não acho que seja uma forma inteligente, pois já chega ao Parlamento amordaçado. Acredito que Deus tem um plano e vai operacionalizar esse plano. Ninguém chegou aqui só com apertos de mão, mas com lastro, simpatia do segmento e de outros grupos para complementar.[...]

Percebemos na segunda parte de seu depoimento a sua visão providencialista e ao mesmo tempo realista ao afirmar os altos custos para garantir uma cadeira na Câmara Municipal.

No que tange a sua articulação política no segundo turno das eleições 2004 e opinião sobre uma agressão que o deputado Luiz Almir teria feito para com os evangélicos, o vereador sentenciou:

[...] Já apoiei o projeto de Carlos Eduardo desde o seu primeiro turno e continuei apoiando no segundo. Em relação ao deputado. Luiz Almir, cada um dá o que tem. Eu não vou avaliar a opção ou a atitude dele. Nós estamos falando de política séria. Eu acho que cada um responde pelos excessos, tanto é que ele pagou pelos excessos e não logrou êxito na eleição.[...]

Em relação ao enquadramento das igrejas no Novo Código Civil, ele crítica :

[...] O discurso de *vitimização* da igreja: enquanto advogado, acredita que a igreja não pode ser a coitadinha do processo. Tem algumas denominações que convidam muito cedo um jovem para pastorear, amanhã por, algum motivo, não dá certo, quais serão suas garantias? A igreja arrecada. Qual o problema da igreja prestar contas, ser inspecionada pela Receita Federal. A gente não pode ser transparente apenas na fé. Nós temos muitas igrejas só de fachada, cartoriais e, cada vez mais, vemos os escândalos. O Pastor é um Assistente Social, um rábula.[...]

O Sargento advogado foi o único dos parlamentares protestantes que aceitaria o Novo Código Civil, alegando que provocaria maior garantia para os pastores e para os fiéis.

Em relação a formação parlamentar ,ele disse : *“Não defende o nível superior para que o candidato possa ser um parlamentar, pois o poder emana do povo. Se um evangélico disser uma bobagem, vai servir de chacota. Você coloca para cima ou para o fundo do poço o seu movimento”*. Defende a preparação para o exercício da função parlamentar e não um diploma universitário como pré – requisito.

Questionado sobre o fato dos parlamentares protestantes defenderem concepções morais e religiosas num estado laico, ele afirmou:

[...] Acho que a vida é plural. Um país de várias etnias e várias raças, há certa miscigenação em relação à religião. Predomina o catolicismo. Não é fácil tirar essa titularidade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o segmento dos evangélicos nos próximos cinquenta anos será maioria, mas precisamos ser maioria no Congresso, no Executivo, nas Câmaras e nas Assembléias; aí certamente

o Brasil será um outro país, com justiça social. Eu defendo a candidatura de Garotinho, espero que ele possa passar por essa prévia que está sob litígio judicial. Erramos, está provado que deveríamos mais uma vez ter um partido em nível nacional, pois sempre quando vamos tomar uma decisão, ainda somos desmobilizados. Com certeza, Garotinho teria como ter garantido sua candidatura. Um partido de mobilização Nacional, que tivesse ressonância, que possuía filiados de todos os segmentos evangélicos, interdenominacional, agregando os interesses do segmento. Só assim a gente pode, a médio e longo prazo, assumir este país.

[...] No Congresso Nacional, são 513 deputados e 81 senadores; a bancada evangélica não representa essa força toda, pois estão pulverizados em vários partidos. Tem pessoas que estão no congresso e defendem a união civil entre pessoas do mesmo sexo; é um problema de ordem sexual deles, que enxergam de outra maneira. Falta um estatuto que mostre quais bandeiras os evangélicos devem defender. Eu sou contra o aborto e a União Civil de pessoas do mesmo sexo; agora, enquanto advogado, infelizmente vou ter que defender o direito *Dura lex sedes lex* (É duro, mas é lei). No congresso, nós temos os mais articulados no terceiro ou quarto mandatos, Pastor Júlio (AD), que é cabo do Corpo de Bombeiro de MG e Pastor Takayama. Deles se espera mais. Se isso passar, quem é que perdeu? O segmento evangélico. Acho que isso ainda é uma matéria que vai se arrastar por pelo menos uma década. No RN, por que o nosso vice-governador não assumiu o PSC - Partido Social Cristão? Todo político evangélico sabe da importância de um partido nacional. Agora, quando chega à questão de quem vai mandar no partido, aí vêm os conflitos que não vêm da base do simples evangélico. Está no poder eclesiástico quem vai mandar a Universal, a Batista, a AD, a Anglicana? Até agora não surgiu um líder que pudesse agregar todos os interesses do segmento.[...]

Nesse discurso de formulação ideológica do segmento protestante na política, o Sargento considera fundamental a criação de um partido nacional, visando a garantia da representação política proporcional ao crescimento demográfico segundo o IBGE.

Sobre a crítica do sociólogo Ricardo Mariano (1999) de que a participação política dos pentecostais é clientelista e antiesquerdista, ele diz:

[...] Acho que depende da década que o sociólogo viveu ou escreveu esta tese. Eu sou Assistente Social e venho de uma linha de esquerda, mas nem por isso convivo e transito muito bem entre o sindicato, o movimento evangélico. Aqui se discute sobre tudo; idoso, transporte público, a questão dos abatedouros, do meio ambiente, da falta de segurança, etc. Agora, se você não tem qualificação, fica limitado àquele falso moralismo. Aqui nessa casa temos engenheiros, médicos, líderes de movimentos sindicais, empresariais; é uma casa plural.[...]

Esse sociólogo que defendeu essa tese é Mariano ( 1999 ),que apesar de algumas generalizações traçou um perfil da maioria dos pentecostais com base nos estudos da pesquisa Novo Nascimento( 1996 ) do ISER.

Um dos vitoriosos no pleito de 2004 foi o Sargento Siqueira, que, em entrevista ao *União* (18/01/03), quando ainda era suplente na Câmara Municipal, afirmou que :

[...] Tinha duas bandeiras: a bandeira da segurança pública e bandeira dos evangélicos e que nunca votaria para que o nome de uma rua fosse uma homenagem a um babaorixá ou jamais usaria a tribuna para defender o jogo do bicho. A tribuna será utilizada para que o nome do Senhor seja glorificado. Se tivesse que escolher entre a sua salvação e o mandato, ficaria com a salvação.[...]

Vemos, agora, nesse depoimento, uma rejeição às religiões afro-brasileiras (que são tidas como demoníacas pelos protestantes) e ao moralismo, ligado a sua compreensão soteriológica<sup>19</sup>.

Contudo, na sua biografia no site da Câmara, não ocorre menção em sua crença religiosa, mas justificou-se nos seguintes termos:

[...] Não tive intenção disso. Não tenho motivo nenhum de não expressar a minha fé. Vou reparar isso. Nos momentos mais difíceis de minha vida, eu sempre fiz e o faço com muita alegria. Isso é um lapso temporal e será corrigido pela minha acessória de comunicação. Atribuo essa falha à própria, o que não é motivo nem de polêmica nem de querer esconder a minha fé. Se pudesse recomeçar minha vida, seria filho de Pedro Siqueira e nasceria no bairro de Cidade da Esperança, porque tudo que tenho vem de profecia, e o que recebi foi dado por Deus; e reconheço isso. A mídia se encarrega de deturpar a política.[...]

<sup>19</sup> Ramo da Teologia Cristã que estuda o processo de salvação da alma.

Essa questão de mencionar a religião, pode parecer, a primeira vista irrelevante, mas dentro da mentalidade pentecostal é fundamental não negar ou omitir sua crença, já que essa é motivo de alegria como expressou o vereador em sua justificativa.

Em relação ao suposto escândalo que envolveu um parlamentar evangélico e Bispo da IURD, João Batista, ele se expressou da seguinte forma:

[...] Eu não tenho procuração para defender ou acusar o Bispo. Não sou membro da IURD, mas da ICB, apenas a Polícia Federal e o Ministério Público Federal irá investigar o que realmente aconteceu. Não há nenhum crime em transportar dinheiro; não vejo isso como um escândalo. Escândalos têm em todos os segmentos, não é porque existem médicos que traficam órgãos, juizes que vendem sentenças, concede liminares indevidas, que são todos corruptos[...]

Sobre sua relação com o Pr. Antônio Jácome e o publicitário Públio José, Siqueira afirmou que era de muito respeito. Conheceu Jácome quando faziam evangelização nos colégios.

[...] Sinto-me representado pelo Vice-governador. Nos seus mais de vinte anos de vida pública, dignifica a função. Nunca tivemos relação política partidária, nunca fui liderado por ele. E acho que o segmento tivesse o cuidado, o zelo ele deveria permanecer na chapa majoritária. Foi um vice-governador discreto e nunca se falou em escândalo, nem foi desleal com o segmento. Há insatisfação do segmento, mas isso é natural; o cobertor é muito curto. Nunca precisei dele e ele nunca precisou de mim. E no momento em que ele esteve em dificuldade, eu fui solidário a ele. Públio tem todo o direito de pleitear, de sonhar. É em quadro político, é um grande pai, tem um testemunho que honra qualquer cidadão. Se ele esperar em Deus, o momento dele chegará, a vitória se construirá. O seu projeto precisa de mecanismos para empolgar o segmento.[...]

O Vereador elogia ambos os quadros políticos do segmento protestante, e ao mesmo tempo reafirma a sua visão providencialista da história, sem esquecer contudo das estratégias ( mecanismos ) para empolgar o segmento.

Em relação à hegemonia dos pentecostais na Câmara Municipal, o Sargento pentecostal considerou que: *“Assim como dentro do segmento evangélico, o que se reflete em qualquer segmento em que estiverem”*.

Ao ser questionado se a Polícia Militar é ditatorial, o sargento vereador não desconversou e afirmou:

[...] E muito, mas prender e soltar é uma questão de regulamento disciplinar do Exército Brasileiro, fruto da ditadura de 1964. Esta não se adequou à Constituição de 1988. Nunca aceitei ordens absurdas. A

assistência social é questionada por natureza. Eu não fui só preso, fui expulso, vinte e sete meses desempregado de uma forma injusta; mas graças a Deus, tudo que prometeu tem cumprido. Você pode ir para o fundo do poço, mas não vai morrer ali. Até por isso resolvi fazer o curso de direito, para que a polícia possa ter formação estrutura e salários justos. Daqui o Senhor vai me levar para a Assembléia Legislativa e, de lá, eu sairei para ser secretário de segurança. São 8.400 homens e, deste efetivo, 15% são evangélicos. A palavra do Senhor independe de placa de Igreja, tem dado seu recado ali; o Senhor tem salvado vidas, dado livramentos, o que é fruto das orações dos justos. Em 2004 foram dezessete baixas, em 2005, quatro e, em 2006, até agora, nenhuma.[...]

Interessante notar que a mesma visão corporativista evangélica que o vereador tem na política, é aplicada a Polícia Militar. Que segundo o Sargento tem sido poupada de homicídios devido as preces dos protestantes da corporação.

#### 4.7 A candidatura do ex-boxeador Adenúbio Melo

Adenúbio de Melo Gonzaga é natural de Ipanguaçu – RN, tem trinta e nove anos, é casado, tem um filho e possui o Ensino Médio completo. Recebeu formação católica, mas segundo ele, não conhecia a *Palavra do Senhor* e vivia em festas, chegando até mesmo a ser dono de uma banda de forró.

Depois de um assalto a seu carro, relatou Adenúbio, em entrevista (22/03/06), : “*Onde o assaltante, depois de doze horas, disse que iria devolver o carro porque não conseguia ficar com ele, e, a partir de então, decidi ser crente e passei a investir na obra( atividades eclesiais ) do Senhor*”. Aos dezessete anos de idade veio para Natal, onde serviu ao Exército e iniciou sua trajetória esportiva, tornando-se praticante de *Full Contact*, modalidade pela qual se sagrou tricampeão brasileiro.

Em 1991, um acidente de moto limitou o movimento de suas pernas e o levou a treinar boxe. Nessa modalidade, ele se destacou ainda mais e obteve três títulos mundiais na categoria superleve, em duas diferentes associações de boxe. Em sua carreira foram trinta e três lutas e trinta e três vitórias.

Adenúbio passou a ser um empresário do esporte, montando uma rede de quatro academias de musculação, ginástica e artes marciais. Ele afirma que decidiu entrar na política quando foi campeão mundial de boxe e não tinha um representante dos atletas aqui na Câmara.

Inicialmente, Adenúbio foi filiado ao PSDB, através do qual tinha um programa evangélico na TV Potengi, mas, por falta de compromisso do partido, ele se desligou e o tiraram do programa. Hoje ele está no PSB, partido liderado pela governadora Wilma de Farias.

Ao ser indagado sobre a relação entre sua religião e a sua atividade política, Adenúbio afirma: “

[...] 70% do meu salário é dedicado à obra de Deus. Eu construí uma carreta -Trio Elétrico para evangelizar todo o Estado do Rio Grande do Norte”. Hoje eu disponibilizo para as igrejas dois carros de som, mil cadeiras, e, além de seu programa de Rádio, patrocina outros quatro programas evangélicos dirigidos pelas igrejas Brasil para Cristo, Missão Evangélica, Igreja de Cristo no Brasil e Comunidade Evangélica Monte de Deus.[...]

Possivelmente além de estarem à disposição das igrejas, o Trio Elétrico, os dois carros de som e essas cadeiras podem ser utilizadas também pelo candidato nas campanhas eleitorais.

Em relação à importância dos evangélicos participarem da política, Adenúbio acredita que :

[...] É melhor colocar um cristão que aprove as coisas da igreja do que um não cristão. Ele afirma que firmou um compromisso de estar na Câmara representando os evangélicos. E afirma que quem vê a TV Câmara percebe seu constante discurso no nome do Senhor. E por eu sou criticado, mas disse que não pode perder essa oportunidade de falar para mais de trinta mil pessoas todos os dias, pregando que Deus é bom, que ele cura e ainda é o mesmo, em todo o tempo.[...]

Realmente, o vereador Adenúbio Melo é o que melhor representa o jeito de ser pentecostal, constantes citações populares da Bíblia, referências as “ações diabólicas” e muita ênfase na transformação pessoal e no proselitismo.

A respeito de suas estratégias eleitorais e do financiamento de sua campanha, o boxeador diz que :

[...] Chegou aqui pela graça de Deus, com o apoio de uma equipe de pastores que acreditaram no seu mandato por estar sendo fiel. Os recursos que obteve foram de amigos por ter defendido o Rio Grande do Norte e nunca ter decepcionado naquilo que fez e pelo desgaste que muitos políticos vêm sofrendo junto aos seus representados.

Essa questão de financiamento de campanha é uma questão que carece de uma reforma urgente em nossa legislação eleitoral, pois os custos de uma campanha para vereador podem chegar a setecentos mil reais. Em relação a Adenúbio Melo ,além do apoio

da empresa Marpas, na qual ele trabalhou, afirmou que teve que vender até algumas de suas propriedades adquiridas como empresário do ramo de academias, além do trabalho voluntário de muitos amigos das igrejas.

Em sua opinião:

[...] O segmento evangélico colaborou com a minha eleição com oração (de joelhos no chão), jejum e abraçando a causa, acreditando que um novo, um pequeno, Deus coloca no lugar dos príncipes porque *Ele é fiel*. Eu obtive o apoio de cinquenta congregações da Assembléia de Deus, apesar de não ser candidato oficial referendado pelo Pr. Raimundo Santana (Presidente da AD no RN). A hegemonia dos pentecostais na Câmara Municipal pode ser atribuída ao Pentecostes. Ao fato das igrejas pentecostais serem avivadas, buscarem, apoiarem de coração, quer mostrar para o mundo que Deus está vivo. [...]

A respeito dos atletas de Cristo<sup>21</sup>, Adenúbio disse que: “*Não concorda com determinados ensinamentos do grupo, mas que é uma forma de aperfeiçoamento para trazer pessoas para Jesus*”. A crença e os costumes tradicionais da AD, aprendidos pelo vereador, com certeza se chocam com a liberdade dessa associação tão informal.

#### 4.8 Outros candidatos protestantes que disputaram o pleito

Além dos cinco vereadores protestantes que lograram êxito nas eleições 2004, o *União* (16/10/04) apresentou uma lista com mais vinte e cinco vereadores que concorreram a uma vaga no Palácio Padre Miguelinho. Além desses, pesquisas exploratórias levaram-me a encontrar mais dois vereadores protestantes no Partido dos Trabalhadores – PT (irmão Marcos e Irmão Lucas) e um do Partido Verde – PV, o professor Elias Nunes da UFRN.

De todos os não eleitos, o que obteve maior apoio do segmento evangélico foi o Pr. Osório Jácome, que por ser irmão do Vice-governador, já era tido como um provável vitorioso do segmento.

O *União* (10/07/04) noticiou a criação do Fórum evangélico de inclusão social, que tem objetivo propor a discussão permanente de estratégias, ações e meios para enfrentar os problemas sociais. O Fórum foi iniciativa de vice-governador Pr. Antônio Jácome da AD.

O Pr. Osório Jácome afirmou: “

[...] *É preciso termos consciência da importância da nossa união neste momento para articularmos ações consistentes e que possam surtir efeito. Como diz o ditado popular: não basta dar o peixe é necessário*

*ensinar a pescar, dar a essas pessoas carentes de capacitação: treinamento, meios para que a inclusão social aconteça de fato.[...]*

Podemos perceber o destaque constante da atuação do Pr. Osório Jácome, que foi, ao que tudo indica, a grande aposta da AD e do grupo político-religioso que compõe a base da militância do Vice-governador do Estado, Pr. Antônio Jácome.

Apesar da expressiva votação que obteve (6.146 votos) e ter ficado na primeira suplência do Palácio Padre Miguelinho, a sua não-eleição mostra como o voto dos protestantes não é suficiente para eleger aqueles que se dedicam majoritariamente ao voto dos “irmãos” na fé.

Cabe ressaltar ainda que o Pr. Osório Jácome coordena o um projeto social *Mão Amiga*, que presta assistência social em comunidades carentes e foi lançado oficialmente dia 24 de julho de 2004, e acabou emprestando o título para o *slogan* de sua campanha.

No dia 11 de agosto de 2004, ocorreu, segundo o *União* (21/08/04), o Primeiro Encontro de Jovens Evangélicos de Natal novamente com a presença do prefeito de Natal, Carlos Eduardo, do vice-governador Antônio Jácome e do candidato a vereador Pr. Osório Jácome. O Projeto *Mão Amiga* esteve no encontro através do Pr. Osório, que apresentou suas propostas para a juventude evangélica. É notória a maior aproximação de Carlos Eduardo com o segmento protestante do que o seu adversário Luís Almir, além da presença constante do Pr. Osório Jácome nesses eventos.

Nesta mesma edição do *União*, há destaque no trabalho comunitário realizado no bairro das Rocas, em que o jornalista e candidato a vereador pelo PSC, Francisco Francerle, lhe rendeu uma homenagem durante o XVIII Congresso Nacional dos Trabalhadores Circulistas, realizado em Brasília.

O título de *Jornalista Amigo da Criança*, recebido da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), Unicef, Petrobrás e Fundação Abrinc lhe serviu de *slogan* para sua campanha, que obteve o 12º lugar entre os vinte e nove candidatos evangélicos listados pelo jornal *União* (16/10/04). O jornalista Francisco Francerle é membro da Missão Evangélica Pentecostal do Brasil – MEPB, no Bairro das Rocas. Contudo, fez uma campanha sem apelação religiosa, como outros candidatos.

Já a edição de 07/08/04 destacou um artigo sobre professor do Departamento de Geografia da UFRN, membro da Igreja do Nazareno e candidato a vereador pelo Partido Verde – PV, Elias Nunes, “*a importância da água como fonte de Vida e dádiva de Deus*”.

Curiosamente, o *União* (16/10/04) não listou o professor na lista de candidatos evangélicos que disputaram uma vaga na Câmara Municipal.

Na edição do dia 02/10/04, saiu uma reportagem sobre *o voto evangélico: força e união*. Na ocasião, foi celebrado um Culto de Ação de Graças pelo aniversário do Pr. Osório Jácome, com a presença da Governadora Wilma de Farias, do Vice-governador Antônio Jácome, do prefeito de Natal, Carlos Eduardo e de sua vice, Micarla de Souza. Ainda nesta edição, o Secretário de Segurança do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho pedia votos para Zé Eduardo Alves, que não é protestante; e o jovem Homerson Barreto era apontado pela sua mãe como uma forma de seus projetos serem realizados, já que ela não podia ser candidata por algum motivo que não foi esclarecido. Homerson, na sua campanha, destacou o combate às drogas com sua prioridade. Ele chegou a ter 906 votos pelo PSC.

Em primeiro lugar foi possível perceber a importância, as influências e o crescimento do pentecostalismo no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Norte. Esse fenômeno histórico não permite ao pesquisador cometer análises simplistas que atribuam seu crescimento exclusivamente ao empobrecimento das massas, a ignorância do povo, a ganância de mercenários, ao declínio da Teologia da Libertação, ao tradicionalismo rígido das igrejas protestantes históricas, as crises sociais e políticas, a carência emocional e psicológica entre outros fatores. Evidentemente todas as explicações espiritualizadas e bíblicas utilizadas pelos pentecostais não são adequadas aos estudos acadêmicos sobre a temática.

Em segundo lugar que a participação política dos pentecostais não é um recurso no mundo e no Brasil e Rio Grande do Norte já estão completando vinte anos. Percebemos que o fortalecimento da capacidade de intervenção das igrejas pentecostais na esfera pública no Brasil e no Rio Grande do Norte nas instituições democráticas no Brasil têm sido alvo de inúmeros debates e pesquisas.

Em terceiro lugar em relação às eleições 2004 em Natal, apesar dos pentecostais conseguirem os quatro representantes na Câmara Municipal, não podemos atribuir suas votações exclusivamente às bases religiosas, uma vez que 75% pelo menos possuem bases políticas na mídia, nos sindicatos/profissões clássicas e nas atividades desportivas.

## 5.0 CONCLUSÃO

Ao final dessa pesquisa, estou convencido que ela é apenas o início de muitas outras que devem continuar investigando historicamente a participação política dos pentecostais na vida pública do país. Como pesquisador, seria muito cômodo e pouco criativo, de minha parte, repetir as teses defendidas por muitos pesquisadores que afirmam que os pentecostais na política são corporativistas, clientelistas, fisiologistas, antiesquerdistas e moralistas. Essa seria uma simplificação que a presente pesquisa bibliográfica e de campo não me permitiria fazer. Pode-se constatar que, assim como o próprio pentecostalismo, que é um movimento eclético e plural, a participação política dos pentecostais não pode ser rotulada de forma tão maniqueísta.

Em primeiro lugar foi possível perceber a importância, as influências e o crescimento do pentecostalismo no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Norte. Esse fenômeno histórico não permite ao pesquisador coerente, análises simplistas que atribuem seu crescimento exclusivamente ao empobrecimento das massas, a ignorância do povo, a ganância de mercenários, ao declínio da Teologia da Libertação, ao tradicionalismo rígido das igrejas protestantes históricas; as crises sociais e políticas, a carência emocional e psicológica entre outros fatores. Evidentemente todas as explicações espiritualizadas e bíblicas utilizadas pelos pentecostais, não são adequadas aos estudos acadêmicos sobre a temática.

Em segundo lugar que a participação política dos pentecostais não é tão recente no mundo e no Brasil e Rio Grande do Norte já estão completando vinte anos. Percebemos que o fortalecimento da capacidade de influência das igrejas pentecostais na esfera pública no Brasil e o seu impacto nas instituições democráticas no Brasil têm sido alvo de inúmeros debates e pesquisas.

Em terceiro lugar, em relação as eleições 2004 em Natal, apesar dos pentecostais conseguirem ter quatro "representantes" na Câmara Municipal, não podemos atribuir suas votações exclusivamente as suas bases religiosas, uma vez que 75% pelo menos possuem bases políticas na mídia secular, nos sindicatos/associações classistas e nas atividades desportistas.

Contudo para tratarmos da questão da representação política no Brasil temos que estabelecer uma relação apenas entre o eleitor e o candidato, já que com o enfraquecimento dos partidos políticos, a representatividade passou a ser buscada por grupos profissionais, empresariais e religiosos.

Como sabemos o Poder Legislativo tem a competência de elaborar e aprovar leis que regulamentam e disciplinam a vida dos cidadãos. Aprovar o Orçamento do Município. No entanto, por meio do orçamento são geradas e garantidas as condições para que as leis sejam executadas a contento. O Poder Legislativo deve controlar e fiscalizar os atos do Poder Executivo e o funcionamento das instituições prestadoras de serviços públicos nas áreas constitutivas da vida da população, como a saúde, a educação, a capacitação para a geração de ocupação e renda.

Segundo o análise política sobre as eleições 2004, realizada por LIMA (2005, p. 8) :

[...] Os movimentos cristãos, das diversas congregações religiosas, também se uniram e elegeram seus representantes, ocupando um espaço importante deixado pelos movimentos sindicais e partidos tradicionais como PMDB e PFL. As igrejas Protestante e Católica promoveram uma verdadeira guerra santa em busca de voto. Chegando ao ponto desta rivalidade promover rixas entre alguns líderes de congregações da Igreja Protestante. A Igreja Universal do Reino de Deus, de forma organizada elegeu seu representante, o Pastor (Sic.) Francisco de Assis, demonstrando que estava unida no objetivo de ter um representante dos seus interesses na Câmara Municipal. [...]

Como vemos nesse trecho a participação das igrejas na política chamou atenção desse analista, apesar de que a expressão “guerra santa” não é adequada para interpretar a disputa pelos votos dos fiéis. Em relação a organização política da Igreja Universal do Reino de Deus é inegável o seu êxito eleitoral nas eleições 2004, já que o Bispo Francisco de Assis ficou entre os cinco mais votados.

Evidentemente, como todo fenômeno histórico, a participação política dos protestantes tem aspectos positivos. A consciência de que fazem parte da sociedade e o fato de terem uma crença religiosa não os impedem à participação, como defendem algumas igrejas pentecostais como a Igreja Pentecostal Deus é Amor e a Congregação Cristã do Brasil.

Por outro lado, é questionáveis a plataforma política e os objetivos de muitos candidatos pentecostais que não passam, de políticas corporativistas e moralistas, como se a raiz dos problemas sociais fosse resolvida de maneira individual e não estrutural.

O MP (11/04) traz na capa o destaque para o desempenho político da AD, que elegeu cerca de mil vereadores e cem prefeitos nas eleições 2004. A matéria destaca as vitórias da AD em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rondônia, Tocantins, Pernambuco, Amazonas, Maranhão, Ceará, Alagoas e Paraná. O Rio Grande do Norte não foi citado, apesar da AD ter dois vereadores eleitos para a Câmara Municipal de Natal, possivelmente por não se tratarem de candidatos oficiais.

Segundo Alencar ( 2005,p. 59 ):

[... ] Na pesquisa realizada pelo ISER no Rio de Janeiro, encontramos os seguintes percentuais entre os assembleianos ( membros da Assembléia de Deus ) : 37% votam em candidatos evangélicos, 43% que tenham boas idéias políticas e 19% que tragam melhorias. [ ... ] Esta igreja só acordou na Constituinte de 1986, lutando em prol do nome de Deus no preâmbulo.[...]

Apesar dos dados pesquisados serem referentes ao Rio de Janeiro, eles já nos indicam que o potencial eleitoral da igreja não chega a quarenta por cento dos seus fiéis. E que somando-se os que declaram que votam nas boas idéias e melhorias trazidas pelos políticos já teríamos um percentual de sessenta e dois por cento. Logicamente, toda pesquisa tem suas limitações e seus resultados não podem ser considerados exatos e absolutos.

Na verdade, cinquenta por cento dos parlamentares pentecostais, por mim entrevistados, apresentavam posições de centro-esquerda e tinham boa formação acadêmica (inclusive com mais de uma graduação), além de uma base eleitoral extra-eclesiástica, não indicando que foram beneficiados por currais eclesiásticos e nem fizeram de Deus “cabo eleitoral”, chegando a serem questionados por outros protestantes que duvidaram do seu envolvimento com as sua igrejas.

Sabemos que a construção da democracia é um processo lento, construído continuamente pela participação das pessoas que se organizam e mobilizam a sociedade. A experiência de participação popular na política é uma conquista e um patrimônio histórico do povo brasileiro, formados pelos movimentos sociais, sindicatos, partidos e a sociedade civil organizada. Essa experiência não pode ser perdida pela ação de alguns políticos que buscam o poder e vantagens pessoais a qualquer custo.

Podemos perceber mudanças também por parte das denominações pentecostais, como a Assembléia de Deus, que em muitas cidades, como Natal, já não lança mais candidaturas oficiais, deixando seus fiéis “à vontade” para escolher seus representantes,

sejam entre seus “irmãos”, seja entre pessoas de fora da igreja. Apesar de que dentro da igreja possam existir líderes que vêem, nessa mudança, a causa de insucessos eleitorais em alguns municípios. É importante que o segmento protestante pentecostal possa perceber que as grandes questões e os problemas nacionais não se resolvem com a eleição de um homem ou uma mulher (sejam eles protestante ou não) para ocupar determinados cargos, rejeitando uma certa visão messiânica ou apocalíptica das eleições.

O mais importante e decisivo, hoje, é definir um novo modelo para o nosso país. Para que isso aconteça não basta inserir um voto na urna. É necessário acompanhar os representantes eleitos, numa atitude de colaboração e de cobrança para que os compromissos de campanha sejam cumpridos.

Nesse sentido, urge ampliar a participação popular nos diferentes conselhos de políticas públicas que possibilitam o exercício da cidadania e do controle social, como os conselhos de saúde, educação, criança e adolescente, idosos e muitos outros.

Outro aspecto importante a ser analisado nas eleições 2004, diz respeito ao poder da mídia, que exerce uma força suficiente para mexer com a opinião pública e conduzir ao poder pessoas dos mais variados partidos e interesses. Um grande desafio é ampliar o caráter democrático dos meios de comunicação, assegurando a todos os segmentos da sociedade civil organizada o acesso a esses meios não apenas em época de eleições.

Historicamente é uma mudança significativa que no “maior país católico do mundo”, os protestantes estejam conquistando cada vez mais espaço nas esferas do poder político de nosso país. A ampliação da participação política da sociedade civil nos processos eleitorais em nosso país aponta para uma maior consciência da sociedade da importância da atividade política como meio de transformação social. Para que essa transformação social se concretize é necessário o combate a corrupção que se nutre da impunidade. E que provoca a indiferença diante da política, especialmente dos jovens. São conhecidas as falhas do sistema eleitoral brasileiro que favorece o clientelismo e a corrupção, que só poderão ser extintas através de uma reforma do Estado e do próprio sistema eleitoral.

A garantia da laicidade do Estado ou seja a construção de uma esfera estatal e pública que fosse imune a considerações e forças de ordem religiosa, estaria ligado indubitavelmente a garantia da liberdade religiosa, desfrutada pelos mais diversos grupos, em todos os demais domínios sociais. Essa é uma problemática recorrente em minha

pesquisa já que a justificativa ideológica do corporativismo político de alguns políticos protestantes é a suposta discriminação sofrida por esse segmento no Brasil.

Segundo Giumbelli ( 2004,p. 170 ):

[...] Nunca é demais enfatizar os vínculos da noção de liberdade religiosa com os ideais de pluralismo e democracia. Mas insistir nela em nome desse pluralismo e dessa democracia talvez implique em apontar mais para o passado do que para o futuro. [...] Para tanto o pluralismo e a democracia devem estar sob constante exame. Essa se torna a condição para a sua defesa. O mesmo deveria valer para a religião e para sua inserção em sociedades conduzidas por Estados pluralistas e democráticos. [...]

Percebemos que o autor sugere um parâmetro a ser seguido tanto pela democracia como pelas religiões, que é o constante exame. Por outro lado ele repudia qualquer aproximação da religião do Estado que não leve em conta a pluralidade e a democracia como valores fundamentais para a sua própria inserção nessas sociedades, que lhe garante a liberdade religiosa.

Contudo faz-se necessário o estudo da História das igrejas, com uma análise crítica da atuação política dos cristãos (católicos romanos, católicos ortodoxos, anglicanos e protestantes) em meios aos desafios contemporâneos. E do lado dos formadores de opinião, da sociedade civil organizada e do Estado Brasileiro muito investimento na formação de uma consciência cidadã para que a religião, o time de futebol, a orientação sexual, a beleza e a cor da pele não sejam mais os critérios utilizados para a decisão eleitoral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil ( II ). Estudo da CNBB. Nº 69. São Paulo : Paulinas, 1993.
- ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim : hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo : Arte Editorial , 2005.
- ALVES, Rubens. *Religião e Repressão*. São Paulo : Teológica/ Loyola, 2005.
- ANTONIAZZI, Alberto. *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto ?* São Paulo : Paulus, 2004.
- ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. São Paulo : ISER, 1976.
- ARAÚJO, José Clementino. *Pentecostalismo : das origens as terras potiguares*. Monografia apresentada ao Departamento de História da UFRN. 1996.
- AZAMBUJA, Darcy. *Introdução à Ciência Política*. Porto Alegre : Globo, 1979.
- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado : elementos para uma teoria sociológica da religião*; ( org.) Luiz Roberto Benedettri; São Paulo : Paulus, 1985.
- BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo : Abril Cultural : Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos; 46).
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo : a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro : Sextante, 2002.
- BONFATTI, Paulo. *A expressão popular do sagrado : uma análise psico – antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo : Paulinas, 2000.
- BURITY, Joanildo Albuquerque. *Os protestantes e a revolução brasileira: a conferência do Nordeste ( 1961 – 1964 )*. Dissertação de Mestrado defendida na UFPE. 1989.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e identidade; perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro : DP & A, 2002.
- CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à pentecostalidade da igreja. Debates sobre o pentecostalismo na América Latina*. Tradução Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal : Quito: CLAI, 2002.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*. Petrópolis, Vozes, 1997.

- CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo : sentidos da palavra divina*. São Paulo : Ática, 1995( As religiões na história )
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. ( Orgs) *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. 5ª Ed. Rio de Janeiro : Campos, 1997.
- CARVALHO, Raul Martins. *Os evangélicos e a política, frustrações e esperança: um estudo sobre as eleições presidenciais de 1989*. Monografia apresentada ao Seminário Teológico Batista do Nordeste. 2003.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade de Natal*. Natal : RN Econômico-IHG/RN, 1999.
- CAVALCANTI, Robinson. *Cristianismo e Política; teoria bíblica e prática histórica*. Viçosa : Ultimato ,2002.
- \_\_\_\_\_. *A Igreja, o país e o mundo; desafios a uma fé engajada*. Viçosa : Ultimato, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Utopia possível – em busca de um cristianismo integral*. Viçosa : Ultimato, 2000.
- CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs. Promessas e desafios*. Petrópolis : Vozes, 1999.
- COMBY, Jean. *Para ler a História da Igreja II – do século XV ao século XX*. Tradução Maria Stelka Gonçalves e Adail V. Sobral. São Paulo: Loyola, 2002.
- CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus*. 4ª ed. Rio de Janeiro : CPAD, 2005.
- CRUZ, Dalcy da Silva. *Igreja Católica no RN : participação política e social nos anos 60*. In : ANDRADE, Ilza Araújo Leão de. ( org.) *Igreja e política no RN : momentos de uma trajetória*. Natal: Sebo Vermelho, 2000.
- DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro : CPAD, 2004.
- DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade : uma história do paraíso*. São Paulo, Companhia das Letras :1997.
- DREHER, Martin. *A Crise e a renovação da Igreja no período da Reforma*. São Leopoldo, Sinodal, 1996.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo : Paullus, 2ª Ed., 2001.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano – a essência das religiões*. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

ÉMILE G. , Leonard. *O Protestantismo Brasileiro: estudo de eclesiologia e história sócia*. Tradução do manuscrito original em francês por Lineu de Camargo Schützer. 3ª Ed rev..São Paulo : ASTE ,2002.

ENGLUND, Harry. *The quest of missionaries : transnationalism and township pentecostalism in Malawi*. In : Corten & MARSHALL –FRATANI (eds.)2001.

FRAGA, Maria da Conceição. *Memória articulada e memória publicizada : experiência com parlamentares brasileiros*. Fortaleza : UFCE, 2001. (Tese de Doutorado)

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo. In : ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios : interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis : Vozes, 1994. p.67 – 96

LIMA, Lúcia. *Os evangélicos e a política – história ambígua e desafio ético*. Curitiba : Encontro, 1994.

LOPES, Alexandre. *Protestantes e a política no Brasil; da Constituinte ao Impeachment*. Campinas : UNICAMP, 1993. ( Tese de Doutorado).

MARCO ANTONIO SILVA, Francisco Carlos. *Ética na política*. IN : *Missão Integral ; proclamar o Reino de Deus, vivendo o Evangelho de Cristo*. Viçosa : Ultimato, 2004 ( Congresso Brasileiro de Evangelização – 2003 ).

FONSECA, Alexandre Brasil. *A Igreja Universal e seus descaminhos*. Revista SOMA. Ano 2. nº 7. p.6- 8.

GIFFORD, Paul. *The Christian churches and the democratization of África*. Leyde: Brill, 1995.

GONÇALVES, Esequiel Laco. *Uma visão do Pentecostalismo : a partir das Comunidades das Assembléias de Deus em Campinas*. São Bernardo do Campo : Instituto Metodista Superior, 1990. ( Dissertação de Mestrado ).

GUERREIRO, Silas ( Org. ). *O estudo das religiões : desafios contemporâneos*. São Paulo : Paulinas, 2003. ( Coleção estudos da Associação Brasileira de Historiadores da Religião- ABHR ).

GIUMBELLI, Emerson. *Notas para uma problematização da liberdade religiosa*. In : PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon de A. ( Orgs. ) *Religião e Violência em tempos de globalização*. São Paulo : Paulinas, 2004.

- GUTIÉRREZ, Benjamin F. ; CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do Espírito : os pentecostais na América Latina – um desafio as Igrejas Históricas*. São Paulo : Associação Literária Pendão Real, 1996.
- LA TORRE, Re0, née de. *Los hijos de la luz; discurso ,identidade y poder en La Luz del Mundo*. México : ITESO, 2000.
- LANDIM, Leilah. ( Org. ) *Sinais dos tempos: diversidade religiosa no Brasil*. Caderno do ISER Nº 23. RJ, 1999.
- LANE, Tony. *Pensamento cristão : da Reforma a modernidade*. 2.ª ed. São Paulo: Abba Press editora, 1984.
- LIMA, Kelps de Oliveira. *Eleições 2004 – resultado geral por bairro*. Natal : Ética Assessoria, 2005.
- LIMA, Lana Lage da Gama; HONORATO, Cezar Teixeira; SILVA, Francisco Carlos Teixeira ( Organizadores ). *História e Religião*. Rio de Janeiro : FABERJ/MAUAD, 2002.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *Fundamentalismo e fundamentalistas*. Série Cadernos Bíblicos. Recife: IPB, 2002.
- MARCO, Celso. *O apóstolo de Jesus dos últimos tempos*. Taguatinga : Mensagem Produções e Eventos: 1999.
- MARIANO, Ricardo . *Neopentecostais – a nova sociologia do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 2005.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia e FILHO, Prócoro Velasque. *Introdução ao Protestantismo*. São Paulo, Loyola, 1990.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5ª ed. Revista e ampliada. São Paulo : Edições Loyola, 2005.
- MONTES, Lúcia Maria. *As figuras do sagrado : entre o público e o privado*. In : SCHWARCZ, Moritz Lília ( Org. ). *História da Vida Privada no Brasil : Contrastes da intimidade contemporânea*. 2. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2002. v.4.
- NASCIMENTO, Rodson Ricardo Souza do. *A sombra do Prometeu : a educação na visão da CUT*. (Dissertação de Mestrado defendida na UFRN em 2003).
- NOVAES, Regina Reyes. *Os escolhidos de Deus. Pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985. Cadernos do ISER Nº 19.
- \_\_\_\_\_, *Pentecostalismo, política e mídia*. In : VALLA, Victor Vincent ( org. ) *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro : DP & A editora, 2001.

- OLIVEIRA, Marco Davi. *A religião mais negra do Brasil*. São Paulo : Editora Mundo Cristão, 2004.
- ORO, Ari Pedro; CORTEN, André e DOZON, Jean Pierre. ( Organizadores ). *Igreja Universal do Reino de Deus. Os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas, 2003.
- PASSOS, João Décio. *Pentecostais : Origens e começo*. São Paulo : Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso).
- \_\_\_\_\_. *Os Movimentos do Espírito*. São Paulo : Paulinas, 2006.
- PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon de A . *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo : Paulinas , 2004. (Coleção da ABHR)
- PRANDI, Reginaldo. *Perto da magia, longe da política*. IN : *A realidade social das religiões no Brasil. Religião, sociedade e política*. São Paulo : HUCITEC, 1996.
- QUEIROZ, Carlos Pinheiro. *Eles herdarão a terra*. Curitiba : Encontro, 1998.
- REYLE, Ducan. *História documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo, ASTE, 1984.
- SANTOS, Isvaldino. *Os 40 anos da Casa da Bênção*. Taguatinga : Maio Gráfica editora e comércio , 2004.
- SCHWEITZER, Louis. *O Fundamentalismo protestante*. In : *Fundamentalismos, integristas : Uma ameaça aos direitos humanos*. ACAT – Ação dos Cristãos pela Abolição da Tortura. São Paulo : Paulinas, 2001. ( Coleção ética e sociedade ).
- SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, pra onde vai ?; um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira*. Viçosa : Ultimato, 2004.
- SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro de Souza. *Sociologia da religião e mudança social : católicos, protestantes e novos movimentos religiosos*. São Paulo : Paulus, 2004.
- SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski; MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. *Os pentecostais : entre a fé e a política*. IN : *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.22, nº 43, pp.85 – 105. 2002.
- SIEPIERSKY, Paulo D. *A Inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil*. IN : BRANDÃO, Sylvana. *História das religiões no Brasil*. v.2. Recife : Editora Universitária da UFPE (Centro de Estudos Históricos da Igreja na América Latina - CEHILA ), 2002.
- SIEPIERSKY, Paulo D.; BENEDITO, M. Gil (Org.). *Religião no Brasil : enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo : Paulinas, 2003.

SILVEIRA, Guaracy. Relatório às Igrejas Evangélicas do Brasil. São Paulo : Imprensa Metodista, 1950.

SILVA, Elizete. *Protestantismo e representações políticas*. IN : BRANDÃO, Sylvana. *História das religiões no Brasil*. v.2. Recife : Editora Universitária da UFPE, (Centro de Estudos Históricos da Igreja na América Latina - CEHILA ), 2002.

SYLVESTRE, Josué. *Problemas do Brasil à luz da Bíblia*. Curitiba : Mensagem, 1995.

\_\_\_\_\_. "*Irmão vota em irmão*". *Os evangélicos, a constituinte e a Bíblia*. Ed. Pergaminho, 1986.

SURGY, Albert de. *Le phénomène pentecôtiste en Afrique noire; le cas béninois*. Paris: L'Harmattan, 2001.

TEIXEIRA, Faustino( Org. ). *Sociologia da Religião. Enfoques Teóricos*. Petrópolis : Vozes, 2003.

VAN DIJK, Rijk. *Time and transcultural technologies of the self in the Ghanaian Pentecostal diaspora*. In : Corten & MARSHALL –FRATANI (eds.) 2001.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo : Editora Martin Claret, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo : Editora Cultrix, 1967.

\_\_\_\_\_. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília : Editora da UNB, 1991.

WESLEY, John. *Sermões*. São Paulo : Imprensa Metodista, 1994. v.2 e 4.

## ANEXOS

Entrevistas	Pág.
1-Vereador Elson Figueiredo de Azevedo	02
2-Vereador Estevão de Azevedo	19
3-Vereador Gilson de Azevedo	23
4-Vereador Sérgio de Azevedo	29
5-Vereador Adelino de Azevedo	41
6-Vereador Ramon de Azevedo	53
7-Missionários de São Paulo	54
8-Pr. Antônio de Azevedo	54
9-Rede Da pesquisa	55
10-Fotos	56

Por Cecronny Platte  
(Componente do Curso de História da UFRN)



## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO VEREADOR

### BISPO FRANCISCO DE ASSIS

R 1) No primeiro momento da nossa entrevista, eu gostaria que o senhor se apresentasse: local de nascimento, filiação, onde reside, idade, estado civil, filhos enfim..

R – Meu nome é Francisco de Assis Valentin da Costa. Meu pai, eu não conheci. Sou *filho de goiamum*, como se diz. Só conheci minha mãe, Olívia Valentim da Costa. Sou paraibano, tenho cinquenta e dois anos. Sou casado. Resido no Bairro Vermelho. Tenho três filhos, dois formados, sendo um advogado e outro fisioterapeuta. Sou Bispo evangélico já há alguns anos. Estou vereador, estou político, mas não sei até quando estarei político.

2) Qual a formação religiosa o senhor recebeu dos seus pais? Quando o senhor tornou-se evangélico? O que mudou na sua vida após sua decisão? Em que igreja o senhor decidiu filiar-se? Por quê? Houve alguma mudança radical na sua vida após a sua adesão a Igreja Universal?

R – Tive formação católica como quase todos nós. A minha mãe tem uma tia que é freira. Tornei-me evangélico aos vinte e seis anos; dois anos depois comecei a pregar o evangelho e já estou pregando o evangelho há vinte e tantos anos. Depois de alguns anos, fui consagrado Bispo da Igreja Universal. Já viajei pela África e Europa pregando o evangelho. Não. Eu nunca fui viciado em nada, nunca fui homossexual (nada contra quem é, cada um tem a sua livre escolha). Bebia como todo mundo bebe socialmente. A minha forma de vir para a igreja foi causada por uma doença de minha esposa, que estava desenganada pelos médicos. Eu procurei a igreja e encontramos uma cura para ela. E isso fez com que eu me apegasse à igreja e estou até hoje. Agora em termo de mudança radical. Isso não é bom? A pessoa conseguir deixar as drogas, às vezes passa tanto tempo numa clínica internado e não tem sucesso, vem para a igreja e muda de repente!

**3) A partir de quando o senhor começou a participar da política partidária? Qual a relação entre a sua militância religiosa e a atividade política? Qual a importância dos evangélicos participarem da política?**

R – A política na Igreja Universal é bem presente. Sempre foi. Porque você é político, a vida já é política. O casamento, para ser bem sucedido, tem que ter política. A política do marido e da mulher. Há até quem fale da política da boa vizinhança. A política sempre esteve presente na igreja e a esta tem que ser política. A igreja tem que fazer parte da sociedade, pois se preocupa com ela e com o seu bem estar. E isso envolve política. Portanto, eu já faço política há muito tempo, porém sem mandato. Faço isso há quase vinte anos na igreja. Nunca fui de outra igreja, estou na lá há quase vinte e seis anos.

**4) Quais foram as suas bandeiras nas eleições 2004? Quais foram as suas estratégias eleitorais nessas eleições?**

R – A saúde, a educação, a ética, a moralidade, o bem estar das crianças, que estão aí nas ruas, abandonadas, pela falta de emprego para seus pais. A proteção do adolescente à exploração sexual, que tem sido um absurdo, a vergonha de nossa cidade. Até há pouco tempo, aprovei, juntamente com os outros vinte e um vereadores, um projeto meu (o disque denúncia nas salas de aula das escolas municipais contra qualquer tipo de abuso sexual contra o menor, contra a criança). Essa é a bandeira que eu levanto e que defendo. Estratégia? Não tenho nenhuma estratégia política. Sou um político sem dinheiro. Trabalho humildemente nas casas, nas ruas, pedindo voto às pessoas e fui um dos vereadores mais votados, fui o quarto mais votado com 9.551 votos.

**5) Quando começou a participação dos evangélicos na política em Natal? Em que medida o eleitorado evangélico colaborou para a sua eleição?**

R – Quando começou, especificamente, eu não posso te falar porque eu estava na África. Vim para cá em 2000 e estou, portanto, há cinco anos aqui. Fui candidato a deputado

estadual e obtive 26.400 votos; fui suplente e depois vim para ser vereador. Mas a participação política dos evangélicos já existia aqui. Eu vim para cá em 1988 (veio em 1988 ou 2000?) e sou praticamente um dos fundadores da Igreja Universal aqui. Porque tinha pouquíssimas igrejas e eu, em 1992, lancei o primeiro candidato a vereador aqui em Natal da Igreja Universal, o Dr. João Gomes, já falecido, que não foi eleito. E de lá para cá, a igreja ingressou na política, e, agora, com mandato. Tivemos o vereador Júnior Medeiros, que assumiu por quase dois anos, mas era suplente. Eu não fui eleito só pelo voto dos evangélicos, até porque não sou vereador só dos evangélicos. Fui eleito com o voto da maioria dos evangélicos, mas posso dizer que obtive muitos votos de pessoas que admiram meu trabalho, que o acompanham, até pessoas espíritas e afros, que me encontram na rua e falam: “eu sou da religião afro, mas admiro muito o seu trabalho, suas músicas”. Eu sou cantor evangélico. Também votaram em mim os católicos, pessoas sem religião. Então eu não posso dizer que fui eleito só pelos evangélicos. A maior força foi dos evangélicos, especificamente da minha Igreja Universal e de outras igrejas. Também obtive voto dos estudantes.

**6) Por que grande parte dos evangélicos abandonou aquela máxima *crente não se mete em política*?**

R – Isso aí é uma coisa absurda. Ainda tem alguns pastores, alguns crentes que estão mil anos luz atrasados na vida, na realidade de hoje. Porque quando um crente fala que não gosta de política, ele tem que avaliar o seguinte: “eu não gosto de política, mas sou governado por alguém que gosta”. Se eu não gosto de fazer uma coisa, mas tem alguém que gosta, eu tenho que ser submisso a isso, para eu não tenho que lutar para colocar pessoas que eu possa então entender e confiar. Que sejam pessoas de minha confiança, pois o voto é uma procuração. E quando um evangélico, um crente, fala que não vai votar, biblicamente ele está cometendo um pecado contra Deus, pois ele está deixando de exercer a sua cidadania. Está deixando de cumprir um dever cívico. Então, é ignorância falar que não gosta de política, que não vai votar. Nós temos que exercer o nosso papel de cidadão, cumprir a nossa cidadania.

**7) O senhor defende múltiplas candidaturas ou candidaturas oficiais nas igrejas**

### pentecostais?

R – Eu não posso falar que defendo candidatura única. Acho que a democracia faz parte de todas as religiões. Agora, a Igreja Universal, da qual faço parte, se organiza para lançar apenas um candidato. Eu não posso falar que sou contra as demais lançarem dois, três ou quantos quiserem lançar. Isso depende muito da organização da entidade religiosa.

### 8) Como foi sua articulação política no segundo turno das eleições 2004?

R – Eu apoiei o prefeito Carlos Eduardo, sendo do PSB. Trabalhei para e contribui para elegê-lo e não estou arrependido por isso. Todos os políticos cometem pecados. O prefeito não é um político que não tenha erros. Tem erros. Mas ele tem muito mais acertos do que erros. É claro que tivemos a dificuldade da saúde, mas isso é uma questão crônica brasileira e mundial. Não é uma questão do Rio Grande do Norte. Nós precisamos encontrar mecanismos e dá mais atenção para a saúde. O prefeito tem sido cobrado, nós temos cobrado do prefeito. Tirando esse aspecto, acho que o prefeito está indo bem, eu não estou arrependido de tê-lo apoiado.

### 9) Existe de fato uma bancada evangélica na Câmara Municipal?

R – Existe a bancada evangélica. Quando se fala evangélica, se fala daqueles que professam uma fé evangélica. Então temos aqui: eu, Adenúbio, Gilson, Salatiel e Siqueira; somos cinco evangélicos que professam uma mesma fé. Agora cada um sabe da sua vida com Deus. A questão de conversão é outra história. Cada um responde por si diante de Deus. Agora a bancada evangélica existe aqui e eu não tenho do que reclamar. Essa bancada só está unida quando tem algum problema que venha a nos afetar (os evangélicos). Nesse caso, a gente tem que se unir, agora cada um defende suas idéias. Porque até são vereadores de partidos diferentes: Partido Socialista Brasileiro - PSB, Partido Verde- PV e Partido da Frente Liberal - PFL, cada um tem o seu ideal. Nós procuramos estar afinados, mas não somos obrigados a concordar em tudo, só quando tem algum projeto que vá prejudicar as igrejas ou algum problema religioso.

10) Qual a sua avaliação da polêmica da parada gay que envolveu os evangélicos no ano de 2005 a partir das declarações do deputado Joacy Pascoal?

R – Eu já falei sobre isso. Eu estava no Rio de Janeiro quando alguns repórteres me procuraram, me ligaram dizendo que meu nome estava sendo bem divulgado na mídia. Por causa de uma polêmica do deputado Joacy Pascoal, que disse que eu tinha que tocar a minha sanfona para os gays, desfilar na parada gay, fazer casamento gay. Entenderam de maneira errada a minha posição. Eu não faço discriminação a ninguém. Existem pessoas que são gays e que eu respeito; que são até bons amigos. A vida promiscua deles é outra coisa. São pessoas que eu tenho que respeitar, pois são responsáveis, cidadãos, que trabalham, que votam. O repórter me perguntou: o senhor quer o voto dos gays? O deputado Joacy Pascoal disse que não quer. Eu falei quero o voto dos gays. Eles podem votar comigo que eu aceito o voto de todos eles, assim como eu os respeito. Não é por isso que eu vou ter que desfilar com os gays e tocar sanfona para eles. Agora não tenho nada contra. Foi apenas uma polêmica causada pelo deputado Joacy Pascoal, que foi infeliz na sua declaração. Apesar disso, tenho grande apreço por ele e o respeito também. E ele foi mais além: disse que quem aceita voto de gay é gay também. Isso é o que me disseram. Eu não sou gay, nunca fui, mas quem quiser ser, cada um tem o livre-arbítrio de escolher o que quiser. Eu escolhi ser evangélico, você escolheu ser católico, outro escolhe ser espírita, outro bandido, outro maconheiro, outro policial militar, outro escolhe ser gay, qual é o problema? O problema é dele. No dia em que ele quiser se libertar, deixar de ser gay, ele vai deixar. Ele vem para a igreja e lá eu prego a Palavra de Deus para ele, vou orar por ele e vou ajudá-lo com todo o prazer. Vai ter todo o meu apoio. Agora, enquanto ele quiser continuar sendo gay, ele vai ser gay e vou ter que respeitar. Porque é o livre-arbítrio de cada um. Inclusive a Bíblia aborda esse assunto claramente.

11) Se o Estado brasileiro não tem religião oficial, seria correto que concepções morais e religiosas fossem defendidas para cidadãos das mais diversas religiões e mesmo ateus, agnósticos ou sem religião?

R – Correto. Eu acho que a religião tinha que ser oficial. O Estado brasileiro é laico, como

outros países também. Eu já morei na Angola é a mesma coisa. Qual a religião que é considerada hoje oficial? A católica, ela tem aquele respeito. Ela é vista pelas autoridades, pela sociedade como oficial, mas, na verdade, o mesmo direito que tem a religião católica, tem a evangélica ou qualquer outra. Todas as religiões são iguais perante a lei. Mas infelizmente isso tem que ser mais discutido, debatido, tem que ser levado à frente, já que é um assunto mais delicado para que nós possamos ter um futuro melhor e as religiões sejam mais respeitadas. Porque, na verdade, hoje a religião que é respeitada é a católica. A que existe é a católica. Inclusive as pessoas falam o seguinte: “A religião que existe é católica, Pedro foi o primeiro Papa”. As pessoas não sabem nem o que estão falando. Essa é que é a verdade. Se você está fazendo História, se você for ler direitinho o principio da Bíblia, você vai ver que Pedro não tem nada a ver com Papa. Mas as pessoas pregam isso e o povo assim entende.

Sou contra o aborto, porque estaríamos indo contra a vida. Isso não é só porque sou evangélico. Não se pode brincar com a vida. No momento em que a pessoa gera uma vida, tem que assumi-la. Nasça boa, cega, deficiente ou doente, só quem tem o direito de tirar a vida é Deus. Tanto os evangélicos como os católicos defendem o direito à vida. E quanto ao casamento de pessoas do mesmo sexo, eu também não sou favorável, pois Deus fez homem e mulher, mesmo o homem sendo homossexual, ele não deixa de ser homem igual aos outros. Ele pode fazer a operação para se tornar mulher, mas não terá a estrutura feminina, o que o caracterizará um homem do mesmo jeito. Ele coloca seios, mas não deixa de ser homem. Então Deus não casou homem com homem, nem mulher com mulher. Agora, se ele quer conviver com uma pessoa, eu respeito o direito de ele conviver com uma pessoa, isso é um problema dele. Nunca jamais faria, como bispo, como autoridade eclesiástica, o casamento de duas pessoas do mesmo sexo. Sou contra inclusive a união civil gay. Em Recife, esse projeto já foi aprovado. Eles não têm filhos, não podem dar à luz. Isso não seria um contrato, mas um casamento.

**12) O senhor acredita que existiu alguma relação entre a questão do enquadramento das igrejas com o novo Código Civil e a mobilização política do segmento evangélico em Natal?**

R – Essa lei foi revista porque não seria boa. Da forma que estava, iria causar muita polêmica. Imagine a pessoa numa igreja, que tem muita gente, ficando por lá um ano, dois anos com a vida totalmente enrolada e não estaria assumindo compromisso com a igreja e se alguém fosse falar, não aceitaria alegando que era sócio e que tinha parte da igreja. Essa era a forma como estava no novo código civil. Essas leis são criadas muitas vezes por deputados inimigos das religiões, como nós sabemos que existe isso. Inclusive uma deputada no Rio de Janeiro que propôs uma lei pela qual os pastores não podiam ser candidatos a cargo eletivo. Isso é um absurdo, um negócio desses. Isso é discriminação, os deputados evangélicos, nessa hora, entram em ação. Isso foi um dos motivos principais para que eu entrasse na política. Como defensor da igreja, não só da igreja. Há pouco tempo, coloquei um projeto, que infelizmente não passou, defendendo a isenção de Imposto Predial Territorial Urbano - IPTU para as religiões; Não só da minha, mas da católica, do centro espírita [...], claro que eu não podia colocar um projeto visando apenas a minha religião, mas visando todas. A gente tem que se defender. Assim como eu defendo minha faculdade, minha casa e família, defendo, também, a minha igreja; meus olhos estarão voltados para a religião. Agora, defendo tudo; trabalho por tudo. Se alguma coisa estiver mexendo com minha religião, eu a defendo com unhas e dentes, como o Dr. Franklin Capistrano, que é católico e que defende, também, com unhas e dentes, a Igreja Católica. Então, como cada um representa e defende o seu segmento, vou também defender e representar.

### **13) A política seria mais adequada para membros do meio do povo ou pastores?**

R – Isso não faz diferença. Pode ser membro, diácono, pastor ou bispo. Claro que, quando se trata de um bispo evangélico, ele tem mais compromisso com a igreja. No meu caso, eu não seria candidato para defender os meus próprios interesses, pois sempre fiz política, mas nunca tive a intenção de ser candidato a nada. Isso foi uma escolha da minha igreja, que me disse: “olha, você vai ser candidato; vamos lhe apoiar”. E como sou um bispo evangélico, acredito que a responsabilidade é maior. E a cobrança dos evangélicos (do povo religioso) também é bem maior. Nós temos, aqui, outros evangélicos, mas, no meu caso, é diferente. As pessoas estão voltadas para o Bispo Francisco de Assis, talvez pelo título de bispo, quem sabe?... Então, alguém pode até cometer um erro, o que não é tolerável, mas não vai

repercutir tanto como se o Bispo Francisco de Assis o cometer. Não estou dizendo que cometem, pelo contrário, são pessoas que eu não tenho nada a reclamar. Tenho o maior respeito por suas vidas públicas, moral, ética, e todos eles são meus amigos. Amigos mesmo. Eu quero muito bem a eles.

16) Como tem sido os seus principais objetivos na Câmara Municipal? Quais têm sido suas prioridades?

14) O que o senhor diria a alguns críticos que afirmam que as bandeiras políticas dos evangélicos são corporativistas, moralistas, clientelistas, fisiologista e anti-esquerdista?

R – Não é verdade. Eu, pelo menos, sou de um partido que não é de direita, o PSB, meu partido, é centro - esquerda. Nós, da Igreja Universal, temos vários candidatos de esquerda. Até hoje ninguém foi beneficiado com concessão de nada, de TV e Rádio, a minha igreja tem TV e Rádio, mas foi comprada. Aqui em Natal, podemos ver que nenhuma TV é de nenhum evangélico. Terreno, por exemplo, não conheço nenhum caso da Igreja Universal ter conseguido de graça com ninguém. Isso são críticas que não têm fundamentos. E quanto ao fato de combater o homossexualismo, a prostituição, defender a família, que é o maior bem que temos, não são só os evangélicos que devem defendê-la, mas todos nós. Inclusive, essa semana, eu assisti uma reportagem na TV Globo em que nossas crianças (nossas meninas) estavam sendo exploradas sexualmente pelos monstros que vêm de fora, de outro país. Não é preciso ser evangélico para combater isso. Você, eu, todos nós temos que combater essa desgraça, esse câncer maligno da sociedade que vem destruindo nossas crianças. Lutar pela ética, pela moralidade para não tornar feia a imagem do nosso Estado. E quanto ao trabalho, em um ano e dois meses, consegui asfaltar ruas, fiz muitos requerimentos - aliás, para a minha igreja, nunca pedi nada. Eu busco benefício para o povo da cidade do Natal. Não posso falar que sou vereador da Igreja Universal.

15) Os grandes jornais de Natal (Tribuna do Norte e Diário de Natal) só fizeram menção religiosa ao Bispo Francisco de Assis. A que o senhor atribui isso?

R – Talvez os jomais destacaram mais o meu nome pelo fato de eu possuir o título de bispo. E isso é apenas um título na Igreja Universal. Bispo significa administrador. E é o que eu fazia na igreja. O título pesa um pouco.

**16) Como tem sido os seus principais objetivos na Câmara Municipal? Quais têm sido suas prioridades?**

R – O meu objetivo é legislar honestamente, visando o bem estar do meu município e procurar dar o meu melhor, já que tenho sido uma pessoa pública. Porque o pastor evangélico é um homem público, lidando com a população. E ele tem que ter, acima de tudo, amor, pois a política não está só aqui na Câmara Municipal. A política está dentro da igreja; na sua casa; está presente em todos os lugares da sociedade. Muitas pessoas pensam que eu estou aqui só para defender os interesses da igreja, mas não é verdade. Eu defendo os interesses do professor, da educação, da saúde e o bem estar do povo do meu Estado, do meu município.

**17) O senhor acredita que seria importante para os evangélicos elegerem um presidente da República que professe a fé protestante?**

R – Talvez a minha resposta não seja satisfatória para os evangélicos, mas não vejo dessa forma. O Brasil não precisa de religioso, mas de pessoas que tenham compromisso com o povo, independentemente de sua religiosidade. E é isso que está faltando. O Brasil está sem direção. É importante também que o presidente do Brasil tenha compromisso com Deus, Independentemente de quem seja. Israel, quando precisava de um rei, não estava com rei, estava sem direção. Então, Deus mandou que escolhesse um que tivesse a direção, a unção do Espírito Santo de Deus. Escolheram Davi, um dos filhos de Jessé. Até tentaram escolher jovens de boa aparência para ocupar o lugar de rei. E Deus foi buscar Davi, lá detrás das ovelhas. Então, não interessa a religião, interessa alguém que tenha compromisso com Deus e com o povo. Pode ser Garotinho ou ser quem for. Eu vou votar naquele que eu ver que é melhor, independente da sua religião.

**18) Como o senhor vê a atual crise de credibilidade dos políticos?**

R - Uma vergonha nacional. Hoje, eu tenho vergonha de falar que sou parlamentar, que sou um político. Sinceramente porque as pessoas vêem como todas as pessoas. Julgam um por todos e todos por um. Eles generalizam como se todos os políticos fossem corruptos e ladrões. E não é verdade. Estamos aqui, agora, e estamos vendo as pessoas, na rua, pedindo dinheiro. Acabamos de ver. Aqui é o dia todo e a gente, às vezes, é obrigado a dar, dependendo da situação. Agora, aonde eu iria arrumar dinheiro para dar o dia todo? Você acabou de ver uma senhora pedindo-me dinheiro. Onde que eu iria arrumar dinheiro se meu salário é R\$ 5.418,00 para eu manter meus compromissos, manter minha família e toda a minha vida? Se eu começar a dar dinheiro para as pessoas, vou ter que me corromper. Então, quem é que faz o político se corromper? É o povo. E o político se corrompe porque, na verdade, o povo o corrompe. E aí ele, para não perder a sua posição, o seu status de político (e nessa ele acaba se beneficiando também), acaba entrando pelos caminhos da corrupção. Agora, eu conheço político honesto, um que entrou na política rico e saiu pobre: prefeito da cidade onde nasci. Quando entrou na política tinha dinheiro, fazenda ... e a casa dele era cheia, dia e noite, de pessoas; e ele foi dando dinheiro para o povo. Quando entregou a prefeitura, não tinha dinheiro nem para comprar a janta. Acabou de vender as suas coisas, veio morar aqui em Natal e viver de favor. Chamava-se Severino Calisto. Morreu pobre, na miséria. Entrou rico e saiu pobre. Agora não é todo mundo que é corrupto: se a pessoa quiser ser honesta, ela é.

**19) Como o senhor conseguiu recursos para sua campanha?**

R - Foram recursos próprios, eu não obtive dinheiro de empresários. Muitas pessoas pensam que a igreja me ajuda com dinheiro, que me dá total apoio. Na minha campanha, eu gastei R\$ 29.000,00 e fiz 8.551 votos. Eu vejo gente que derramou dinheiro à vontade e acabou que não se elegeu. Então está provado que não é o dinheiro que manda, mas o caráter. Isso tudo, até os móveis do meu escritório, eram como se fossem alugados. Na verdade, foi só papel, para não dizer que eu não ganhei nada, eu ganhei algumas camisas conjuntas com a foto do

prefeito e de Micarla e eu mandei pintar a minha foto nas costas. Ganhei duas mil e poucas camisas. Foi a única coisa que eu ganhei nessa eleição. O resto foi totalmente dos meus esforços, da minha luta, não obtive ajuda de empresários e de ninguém.

**20) Quais são as suas metas políticas para o ano de 2006?**

R – Trabalho, trabalho, trabalho. E ganhar as eleições para deputado federal. Eu sei que é um desafio muito grande, mas eu gosto de desafios. Topo todo tipo de desafio. Seria a coisa mais impossível do mundo eu ganhar a eleição para deputado federal, mas “para Deus, nada é impossível”. Já que em nosso Estado temos oito cadeiras cativas, eu vou à luta!

**21) Como o senhor analisou o escândalo envolvendo um parlamentar evangélico nacional (Bispo João Batista da IURD), que foi detido pela Federal fazendo o traslado de milhões de reais?**

R – O Bispo João Batista não esteve envolvido em escândalo nenhum. A imprensa tentou fazer um escândalo. Mas qual foi o escândalo do Bispo João Batista? Andar com dinheiro da igreja, que não é dinheiro de político, nem de empresários, mas da igreja, que, como presidente da igreja, é o responsável pelo seu dinheiro. Eu posso carregar o dinheiro da igreja. Se a igreja chegar e disser que Francisco você vai levar para o banco ou para qualquer lugar, eu vou levar. Agora, ele tinha autorização para levar o dinheiro. Tanto é que o dinheiro foi liberado, não ficou preso, pois se fosse escândalo, não tinha sido liberado. Inclusive o Sr. José Agripino, do mesmo partido do Bispo (PFL), falou que tinha que se apurar o caso, cassar o deputado João Batista e moralizar o PFL. Entretanto, o deputado Brantes, do PFL de Minas Gerais, não foi cassado, mesmo sendo comprovado o roubo, comprovado que ele pegou dinheiro do *Valerioduto*. E o senador se calou. João Batista não pegou dinheiro público; o dinheiro era da igreja. O que é R\$ 10 milhões? Você sabe quanto é a conta de luz da nossa catedral aqui? R\$ 100.000,00 por mês. O que é R\$ 10 milhões para uma igreja que lida com TV, mais de cinquenta emissoras de rádio própria, com quase cem alugadas, com satélites no Brasil inteiro, para uma igreja que constrói uma catedral que gasta trinta milhões de reais só aqui no Rio Grande do Norte. Quando se fala em 10 milhões de reais, há um

espanto. Não houve escândalo, tanto é que o bispo não foi cassado, o dinheiro não ficou preso. O escândalo foi a Polícia Federal que quis aparecer, pois estava querendo abafar o escândalo do presidente Lula, o que, em minha opinião, ele sabia de tudo. Tentaram amenizar para que as atenções ficassem voltadas para o Bispo João Batista. Esse dinheiro era para pagar as contas da Igreja Universal, que são pagas em São Paulo, aqui não se paga nada.

## 22) E o caso do escândalo envolvendo o Bispo Rodrigues?

R – Ele infelizmente teve a punição que merecia. O que aconteceu, todo mundo já sabe. Ele nega, se acha injustiçado e pediu renúncia, mas a igreja não o perdoou, pois ela tem a sua ética e sua moral espiritual; tem compromisso com o povo e com Deus. A primeira coisa que a igreja fez quando o nome dele apareceu foi o Bispo Claudomir ir para a televisão em nível nacional e mandar o povo ligar a televisão para que o povo punisse, e assim o povo o fez. Hoje, ele não faz parte da Igreja Universal, pois foi excluído. Não faz mais parte do episcopado, depois de vinte e tantos anos. Ele colheu o que plantou porque foi uma espécie de traidor; pagou o preço que tinha que pagar. Todo mundo está sujeito, a gente não esperava isso dele. Se amanhã ou depois aparecer outro, vai sair também, até acertar. E a igreja, graças a Deus, não tem nenhum sentimento de culpa; fez o que tinha que fazer: puniu. É como o pastor ou padre quando adultera: quando peca, a igreja tem que o excluir da igreja (pelo menos do episcopado). Mas ela não pode parar porque uma pessoa errou. Vai-se continuando essa política até a coisa dar certo.

## 23) Como é a atuação política do Bispo Edir Macedo?

R – Eu estou indo hoje para o Rio de Janeiro a uma reunião com a cúpula da política da igreja. E lá, vamos tratar das eleições 2006. O Bispo Macedo é político, isto é, a política que nós fazemos tem a mão e a permissão dele. Por exemplo, quem faz a política aqui no Estado sou eu. Em Recife, o pastor Marcos de Jesus, no Rio de Janeiro, o Bispo Vitor, e assim sucessivamente. Agora, o fato de ele ter apoiado Fernando Collor de Melo e depois Fernando Henrique é o que o torna político, pois apoiou um, não deu certo, depois apoiou outro.

Quando ao apoio político deste ano, eu estou à vontade. Lá no Rio de Janeiro, temos a

nossa opinião formada quanto ao governador. Nosso Bispo Marcelo Crivela será o nosso candidato, pois está bem cotado para isso. Aqui, eu apoio Wilma de Farias, apoiei o prefeito Carlos Eduardo, que tem algumas falhas, alguns erros, mas quem não tem?! Não estou arrependido, vou continuar apoiando. E para presidente, não sei se vou apoiar Garotinho ou Lula. A igreja me deixou muito à vontade. Porque cada caso é um caso, cada Estado tem uma realidade. De repente, no Rio, podem apoiar Lula e aqui eu posso não apoiar ou lá podem apoiar Alckmin e aqui eu não. Mas ainda não recebi nenhum comunicado oficial sobre essa questão.

#### **24) Em quantos partidos o senhor já esteve afiliado?**

R – O PDT foi o meu fracasso político, porque se eu tivesse em qualquer outro partido, hoje eu seria deputado estadual e já estaria indo para a reeleição, pois tive 26.340 votos, o que me deu o título de primeiro suplente, perdendo para Gesane Marinho por duzentos e poucos votos. Por não ter se coligado com outro partido, o Partido Democrático Trabalhista - PDT, com aquela questão/confusão da verticalização, teria que se coligar ao Partido Trabalhista Brasileiro - PTB. Todavia, Leonardo Arruda, que era o presidente do PDT, preferiu fazer uma aliança branca com a governadora. E devido a esse acordo, eu fui prejudicado. Não só eu, mas também o Pr. Jutai Menezes. Se tivéssemos permanecido com a coligação PDT, Partido dos Trabalhadores - PT e Partido Comunista do Brasil - PC do B, Jutai seria hoje deputado federal porque a Deputada Fátima Bezerra teria *puxado* ele. E eu seria Estadual. Nós teríamos aqui dois representantes da igreja (um federal e um estadual), mas a verticalização atrapalhou nossas vidas. Ele teve 38.000 votos e com mais 11.000 de Fátima, seria eleito, já que a deputada obteve mais de 160.000 votos.

#### **25) Então o principal motivo de sua saída do PDT foi essa questão de coeficiente eleitoral?**

R – Não. Eu saí em solidariedade a Leonardo Arruda, uma pessoa amiga, que me recebeu em sua casa, me acolheu e fui para o PDT. Lembro-me de quando, na época da candidatura, bati em várias portas querendo me filiar e as pessoas não me recebiam, inclusive o PSB, em que

estou hoje. Sempre o admirei por ser socialista. Também procurei a governadora e ela me fez uma proposta, dizendo que me aceitava se eu apoiasse sua filha, que seria candidata a deputada federal. Depois mudaram e eu não cedi porque já estava apoiando Jutai. Bati em outras portas e tive muitas dificuldades, quando eu fui “tomado de assalto” pelo deputado Álvaro Dias, no Rio de Janeiro, que articulou em Brasília e tomou o partido. E como eu não me senti à vontade de ficar no PDT, e em solidariedade a Leonardo Arruda, o acompanhei quando ele foi para o PSB.

**26) Qual a sua relação com o Dr. Antônio Jácome?**

R – Minha relação com o Dr. Jácome é boa. Não tem nada que nos distancie. O Pastor Antônio Jácome é uma pessoa de quem gosto e tenho muito respeito. A gente se fala por telefone, ele me recebe em seu gabinete. Inclusive, ele esteve em nossa catedral na vinda do Bispo Macedo, neste domingo. Nós o recebemos ele muito bem, como ele tem me recebido na Assembléia de Deus. Não existe nenhuma rivalidade, embora muitas pessoas tentem fazer isso. Sempre que eu preciso de alguma coisa, ele me atende, quando pode. Apesar de existir limites dentro da política, mas ele sempre me atendeu muito bem.

**27) Ele é a liderança política dessa bancada evangélica da Câmara Municipal ?**

R – Não. Ele é um líder evangélico da sua igreja. Na Igreja Assembléia de Deus, ele é o representante legal; na Igreja Universal, sou eu, apesar de não respondermos por ninguém. Eu não sou líder evangélico nem liderado por ninguém. Existem pessoas, não o Dr. Antônio Jácome, outros políticos que professam a fé evangélica que diz que é o representante político dos evangélicos do Rio Grande do Norte. Não é meu caso. Eu não tenho representante político aqui; represento apenas a minha política. Não sou subordinado a ninguém. Só a Deus e a minha igreja. E assim mesmo nem tudo da minha igreja eu engulo de *goela abaixo*. Analiso as questões, quando são colocadas. Tenho obediência e respeito, mas não sou liderado por ninguém.

**28) E como é sua relação com o publicitário Públio José?**

R – Públio é meu amigo. É uma pessoa bacana, mas sua campanha para prefeito de Natal não decolou. A pesquisa só dava 1% , não saía disso. Eu, como vereador, obtive mais votos do que ele: 1,2% dos votos validos. Na verdade, se os evangélicos se unirem, elegem um prefeito e até mesmo um governador. Aliás, diga-se de passagem, quem decidiu a eleição de Dona Wilma foram os evangélicos, e eu não tenho medo de errar ao falar isso. Quem decidiu a eleição de Carlos Eduardo também foram os evangélicos. Talvez ela não aceite e não entenda isso, mas é verdade. A vinda do Dr. Antônio Jácome para a Vice-governadoria trouxe o apoio de muitas igrejas evangélicas para Dona Wilma. Ou seja, a saída dele vai dificultar um pouco a eleição dela. Ela vai ganhar, mas não vai ganhar tão fácil. Vou apoiá-la, vou lutar e dar o meu melhor, mas não será fácil. Será uma disputa acirrada. Eu quis dizer o seguinte: os evangélicos podem decidir uma eleição porque somos muitos.

**29) Durante a campanha de 2004, foi mostrada uma fita na qual o Deputado Luís Almir agredia verbalmente os pastores evangélicos. Já que o senhor o apoiou, como viu esse fato?**

R – Isso já faz tempo. Foi de 2002 para 2003. Ele fazia um ataque diretamente à Igreja Universal; não aos evangélicos, mas diretamente à Universal. Nesse dia, ele chamou-me de bispo do diabo, bispo mentiroso. Que eu fosse mentir assim no inferno. Então, eu vendo aquilo, pedi direito de resposta e fui até a TV, que me deu quinze minutos de resposta; e de acordo com as leis, nosso advogado preparou a minha defesa e falei ao público dele. Passaram-se alguns anos e nós levamos o caso a justiça comum, e o Sr. Luís Almir foi processado por mim e pelo Bispo Francisco Decoté, que estava aqui na época, hoje na Bahia. Esse processo veio se arrastando e quando foi ano passado, eu recebi uma ligação do advogado do Sr. Luís Almir pedindo para eu retirar a queixa, mas meu advogado me orientou a não fazer isso, e liguei para o bispo da Bahia e ele disse que não deveria retirar. Então, o próprio deputado ligou para mim, pedindo um encontro comigo. Eu atendi e nós sentamos, conversamos e achei que deveria perdoar. como evangélico e homem de Deus, não deveria guardar mágoa dele. Então ele pediu desculpas e fez me uma carta, que li para os pastores.

Não divulguei na mídia, nem vou divulgar. Quando a pessoa pede desculpas, temos que perdoar. Aquilo foi um momento de fraqueza dele, que como jornalista e homem público, deu aquela escorregada. Mas é uma pessoa que eu tenho respeito e que gosto também, e que merece nossas considerações. Hoje somos amigos. Não podia ficar aqui com rivalidade com ninguém. Eu quero a amizade de todos: de Luís Almir, de Joacy Pascoal, do Dr. Antônio Jácome. Eu não vim para Natal para construir inimigos, mas amizades. E acho que estou conseguindo.

**30) O senhor acredita que, pelo fato de Luís Almir apresentar seu programa ao lado da imagem de Santa Clara afastou os evangélicos de sua candidatura?**

R – Eu acho que não. Ali é a crença dele, a religião dele. Até eu não gostaria de entrar nesse caminho, pois tenho que respeitar sua fé. Se esta é em Santa Clara, eu tenho que respeitar. Dessa parte da religião, eu não gosto de discutir.

**31) O senhor acredita que, além dos currais eleitorais, hoje temos os currais eclesiásticos?**

R – Primeiro eu quero dizer que os currais eleitorais existem no interior do Estado e em todos os lugares. Já cantava Luís Gonzaga há cinquenta anos atrás: “Vai votar em quem pra deputado? No *coroné*. Pra presidente? No *coroné*. Pra vereador? No *coroné*”. Significava que o coronel mandava em todo mundo ali. Quero dizer, com isso, que os currais existem, mas a igreja não é um curral eleitoral. Ela é democrática. As pessoas não são obrigadas a votar no Bispo Francisco de Assis, nem no Pastor Jutai. Até porque, dentro da igreja, não se faz política; ela é feita do lado de fora. Agora, todo mundo sabe que o representante político da igreja sou eu e o Pr. Jutai. As pessoas lá não têm cabresto. Elas estão muito à vontade para votar em quem quiserem. Vai depender de mim, da minha forma e do meu trabalho, e as pessoas, claro, como evangélicas, conhecendo-me, vão votar em mim. Agora os currais existem, existem, e a gente sabe disso.

**32) O Bispo Francisco de Assis não fez menção da igreja no site da Câmara**

**Municipal. Sabemos que a Igreja Universal é criticada por alguns evangélicos em três pontos: sincretismo no culto, métodos de arrecadação financeira e a chamada Teologia da Prosperidade. O que o senhor tem a dizer sobre isso? Os pobres não herdarão o Reino de Deus?**

R – Os pobres não vão ter chance nesse mundo aqui. No céu, eles vão ser cidadãos, aqui é que não vale nada se não tiver dinheiro. Eu lhe faria uma pergunta indiscreta agora: quanto você tem no bolso? Trinta reais? Então você só vale trinta reais nesse mundo. Agora no céu, se for salvo, você tem o seu valor para Deus. O que a gente prega é o seguinte: “Nós temos que vencer: Deus ama o miserável, não a miséria. Esta provém do Diabo. Deus é o dono do ouro e da prata, e como se sou filho de Deus, tenho, por conseguinte, um pai rico, logo tenho direito de usufruir dessas riquezas”. E está escrito na Bíblia: “É bom que o homem coma e goze das riquezas de seu pai”. Isso não significa dizer que os pobres não têm chance no reino dos céus, mas que tem que querer melhorar de vida. Eu incentivo e mostro que, nem sempre, uma formação profissional vai dar o direito de a pessoa ser bem sucedida na vida. Eu conheço pessoas que tem duas, três faculdades e vive na miséria e conheço outras que não têm nada em termos de estudo e são bem sucedidas, vai depender da pessoa. Não quero dizer, com isso, que a pessoa não tem que estudar, tem que se formar, tem que lutar. Meus filhos formaram-se, estudaram. Eu estou pensando até em fazer o curso de Direito no futuro. Já não estou fazendo porque não tenho tempo. O estudo é a maior herança que alguém pode deixar. Quando eu prego, coloco as pessoas contra a miséria; ensino a não aceitar o fracasso, mas a lutar para vencer. A salvação vem apenas no crer e ser batizado. O mundo é regido por inveja. Se no céu houve inveja, por que não vai haver na terra? A Igreja Universal tem seus frutos, cresce, trabalha e pede contribuição das pessoas (onde é que não pede?) E a Bíblia diz que: “aquele que dá, recebe”.

2) Qual a formação religiosa que o senhor recebeu dos seus pais? Quando o senhor tornou-se missionário?

**33) Em relação ao fato de que a Ordem dos Pastores Evangélicos de Natal (OPEN)**

**não ter aceitado a sua afiliação, como o senhor viu isso?**

R – Olha, eu não gostaria de responder a essa pergunta. Eu tentei entrar para a OPEN quando

cheguei a Natal e rejeitado não sei por quê. Até hoje ninguém me deu resposta. Eu mandei toda a documentação para lá, já que sou pastor credenciado, reconhecido, consagrado. Não faço parte da OPEN, mas eu faço parte do Reino de Deus.

**34) Agora gostaria de deixar o microfone aberto para suas considerações finais. Agradeço pela sua entrevista e colaboração.**

R – Estou aberto a responder qualquer tipo de pergunta e gostaria de mandar meu abraço a todos os estudantes do Rio Grande do Norte. Sempre defendi os seus direitos. Há pouco tempo tivemos na Comissão Especial de Inquérito – CEI, para moralizar a questão das carteiras de estudantes e estava uma baderna de carteira falsa, prejudicando o verdadeiro estudante. Estou aqui aberto a qualquer tipo de entrevista para colaborar com todos.

#### **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO VEREADOR SALATIEL DE SOUZA**

**1) No primeiro momento da nossa entrevista eu gostaria que o senhor se apresentasse: local de nascimento, filiação, onde reside, idade, estado civil, filhos enfim...**

R - Meu nome é Salatiel Marciel de Souza, tenho trinta e três anos, sou casado, tenho dois filhos (um tem quatro e o outro dez anos), sou filho de Pedro Raimundo de Souza e Francisca Marciel de Souza e moro no Residencial Cabugi.

**2) Qual a formação religiosa que o senhor recebeu dos seus pais? Quando o senhor tornou-se evangélico?**

R – Meus pais são católicos. Já os meus avós, por parte de mãe, eram evangélicos, membros da Igreja Batista Cristã, na Avenida doze, no Bairro das Quintas. Eu morei naquele bairro há

mais ou menos quinze anos e, exatamente por morar vizinho à igreja, sempre fui levado pelos meus avós para a Escola Bíblica Dominical e para as reuniões e eventos da igreja, onde comecei realmente a participar da União de Adolescentes, da qual fui presidente, depois União de Mocidade, em que também fui presidente. Depois me envolvi na parte musical da igreja, ao tocar bateria. Até que fiz minha conversão na transição da infância para a adolescência.

**3) O que mudou na sua vida após sua decisão? Em Qual igreja o senhor decidiu se afiliar? Por quê?**

R – Muda muito, pois a gente passa a assumir um compromisso com Deus, que cobra exatamente daqueles que o aceitam verdadeiramente como Pai. E Ele tem a hora de dá um puxão de orelha, ser mais rígido, mais contundente com os seus filhos para que estes possam obedecer-Lhe. E nós passamos a assumir esse compromisso com Deus e com a igreja, para que possamos verdadeiramente demonstrar que somos diferentes, já que a Palavra de Deus diz que somos o sal da terra e a luz do mundo. Sempre fui membro da Igreja Batista, desde a infância, mas também freqüento outras igrejas, como a católica, a Universal, a Federação Espírita, enfim, várias denominações. Sou ecumênico, só nunca fui a um terreiro de macumba, apesar de respeitar o direito que cada um tem. Mas nas várias denominações, evangélicas ou não, estive e estarei.

**4) A partir de quando o senhor começou a participar da política partidária? Qual a relação entre a sua militância religiosa e a atividade política? Qual a importância dos evangélicos participarem da política?**

R – Sou filiado ao PFL desde 2002. Mas antes disso, ainda menino, sempre gostava de participar das passeatas que existiam naquela campanha muito disputada entre Aluízio e Zé Agripino. A minha família sempre foi *agripinista*. Depois, em 1990, fui participar da chamada *Juventude JÁ*, que era um grupo de jovens e adolescentes que lutavam e defendiam o nome do Senador José Agripino, na época. Mas como filiado, somente em 2002. Em 1997,

tive uma rápida passagem pelo PMDB, onde inclusive fui presidente da juventude do Estado do Rio Grande do Norte. Sempre procuro separar a igreja, que é um lugar de adoração, de agradecimento a Deus pelas bênçãos, da gente pedir e de estar em comunhão com os amigos e, principalmente, com Deus. Eu acho que é algo à parte. Claro que todos nós somos seres políticos e é importante que os domésticos da fé vejam isso com bons olhos. Que a gente possa usar a política para ajudar os nossos irmãos, sejam eles evangélicos ou não. Todos somos filhos de Deus. Mas eu procuro separar a igreja da questão política para que a gente não esteja usando o nome de Deus indevidamente e, claro, como a política, infelizmente, por conta dos políticos corruptos, daqueles que denigrem a imagem da classe política, é vista com maus olhos, eu procuro não levar isso para dentro da igreja para não gerar nenhuma contenda.

**5) Por que grande parte dos evangélicos abandonou aquela máxima que dizia: *crente não se mete em política?***

R - Porque descobriram que isso era uma grande bobagem. Tem gente boa e gente ruim em todo o ambiente. No próprio céu, Lúcifer foi jogado fora, tomando-se um anjo caído, porque, infelizmente, ele traiu a quem o criou. Existem políticos bons, sérios, comprometidos, como existem bons pastores, bons padres, maus padres, maus pastores. Nós temos que aprender isso. Infelizmente é do ser humano, que é pecador, independentemente dele ser do PFL, de ser motorista, ser padre, pastor, ASG. Alguns vão pecar, errar, roubar, se corromper, isso independe da política. Eu vejo com bons olhos essa nova geração, não só da comunidade evangélica, mas de todos os religiosos que começaram a perceber que, para defender exatamente a seriedade, a ética e para afastar o mau político, eles estão apresentando candidatos. Ora, se a gente critica o mau político, vamos pegar gente boa, séria, que está na Igreja Batista, na Igreja Universal, na Católica, na Carismática, talvez em nenhuma outra dessas comunidades religiosas e coloca-la na Câmara, na Assembléia, na presidência da República, onde for possível ocupar espaço. Eu acho que a gente tem que ocupar todas as vagas possíveis com gente séria, com gente boa; e foi essa nova visão que os pastores, os líderes, e os presbíteros acabaram com esse discurso de *crente não se mete em política* e

começaram a fazer um investimento dentro da igreja para preparar os seus membros para essa disputa eleitoral.

6) **Quais foram as suas bandeiras nas eleições 2004? Quais foram as suas estratégias eleitorais nessas eleições? O senhor foi candidato oficial da Igreja Batista? Como o senhor obteve recurso para a sua campanha?**

R – A minha estratégia foi basicamente a Televisão. Nós estamos diariamente, desde 1997, entrando nas casas, tornando-se conhecido. Essa força da televisão faz com que possamos abordar determinados temas, cobrar, elogiar, criticar, apresentar sugestões e, acredito, nos deu a chance, a oportunidade de disputar com políticos mais antigos, mais tradicionais e fizemos a campanha basicamente de pé no chão, visitando os bairros, as ruas, fazendo uns quatro ou cinco showmícios, levando exatamente nossos amigos de televisão, os colegas de rádio e de jornal que nos apoiaram, indo como uma atração. E lá a gente aproveitava para falar dos projetos, como o da redução dos sessenta e cinco para os sessenta anos para que o idoso pudesse andar nos transportes gratuitamente. Não fui candidato oficial da denominação Batista porque ela não se utiliza desse tipo de estratégia, de definir e lançar um nome como candidato oficial. Eu represento a cidade como um todo. Tenho a minha religião de forma particular, que eu ajudo e apoio. Represento a cidade, independente da religião. Claro que ser for possível ajudar, não só a denominação Batista, mas os evangélicos como um todo, nós ajudaremos. E em relação aos recursos, nós tivemos doações de amigos que puderam oportunizar ajuda para combustível, empréstimo de carro de som, doações de três outdoors e o grande apoio do cidadão que acreditou nas minhas propostas, que tive a oportunidade de apresentar no guia eleitoral, nas caminhadas, usando um grupo de dez a quinze amigos que iam comigo de manhã ou a tarde fazer as caminhadas. Aonde nós íamos, falávamos para dez pessoas em uma rua, para quinze em outra, para vinte noutra e realmente três ou quatro comícios que nós fizemos, com a ajuda de um empresário das bandas de forró *Boneca de Pano* e *Café Torrado*, que é Vice-prefeito de Tangará (Heronciano) e que as colocou, com suas estrutura, em todos esses comícios, um em cada área da cidade: Norte, Sul, Leste e Oeste. Dessa maneira, meio artesanal, mas que deu certo.

**7) O senhor defende múltiplas candidaturas ou candidaturas oficiais nas igrejas pentecostais? As candidaturas oficiais não seriam um atentado à Democracia?**

R – Acho isso um estupro à Democracia. Quando o processo é feito pelo homem, ele está fadado, infelizmente, por nós sermos humanos, pecadores, e acontecerem movimentos, de determinados esquemas, para beneficiar esse e prejudicar aquele, escolhas pessoais que não pode ser levado para dentro da igreja. Querer se definir, dentro da igreja e dominar a mente dos seus membros, que devem ter opinião própria, discernimento, pois receberam de Deus o livre-arbítrio para seguir a Deus ou ao diabo. Então porque esse irmão, membro da igreja, tem que ser determinado a votar nesse ou naquele candidato, como se fosse o melhor? Quer dizer, então, que se não for oficial da igreja, ele não é bom? Não é competente? Eu discordo disso. A igreja pode até fazer um debate com os pré-candidatos para que estes possam levar suas propostas, o que seria louvável. Apresentar o que ele pensa sobre a igreja, sobre a cidade. Mas acho um erro a liderança evangélica querer empurrar de goela abaixo um ou dois candidatos denominados candidatos oficiais da igreja.

**TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO VEREADOR GILSON MOURA**

**(05/04/06 E 27/04/06)**

**1) Vereador gostaria que o senhor fizesse sua apresentação pessoal, destacando sua formação religiosa e o que mudou na sua vida depois da adesão a sua religião.**

R - Meu nome é Gilson Moura, natural de Patú, RN. Filho de Francisco Bento Moura e Valdeci Francerle Moura. Sou evangélico há seis anos e muita coisa mudou: a forma de pensar, de ver o mundo, de ver as pessoas. Entender que Cristo é o nosso único salvador, que, sem ele, não tem salvação. Eu particularmente não misturo o evangelho com política, tanto é que eu não visitei, como político, as igrejas, pedindo votos. Eu não uso o púlpito para ganhar votos. Tenho amigos dentro de igrejas que votam em mim. Tenho mais é que

agradecer, já que precisamos de votos, mas não me utilizei da religião para ganhar as eleições. Tanto é que algumas pessoas que votaram em mim não sabiam que eu era evangélico, pessoas católicas e de outras religiões ficaram surpresas. Isso veio a ser divulgado depois da eleição, pela mídia, quando se começou a falar em bancada evangélica.

**2) Se o Estado brasileiro não tem religião oficial, seria correto que concepções morais e religiosas fossem defendidas para cidadãos das mais diversas religiões, mesmo ateus, agnósticos ou sem religião?**

R - Eu sou cidadão também. Pelo fato de ocupar cargo público, não deixo de ser cidadão. A minha posição é muito clara. Tenho a minha posição e respeito a posição dos outros; quero que as pessoas também respeitem a minha. A religião que eu faço parte não comunga dessas opiniões, e eu sigo posições semelhantes. Sou contra o aborto e a união civil do mesmo sexo.

**3) Qual a relação entre a sua crença religiosa e atividade política? Por que grande parte dos evangélicos abandonou aquela máxima *crente não se mete em política*?**

R - Eles sentiram pressionados, na necessidade, e lá criar leis que possam ser interessantes para esse segmento. Aqui na casa teve uma lei interessante que estabelecia a dispensa do IPTU para os prédios alugados das igrejas e eu comandeí essa votação, mas a casa derrubou essa lei. Eu votei a favor por um voto; lamento porque as igrejas fazem um trabalho importante na recuperação de drogados; eu nunca vi uma igreja encaminhando para o mal. Eu não sei por que há uma discriminação pelo fato de ser evangélico, pois assim como tem católicos, espíritas, aqui nessa casa tem de tudo. Eu sou um evangélico vereador. Não me envergonho, para mim, é uma bênção está aqui no meio dos outros colegas. Eles me respeitam, eles sabem que, apesar de tudo, eu processo essa fé. Estou muito à vontade, muito tranquilo. Entendo também essa necessidade de ocupar espaço, seja no legislativo municipal, estadual, ou na Corte maior do Legislativo.

**4) O senhor poderia nos contar a sua trajetória de vida de Patú até a Câmara**

## Municipal?

R - Sou filho de um agricultor e uma camareira de hotel. Na década de 70, eu deixei o interior e vim para a capital buscar emprego. Saí na carroceria de um caminhão, enrolado em uma lona. Na década de 80, para a minha felicidade (e eu tenho certeza de que foi Deus quem me colocou frente a frente com o presidente da república, o então general João Batista Figueiredo, a quem eu fiz três pedidos: uma bolsa de estudos, uma casa para morar e um emprego, que graças a Deus, consegui) era a oportunidade que faltava para eu começar a trilhar um caminho de sucesso. E foi justamente nesse período que a gente começou a despertar para a comunicação e para a política. Mas Deus me revelava outros encontros com o presidente do grupo Ponta Negra, o então senador Carlos Alberto, que me convidou para fazer parte desse grupo, e o resultado disso tudo foi a minha aparição em alta exposição na televisão, que me deu condição de fazer justiça ao povo do RN e de Natal. E esse trabalho todo me deu forças diante da população, e ela entendeu que eu podia ser esse veículo, essa caixa de amplificação dos seus problemas. Consegui um espaço bom, e daí veio a política, que, em 1988, eu fui candidato pelo PL a vereador, e tive 148 ou 248 votos. Perdi a eleição, mas não perdi a vontade de disputá-la. Em 2004, disputei novamente, agora pelo PP e tive quase 7.000 votos. Uma eleição que, para muitos, era impossível de acontecer, mas para Deus, nada é impossível. As dificuldades eram todas: a questão financeira, que eu não tinha (eu comecei a campanha com cinco mil, e só passei a ter ajuda de alguns amigos quando comecei a aparecer nas pesquisas), e quanto mais eu aparecia nas pesquisas, mas percebia que podia vencer as eleições. Deus me abençoou, foi um verdadeiro milagre, eu venci um irmão, o Pr. Osório Jácome, que tinha uma super-estrutura, além do apoio de seu irmão, o vice-governador. Quando Deus escolhe os seus..., e eu fui um dos escolhidos. Eu agradeço a Deus, ao povo de Natal e a minha família, que me ajudou a conquistar uma cadeira na Câmara Municipal.

## 5) Alguns críticos afirmam que programas como o *Aqui Agora* e *Patrulha Policial* exploram a miséria do povo. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

R - Aconteceu no passado. Hoje, se você fizer uma pesquisa à população, já vê diferente. Ela

já vê qual o nosso objetivo, que é prestar serviço, que é ser solidário, que é ser a voz do povo. Carlos Alberto, na sua época, sofreu essas críticas, eu acho que algumas dessas críticas eram injustas. Mas o tempo passou e a realidade é outra; as pessoas nos vêem de forma diferente.

**6) O senhor defende múltiplas candidaturas ou candidaturas oficiais nas igrejas pentecostais? As candidaturas oficiais não seriam anti-democráticas ?**

R - Olha, eu vejo com naturalidade. Acho que o critério deve ser democrático. Tem pessoas que se afinam mais com outras; se a Igreja adotar esse critério, será importante e interessante. Claro, torço para que eu tenha o apoio dos irmãos; se não conseguir, tenho o apoio de Deus e a Sua confirmação. Acho que para mim já é tudo. Não seria antidemocrático que a igreja tenha candidato oficial. Não, se escolhido de forma clara e cristalina. Pelo contrário, eu acho uma forma de organização.

**7) Qual a sua relação com o Pr. Antônio Jácome e o publicitário Públio José?**

R - Não sou liderado nem por um nem por outro, mas tenho muito respeito pelos dois. São meus amigos. Eles também têm muito respeito por mim, e gostaria muito de poder contar com o apoio dos dois, sabendo que Jácome me parece que é candidato também, e Públio, não sei qual cargo vai disputar.

**8) Durante a campanha de 2004, foi mostrada uma fita na qual o Deputado Luís Almir agredia verbalmente os pastores evangélicos. Por que ele tanta rejeição ao segmento? E Como o senhor analisou o escândalo envolvendo um parlamentar evangélico (Bispo João Batista da IURD), que foi detido pela Federal fazendo o translado de milhões de reais?**

R - É feio, não é? Acho que desgasta; todos os holofotes se voltam para a questão da religião. E se fosse um católico ou outro segmento religioso, não teria tanta exposição em cima da religião. Eu vejo com tristeza das duas partes, tanto pelo irmão, que foi pego com

dinheiro, quanto da grande mídia, que sempre direcionou o foco para a religião quando se trata de evangélico.

**R - 9) No site da Câmara, o senhor não fez menção religiosa nenhum e a revista vitrine disse que seu lado religioso é pouco revelado. Por que o senhor prefere essa postura?**

R - Não é que eu prefiro. Acho que foi um lapso, tanto do site da Câmara, quanto da revista. Pelo contrário, eu não tenho dificuldade com as pessoas, nem com os pastores pelo fato de ser evangélico. Isso não me incomoda, não traz nenhum tipo de desgaste ou de problema. As pessoas se surpreendem pelo fato de eu não divulgar minha religião, não fazer disso bandeira. A grande maioria dos candidatos evangélicos faz questão de fazer menção a isso como se fosse bandeira. Não sei se há currais eclesiásticos, acho que deve ter, mas eu não faço parte e não recomendo quem faz.

**10) O senhor acredita que seria importante para os evangélicos elegerem um presidente da República que professe a fé protestante? Como o senhor vê a atual crise de credibilidade dos políticos?**

R - Eu já declarei que não apoio a garotinho. Independente de partido, a mídia já divulgou. Inclusive eu sofri quando as pessoas ficaram me olhando e perguntando por que não voto no candidato do partido. Eu já fiz a minha opção, não foi nenhuma recomendação da Igreja, mas acredito que, a exemplo do que fez em Campos e no Rio de Janeiro, pode-se fazer no Brasil. Com relação a minha postulação, eu sou candidato a deputado estadual e luto por isso. Gostaria muito que Deus me abençoasse e pudesse tocar no coração dos irmãos para que eles pudessem votar em mim. Eu sei que tem outras pessoas que exercem cargos nas igrejas, pastores ou não. Eu sou um simples membro. E que tem a seu favor verdadeiras estruturas nas igrejas e pastores que os apóiam; eu não tenho. Eu não recrimino os colegas que têm, mas gostaria muito de ter. Espero que Deus toque no coração dos pastores e dos irmãos, para que, no dia da eleição, eu possa receber os votos necessários para ganhar a eleição.

**11) Dos cinco vereadores protestantes eleitos, quatro são de igrejas pentecostais. A respeito disso, o Sr. atribui isso ?**

R - Acho que isso se deve, sobretudo, à vontade de disputar a eleição. Talvez achem que religião não pode se misturar com política, mas discordo totalmente.

**12) Como o senhor vê a ocupação da mídia pelos protestantes? O senhor acredita que existiu alguma relação entre a questão do enquadramento das igrejas com o novo Código Civil e a mobilização política do segmento evangélico em Natal?**

R - Eu vejo o seguinte: nós, que somos da mídia, da TV, temos uma vantagem sobre os demais, pois nós estamos todo dia na casa do povo. Em compensação, eu poderia criticar que é filho de A, B, C, que um é fruto da elite política e quem é do segmento evangélico, nunca vai ficar livre de sofrer críticas. Se para uns é uma vantagem, outros vêm com desvantagem. Eu particularmente estou feliz por ser da mídia; acho que a minha eleição se deu por um milagre de Deus, pois foi fruto de uma associação de CIAVV (Centro Integrado de Apoio as Vítimas de Violência), que foi uma soma de vários fatores. Eu discordo, pois acho que as Igrejas têm um papel importante: devem se modernizar, respeitar o próximo, o espaço dos outros. Isso não é nenhuma crítica, é só uma observação. No meu entendimento, para que lei? Para punir quem faz o bem? É de mais. Acho que a Igreja tem um grande papel na sociedade, e não vejo nenhum pastor pregando o mal, a discórdia, o banditismo, eu acho que deve ser estimulado e não criar lei para perseguir.

**13) O senhor afirma que sua vida mudou após o encontro com ex-presidente Figueiredo. Como o senhor avalia o regime militar ?**

R - Eu não senti os efeitos do regime militar porque tinha apenas três anos de idade; não tinha noção do que estava acontecendo no país. Pelos relatos históricos, foi uma página difícil que eu não gostaria de ver. Eu acho que o momento militar foi importante para que outras situações semelhantes não venham a acontecer. O presidente Figueiredo foi gentil. Deus abençoou a ele, que conseguiu me dar a oportunidade de ser gente, de ser alguém na

vida. Eu só tenho que agradecer a Deus, a ele e a minha família. É isso que tenho a dizer sobre o regime militar.

**R 14) Gostaria de agradecer-lhe e deixar o microfone aberto para as suas considerações finais.**

V - Eu quero agradecer a você pela maneira como você vem se comportando. Quero agradecer à Universidade Federal, que me deu a oportunidade de ser formado no curso de Direito. Agradecer a Deus por esse momento, por estar podendo representar o povo de Natal, que, de forma geral, confiou na minha mensagem, eu não fui eleito por estrutura, mais por discurso. E dizer, também, ao povo que estou à disposição. Eu venho fazendo um trabalho sério. Acho importante a graduação, a pós-graduação, pois isso qualifica, o que não quer dizer que quem não tem menor conhecimento seja pessoas diferentes da gente. Nós temos pessoas que não detém um diploma de 2º grau ou 3º grau e que são excelentes parlamentares. Eu não advogo a causa de que o diploma seja o pré-requisito para fazer um bom trabalho.

#### **ENTREVISTA DO VEREADOR SARGENTO SIQUEIRA (22/03/06 – 26/04/06)**

**1) No primeiro momento da nossa entrevista, eu gostaria que o senhor se apresentasse: local de nascimento, filiação, onde reside, idade, estado civil, filhos, enfim...**

R - Eu sou Edson Siqueira de Lima, tenho trinta e nove anos, sou casado, filho de Pedro Siqueira de Lima e Maria do Rosário Siqueira, natural de Natal. Nasci e me criei no bairro cidade da Esperança, bairro onde moro atualmente. Sou formado em Letras e Serviço Social pela UFRN, estou concluindo direito na UNP e Pós-Graduação em políticas públicas pela Universidade do Ceará. Sou Evangélico, batizado nas águas e no Espírito Santo, dizimista, membro da Igreja casa da Bênção, tenho dois filhos, Maria Luiza (dez anos) e Edson Gabriel (oito anos). Não nasci em um berço evangélico, mas desde os catorze anos estou na igreja. Uma Igreja Pentecostal; nós temos vinte e sete Igrejas, assim distribuídas: dezenove na capital e nove no interior.

2) **Qual formação religiosa o senhor recebeu de seus pais? Em qual igreja o senhor aderiu ao Protestantismo e decidiu se afiliar nela por quê?**

R - Aceitar Jesus foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida; foi esse encontro. Mas graças a Deus, à Igreja e ao Evangelho, são vinte e seis anos que temos seguido o Senhor com alegria. Não é fácil um Jovem ser crente, ser temente a Deus nessa geração de violência. Valeu a pena. Se eu pudesse recomeçar a minha vida, nasceria na Cidade da Esperança, filhos dos mesmos pais, teria meus dois filhos e entraria na Igreja; eu acho que foi um grande acerto: a misericórdia do Senhor me alcançou muito bem.

3) **Já foi membro de outra?**

R - Eu nasci na Igreja Deus é Amor, onde fui batizado nas águas; após isso, foi uma questão de localização, passei a freqüentar a Assembléia de Deus, com a qual tenho grande afinidade. Não defendo placar de Igreja, e isso não salva; em primeiro lugar você deve ter o temor de Deus, a Igreja é apenas um local para a gente se reunir e servir ao Senhor com Alegria.

4) **Quando o Senhor começou a participar da atividade política partidária? Qual a relação entre a sua crença religiosa e atividade política?**

R - Eu tenho a certeza de que entrei na vida pública por um chamado de Deus. Vou revelar esse segredo a você: aos catorze anos, o Senhor falou comigo, através de uma profecia, dizendo que iria me tirar daqui; que eu me preparasse que o Ele iria me levar a lugares distantes e desabilitados. Então, eu tive a felicidade de entrar na Universidade, no curso de Letras. Foi aí que fiz um concurso para uma Missão de Paz da ONU Internacional na antiga Iugoslávia e fui aprovado como observador militar.

Até o ano de 1994, eu não tinha nenhuma pretensão política; a minha pretensão era terminar o curso, trabalhar, casar e criar meus filhos. Dessa viagem Internacional, para os que iam ler essa reportagem, eu queria dar esse testemunho sendo evangélico ou não, no tempo certo o Senhor vai cumprir. Se o Senhor cumprir na minha vida, cumpre na de qualquer coitado. Creia e confie. Não basta só esperar a promessa e ficar dentro de uma rede

se balançando; você tem que fazer sua parte, o Senhor me prometeu e eu aguardei aquela promessa, mas também me esforcei para que, quando o Senhor fosse cumprir, eu estivesse preparado, pois a vida pública também é um sacerdócio. O apóstolo São Paulo diz que “para cada um é dado os dons e a vocação”. Uns tem o dom de cura, palavra de profecia, canto, de solidariedade, de pastorear..., a minha vocação, desde cedo, não foi para o ministério, mas para a vida pública. Quando retornei dessa viagem, ingressei na polícia militar como 3º Sargento da Corporação, e o curso de Letras e Serviço Social, principalmente o de Serviço Social, me permitiu ver que eu podia fazer algo pelo meu próximo. A política não é uma coisa de papa-figo, uma coisa nojenta, aquela coisa feia, proibida, pois é das casas legislativas que há as decisões para todo o Brasil. Por isso, o cidadão de bem vai influenciar a vida de milhares e tem que entrar na vida pública. O Senhor me trouxe para cá, mas eu tenho a consciência de que o poder e o mandato são decrescentes; a cada dia é um dia a menos do mandato. E eu espero que, durante a minha estada, eu possa honrar a promessa de Deus na minha vida através do meu testemunho e de projetos que sejam de alcance social e não em causa própria e defender a minoria, pois aqui se precisa de defensores. Ler o projeto e discimi-lo será mais fácil para quem tem o dom do Espírito Santo. E eu estou nessa casa, primeiro, para engrandecer o nome do Senhor através do meu testemunho. Aqui está o grande diferencial. Eu não vim aqui para ser pastor, para estar forçando ou transformando ninguém a nada. O meu testemunho por si só já fala da minha vida e conduta. A bancada evangélica é o diferencial dessa casa.

##### 5) Qual a importância dos evangélicos participarem da política?

R - No Brasil, nós somos 15% da população ativa de eleitores aptos a votar. Numa grande massa, se considerarmos que o Brasil tem 187 milhões de habitantes, os evangélicos podem influenciar em qualquer eleição, tanto no campo majoritário como nos seus municípios. É importante a participação. Agora a igreja precisa desmistificar as grandes lideranças do segmento evangélico, desde a Escola Bíblica Dominical, num especial projeto pedagógico, mostrar a importância do poder legislativo e quais as suas influências sobre a política, não a política partidária, e mostrar a necessidade da participação política.

A política não é uma coisa feia quando se assume com responsabilidade. Eu acho que

a igreja precisa ensinar, desde cedo, a criança, o adolescente, a mocidade e o adulto, isso em vários níveis de graduação ou de orientação pedagógica. Deveria ter dentro de nossa cartilha alguma coisa sobre política porque as pessoas só vêem o lado negativo, com certa vulgaridade. E em todos os segmentos, nós temos bons e maus profissionais; e na política não seria diferente.

A igreja precisa tirar esse mito de que a política não ficou para os evangélicos. Ficou sim. Dentro de nossa proporcionalidade na sociedade, deveríamos ter, pelo menos, 15% de evangélicos em todos os níveis de governo nacional federal, executivo e legislativo, e, só assim, a médio e longo prazo, ter uma participação mais efetiva. Essa necessidade é fruto de nossa fraqueza, em nossa pequenez, somos desmobilizados, desorganizados e desunidos.

**6) A partir de quando o senhor começou a participar da política partidária?**

R - Pelo fato de não termos no Brasil uma legislação apropriada para a questão dos partidos, estes são meramente cartoriais. Os grandes são guetos de oligarquias familiares. Não se tem uma militância partidária. Não temos, aqui, partidos fortes, temos pessoas fortes. A questão de partidos é uma questão de momentos. Eu defendo partidos fortes, a fidelidade partidária. Como eu venho do movimento de uma categoria sindicalizada e militar, e como a legislação proíbe a filiação de militares, apenas me habilitei para disputar eleição. Quando eu fui eleito pelo PP, porque eu era suplente de vereador, na hora que eu assumir eu fui para a reserva ex-offício e eu tive que me filiar ao PP para concorrer à reeleição, e após um ano de minha eleição, resolvi fazer parte do PV, e hoje nós somos a segunda maior bancada e a segunda maior de evangélicos: dois, no PV. Não houve um rompimento com o PP e eu fui eleito com Mícarla e a ser a presidente do diretório municipal. Eu fui solidário a ela!

**7) Em que medida o eleitorado evangélico colaborou para a sua eleição? Por que grande parte dos evangélicos abandonou aquela máxima “crente não se mete em política”?**

R - Eu acho que alguém plantou em algumas pessoas desavisadas da igreja. O crente deve participar, deve opinar. O que não há, no segmento evangélico, são as prévias que pudessem

indicar este ou aquele nome para representar a igreja. Não existe ainda a titularidade, acham que só quem pode representar é alguém que tenha algum cargo de confiança na igreja. São pastores, bispos, presbíteros, mas não são líderes, não tem nenhuma chamada para aquele tipo de atividade. Para ser político, precisa de muito preparo, de conhecimento de legislação, do que é o movimento sindical; pessoa que tenha condições de nos representar. Às vezes, são medidas impostas na igreja, e, quando se depara com os problemas que não consegue assumir o seu papel, começa-se a se decepcionar e decepcionar os outros. Então nós temos uma outra responsabilidade pelo fato de sermos luz e de darmos um testemunho. Não pode, claro, querer ser maioral ou mandar no parlamento através de grito, mas da convivência com respeito, pois se está lidando com pares. Por mais importante que o projeto possa ser para o segmento, eu não posso querer que meu projeto desça de goela abaixo, sem ninguém convencê-lo. Aqui, tem-se que revezar muito, apoiar projetos de outros colegas que não são evangélicos, para que eles possam viabilizar os do nosso segmento. Agora, a bancada evangélica daqui de Natal tem se colocado contrária a projetos que afrontem a moral, a ética e a dignidade da pessoa humana, aos bons costumes. Nós nos insurgimos duas vezes quando foi colocado, aqui, um projeto que reconhecia a Associação das Prostitutas. Respeito qualquer minoria, respeito qualquer atividade, mas tenho o direito de me insurgir sem afrontar e/ou sem humilhar o ser humano. Porque aquela prostituta amanhã pode ser uma salva, eu vou tentar resgatá-la pelo meu testemunho. Um outro projeto foi o gasto excessivo de Natal contra a parada gay. Não sou obrigado fazer parte para conviver. A pior coisa do mundo, para o ser humano, é ser rejeitado. Eu tenho que conviver com os brancos, com a pessoa de cor, com os homossexuais, com as prostitutas sem precisar fazer parte. Eu agradeço a Polícia Militar, aos evangélicos, em que tive o apoio expresso da Igreja Casa da Bênção, de alguns pastores da Assembléia de Deus, da Igreja Batista e outros pastores de Igrejas grandes e pequenas, e ao bairro da Cidade da Esperança. Acho que a prévia é necessária, mas ela tem que ser revestida de caráter oficial; aí ela deve ter lançado os pré-candidatos. Promover um processo de discussão, intervir por meio de edital e, após o culto, ver a quem serviam os pré-candidatos, a que cargos iriam concorrer, ter dois ou três candidatos para a igreja ter opção. Eu sou contra, veementemente contra, não aceito que utilize-se do púlpito, que é um local santificado, para esse ou aquele candidato. Principalmente a política partidária deveria ser feita fora do púlpito. Cada um apresentar seus projetos para o segmento não de Assistência

Social, que não é a função do político. Quem tem que patrocinar é o executivo. Eu tenho que cobrar isso do executivo com simplicidade, com transparência, não um processo conduzido.

Acho que a Igreja é um gigante adormecido; tem um potencial maior a ser explorado. Não consegui detectar porque não sou líder eclesiástico, ela tem muito mais a oferecer ao Parlamento. A igreja teria condições de mudar a história do Brasil a partir do momento em que servisse para eleger um presidente, um vice-presidente, vários governadores, vários prefeitos, centenas de milhares de parlamentares. Quando a igreja precisa de um carro de som, de um médico, de um advogado, de uma assistência, de um apoio, ela vai buscar onde? Vai buscar na política, e fica refém de pessoas que não têm nenhuma ligação com o segmento, por um pequeno grupo que detém a igreja, achando que vai colocar aquilo de goela abaixo para os simples membros. Se ele não se sentir participante, está livre para votar em quem quiser. Como muitas vezes isso não chega às bases, ela (quem? A igreja? Especifique.) não se motiva para fazer um esforço para que aquele irmão, quando este assumir um mandato eletivo.

8) **Quais foram as suas estratégias eleitorais e como o senhor conseguiu recursos para sua campanha?**

R - Eu fui muito claro com a igreja. Não pedi os votos para ser assistente social, até porque já sou. Dou apoio logístico para a igreja a fim de abrir as portas no macro e ser vigilante nos projetos contrários como o IPTU, as questões da Secretária Municipal de Urbanismo - SEMURB, que fiscaliza a questão do som, porém não conseguem parar o Carnatal, o São João, ou um simples um carro na porta da igreja, com o camarada bebendo porque falta representatividade política da igreja. A assistência individual é uma prática ultrapassada. Devemos, sim, promover políticas públicas.

Numa campanha de um vereador, se gasta nada menos que 300 mil reais, e para ser deputado, 500 a 700 mil. Ter apoio do Jogo do Bicho, de empresário por trás, eu não quero, pois não acho que seja uma forma inteligente, pois já chega ao Parlamento amordaçado. Acredito que Deus tem um plano e vai operacionalizar esse plano. Ninguém chegou aqui só com apertos de mão, mas com lastro, simpatia do segmento e de outros grupos para complementar.

certeza, Garotinho tenta como ter garantido sua candidatura. Um partido de mobilização Nacional, que tivesse ressonância, que possuía filiados de todos os segmentos evangélicos,

9) **Como foi sua articulação política no 2º turno das eleições 2004? Durante a campanha de 2004 foi mostrada uma fita na qual o Deputado Luís Almir agredia verbalmente os pastores evangélicos, por que ele sofreu tanta rejeição do segmento?**

R - Já apoiiei o projeto no primeiro e segundo turnos. Em relação ao deputado Luiz Almir, cada um dá o que tem. Eu não vou avaliar a opção ou a atitude dele. Nós estamos falando de política séria. Eu acho que cada um responde pelos excessos, tanto é que ele pagou pelos excessos e não logrou êxito na eleição.

10) **Existe, de fato, uma bancada evangélica na Câmara Municipal?**

R - Existe, de fato. Por várias vezes, nós tivemos unidos. Existem cinco evangélicos que estão pulverizados em cinco partidos. Nós não temos uma bancada de evangélicos. Em matéria de interesse coletivo, nós nos unimos, independentemente de estar na bancada do prefeito ou na oposição.

11) **Se o Estado brasileiro não tem religião oficial, seria correto que concepções morais e religiosas fossem defendidas para cidadãos das mais diversas religiões e mesmo ateus, agnósticos ou sem religião?**

R - Acho que a vida é plural. Um país de várias etnias e várias raças, há certa miscigenação em relação à religião. Predomina o catolicismo. Não é fácil tirar essa titularidade. Segundo o IBGE, o segmento dos evangélicos nos próximos cinquenta anos será maioria; mas precisamos ser maioria no Congresso, no executivo, nas câmaras e nas assembleias; aí certamente o Brasil será um outro país, com justiça social. Eu defendo a candidatura de Garotinho, espero que ele possa passar por essa prévia que está sob litígio judicial. Erramos, está provado que deveríamos mais uma vez ter um partido a nível nacional, pois sempre quando vamos tomar uma decisão, ainda somos desmobilizados. Com

certeza, Garotinho teria como ter garantido sua candidatura. Um partido de mobilização Nacional, que tivesse ressonância, que possua filiados de todos os segmentos evangélicos, interdenominacional, agregando os interesses do segmento. Só assim a gente pode, a médio e longo prazo, assumir este país. No Congresso Nacional, são 513 deputados e 81 senadores; a bancada evangélica não representa essa força toda, pois estão pulverizados em vários partidos. Tem pessoas que estão no congresso e defendem a união civil entre pessoas do mesmo sexo; é um problema de ordem sexual deles, que enxergam de outra maneira. Falta um estatuto que mostre quais bandeiras os evangélicos devem defender. Eu sou contra o aborto e a união civil de pessoas do mesmo sexo; agora, enquanto advogado, infelizmente vou ter que defender o direito *Dura lex sedes lex* (É duro, mas é lei). No congresso, nós temos os mais articulados no terceiro ou quarto mandatos, Pastor Júlio (AD), que é cabo do Corpo de Bombeiro de MG e Pastor Takayama. Deles se espera mais. Se isso passar, quem é que perdeu? O segmento evangélico. Acho que isso ainda é uma matéria que vai se arrastar por pelo menos uma década. No RN, por que o nosso vice-governador não assumiu o PSC - Partido Social Cristão? Todo político evangélico sabe da importância de um partido nacional. Agora, quando chega à questão de quem vai mandar no partido, aí vêm os conflitos que não vêm da base do simples evangélico. Está no poder eclesiástico quem vai mandar a Universal, a Batista, a AD, a Anglicana? Até agora não surgiu um líder que pudesse agregar todos os interesses do segmento.

12) **O senhor acredita que existiu alguma relação entre a questão do enquadramento das igrejas com o novo Código Civil e a mobilização política do segmento evangélico em Natal?**

R - Acho que sim. Enquanto advogado, a igreja não pode ser a coitadinha do processo. Tem algumas denominações que convidam muito cedo um jovem para pastorear, amanhã, por algum motivo, se não der certo, quais serão suas garantias? A igreja arrecada. Qual o problema da igreja prestar contas, ser inspecionada pela Receita Federal? A gente não pode ser transparente apenas na fé. Nós temos muitas igrejas só de fachada, cartoriais e, cada vez mais vemos os escândalos. O Pastor é um Assistente Social, um rábula. Não defendo ter nível superior porque o poder emana do povo. Porque se um evangélico disser uma bobagem,

vai servir de chacota. Você coloca para cima ou para o fundo do poço o seu movimento.

**13) O que o senhor diria a alguns críticos que afirmam que as bandeiras políticas dos evangélicos são corporativistas, moralistas, clientelistas, fisiologista e anti-esquerdista?**

R - Acho que depende da década que o sociólogo viveu ou escreveu esta tese. Eu sou Assistente Social e venho de uma linha de esquerda, mas nem por isso convivo e transito muito bem entre o sindicato, o movimento evangélico. Aqui se discute sobre tudo; idoso, transporte público, a questão dos abatedouros, do meio ambiente, da falta de segurança, etc. Agora, se você não tem qualificação, fica limitado àquele falso moralismo. Aqui nessa casa temos engenheiros, médicos, líderes de movimentos sindicais, empresariais; é uma casa plural.

**14) Os grandes jornais de Natal (Tribuna do Norte e Diário de Natal) só fizeram menção religiosa ao Bispo Francisco de Assis, a que o senhor atribui isso?**

R - Normal. Eu recebo isso com muita naturalidade. Isso são pautas e os pauteiros não têm conhecimento de que existe aqui uma bancada evangélica. Até pela liturgia do cargo que exerce um cargo, tem o título de presbítero (Bispo). Eu não vejo nele nenhuma vaidade em liderar a bancada evangélica, uma escola de hierarquia. Estamos em boas mãos, pela experiência, pelo testemunho é bispo de uma igreja reconhecida a nível mundial.

**15) No site da Câmara, o senhor não fez menção a sua religião. Por quê?**

R - Não Não tive intenção disso. Não tenho motivo nenhum de não expressar a minha fé. Vou reparar isso. Nos momentos mais difíceis de minha vida, eu sempre fiz e o faço com muita alegria. Isso é um lapso temporal e será corrigido pela minha acessória de comunicação. Atribuo essa falha à própria, o que não é motivo nem de polêmica nem de querer esconder a minha fé. Se pudesse recomeçar minha vida, seria filho de Pedro Siqueira e nasceria no bairro de Cidade da Esperança, porque tudo que tenho vem de profecia, e o que

recebi foi dado por Deus; e reconheço isso. A mídia se encarrega de deturpar a política.

**16) Qual a sua relação com o Pr. Antônio Jácome e o publicitário Públio José?**

(Mariana Silva e Benedita da Silva)?

R - De muito respeito. Conheci Jácome quando fazíamos evangelização nos colégios, me sinto representado pelo vice-governador. Nos seus mais de vinte anos de vida pública, dignifica a função. Nunca tivemos relação política partidária, nunca fui liderado por ele. E acho que o segmento tivesse o cuidado, o zelo ele deveria permanecer na chapa majoritária. Foi um vice-governador discreto e nunca se falou em escândalo, nem foi desleal com o segmento. Há insatisfação do segmento, mas isso é natural; o cobertor é muito curto. Nunca precisei dele e ele nunca precisou de mim. E no momento em que ele esteve em dificuldade, eu fui solidário a ele. Públio tem todo o direito de pleitear, de sonhar. É em quadro político, é um grande pai, tem um testemunho que honra qualquer cidadão. Se ele esperar em Deus, o momento dele chegará, a vitória se construirá. O seu projeto precisa de mecanismos para empolgar o segmento.

**17) Como o senhor analisou o escândalo envolvendo um parlamentar evangélico (Bispo João Batista da IURD) que foi detido pela Federal fazendo o traslado de milhões de reais?**

R - Eu não tenho procuração para defender ou acusar o Bispo. Não sou membro da IURD, mas da ICB, apenas a Polícia Federal e o Ministério Público Federal irá investigar o que realmente aconteceu. Não há nenhum crime em transportar dinheiro; não vejo isso como um escândalo. Escândalos têm em todos os segmentos, não é porque existem médicos que traficam órgãos, juizes que vendem sentenças, concede liminares indevidas, que são todos corruptos.

**18) Qual a sua relação com a Maçonaria?**

R - Não tenho nenhuma relação na maçonaria. Não conheço nem condeno quem faça parte.

A minha família tem pessoas que fazem parte.

19) **Como o senhor avalia a atuação dos dois ministros protestantes do governo Lula (Marian Silva e Benedita da Silva)?**

R - A Marina Silva colocou ordem nesse país de grileiros. Ela não só honra o segmento, mas também o presidente Lula, que está fazendo um grande governo.

20) **Como foi a atuação do Missionário Doriel (residente nacional da Igreja Casa da Bênção) e do Missionário Juarez (dirigente da igreja no RN)? O senhor foi candidato oficial da igreja?**

R - Nós tivemos o apoio, essa foi a nossa terceira campanha. Nas duas primeiras, tivemos apoio de um Vereador e de um Deputado Estadual. Desse último, divergimos apenas em questões que respeito, uma parte do ministério resolveu apoiar o Pastor Osório Jácome, mas eu recebo isso com muita maturidade. Lideranças se constroem, temos a palavra que o segmento vai continuar me apoiando.

21) **Dos cinco vereadores evangélicos da Câmara, quatro são oriundos de igrejas pentecostais. A que o senhor atribui isso?**

R - À própria hegemonia dos pentecostais dentro do segmento evangélico. E isso se reflete em qualquer segmento que estiver.

22) **O senhor foi preso 104 vezes dentro da corporação por reivindicar melhores condições de trabalho para os policiais. A PM é ditatorial?**

R - E muito, mas prender e soltar é uma questão de regulamento disciplinar do Exército Brasileiro, fruto da ditadura de 1964, que não se adequou a constituição de 1988. Nunca aceitei ordens absurdas. A assistência social é questionada por natureza. Eu não fui só preso, fui expulso, 27 meses desempregado de uma forma injusta, mas graças a Deus, tudo que

prometeu tem cumprido. Eu posso ir para o fundo do poço, mas não vou morrer ali. Até por isso resolvi fazer o curso de direito, para que a polícia possa ter formação, estrutura e salários. Daqui o Senhor vai me levar para a Assembléia Legislativa, e de lá eu sairei para ser secretário de segurança.

23) **O senhor afirmou que nunca votaria para que o nome de uma rua fosse em homenagem a um babaorixá. Isso não seria um preconceito contra os afro-descendentes?**

R - Não. Opinião se respeita; cada um dos cinco vereadores tem sua posição, essa é uma posição minha, e o cidadão, gostando ou não, vai ter que respeitar, como eu respeito qualquer minoria, como eu respeito a parada Gay, mas não sou obrigado a concordar e aceitar.

24) **Como é a atuação dos PMs de Cristo?**

R - São 8.400 homens, e, deste efetivo, 15% são evangélicos. Temos capelão, a palavra do Senhor independe de placa de Igreja. Tem dado seu recado ali e o Senhor tem salvado vidas, dado livramentos, que é fruto das orações, dos feitos. Em 2004, foram dezessete baixas, em 2005, quatro baixas e, em 2006, até agora, nenhuma.

25) **Agora gostaria de deixar o microfone aberto para as suas considerações finais e agradecer pela entrevista.**

R - Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a UFRN, onde passei pelos bancos escolares de 1989-1996 (Letras e Serviço Social). Não aceito os salários aviltantes aos bons profissionais que ali tem. Colocar o mandato à disposição da juventude. Que a política não seja vista de forma denegrada, que os DCE possam continuar as lutas memoráveis, que não sejam mais uma monografia, que possa fazer novos formadores de opinião. A Universidade poderia fazer mais, mais resultados, especialmente na questão da distribuição de renda.

## ENTREVISTA DO VEREADOR ADENÚBIO MELO (22/03/06)

### I parte: dados pessoais

1) No primeiro momento da nossa entrevista, eu gostaria que o senhor se apresentasse: local de nascimento, filiação, onde reside, idade, estado civil, filhos, enfim...

R – Meu nome é Adenúbio Melo, nasci na cidade de Ipanguaçu, a 220 quilômetros de Natal. Sou filho de agricultor e, por isso, passei dezessete anos trabalhando com enxada, plantando, pra dar sustento a minha família. Hoje se formado em História e fico muito feliz. Sou filho de Francisca de Melo Gonzaga e Cassiano Gonzaga. Hoje, sou casado com Janderrê Franco de Araújo Melo e meu filho é Lukas, a coisa mais preciosa que Deus me deu na minha vida. Politicamente, eu era do PSDB, onde tinha um programa evangélico na TV Potengi, mas, por falta de um compromisso com a minha pessoa, acabei me desligando e me tiraram do programa. Hoje estou no PSB, partido da liderança da governadora Wilma de Faria. Fui católico (uma pessoa dedicada à igreja), mas não conhecia a Palavra do Senhor. Participava muito de festa de padroeira (como segurança) e quando eu cheguei aqui em Natal, com dezoito anos, servi ao Exército, onde conheci o meu professor, o Sargento Carlão e me tornei tricampeão brasileiro de *Full Contact* (quando quebrei a perna e não podia chutar, fui pro boxe) e fui campeão mundial com trinta e cinco lutas e trinta e cinco vitórias. Trouxe três títulos mundiais para o Brasil e nunca decepcionei naquilo que fiz. Hoje eu me encontro vereador, fui eleito. Conheci Jesus, depois que eu estava participando de umas festas mundanas, onde eu tinha uma banda de forró. Sempre dizia que já tinha Jesus, mas eu não conhecia. Na verdade, na primeira vez que eu conheci o Senhor, fui assaltado pelo maior assaltante do Rio Grande do Norte, e, reprimido pela minha esposa, depois que eu disse que era crente, que tinha se acabado a família. Mas a Bíblia: “não vim trazer paz, mas espada. Aquele que deixar seu pai, sua mãe, seu filho por amor de mim, isso faz parte de mim”, disse Jesus. Então, após 12 horas, o assaltante ligou para minha casa e disse que ia devolver meu carro porque não conseguia ficar com ele. A partir daquele momento, Deus começou a falar comigo. Comecei a acreditar que o meu Deus, a quem eu estava servindo, era um Deus de

providência. E de lá pra cá, eu comecei a investir na obra do Senhor. E foi um investimento com garantia imediata, pois tudo aquilo que almeja meu coração, Deus tem me concedido. E todas as ansiedades hoje, eu coloco nas mãos do Senhor Jeová. E vivo aqui pela graça, hoje crente lavado e remido pelo sangue de Jesus. Sou pecador, erro todo dia, mas tenho a certeza de que hoje eu acerto mais e erro menos.

**2) Em qual igreja o senhor tornou-se protestante e decidiu se afiliar? Por quê? Já foi membro de outra?**

R – Hoje eu me congrego na igreja Assembléia de Soledade II. Igreja pólo, que tem como pastor José Arimaldo. É a primeira igreja depois que saí do Catolicismo, onde conheci Jesus verdadeiramente. Eu me congrego lá há quatro anos. Pela honra e glória do Senhor, estou feliz da vida.

**1) Quando o senhor começou a participar da atividade política partidária?**

R – A partir do momento que fui campeão mundial de boxe, e não tinha representante aqui na Câmara. Na história do Rio Grande do Norte, é a primeira vez que um atleta senta na cadeira como vereador. Hoje, eu estou fazendo a vontade do Senhor, sendo um Davi: investindo naquilo que posso.

**2) Qual a relação entre a sua crença religiosa e atividade política?**

R – A Bíblia diz: “buscai em primeiro lugar o Reino de Deus”, e eu tenho feito isso. Hoje, 70% do salário do irmão Adenúbio é dedicado à obra. Em um ano de mandato, para honra e glória de Deus, para mim não porque eu não tenho nada, eu apenas cuido para fazer a vontade do Senhor, construí uma carreta, um trio pra evangelizar em todo o Estado do Rio Grande do Norte. Porque a Bíblia diz: “ide por todo o mundo e pregai a Palavra a toda criatura”. Com o valor de R\$ 200 mil reais, consegui compra-la. Eu tenho dois carros de som,

mil cadeiras , um programa de Rádio na 87,9 Fm e patrocino duas horas na segunda feira para a Igreja Brasil para Cristo, do Pastor Samuel, na terça para a Missão Evangélica, do Pastor Ruy, na quarta- -feira, para o Pr. Edinaldo, da Igreja de Cristo no Brasil, na quinta-feira tenho um programa à noite, e na sexta-feira, tem um programa da Comunidade Evangélica Monte de Deus. Não procuro placa, mas o Senhor. E não é porque eu esteja na Assembléia que acho que nas outras não tenham irmãos salvos em Cristo Jesus.

**3) A principal destinação que o senhor vem fazendo da atividade política é utilizar isso para a propagação do evangelho, do segmento?**

R – Isso. Deus não me deu o dom de pregar, de curar ou de louvar. Mas me deu uma missão: colocou-me aqui, para que, o que eu ganhasse, investisse na sua obra. E nada tem me faltado. Eu creio que esse é o mandamento que Deus me deu. E todo mês eu tiro uma quantia para investir na obra. Quando Jesus subia nos montes, para falar, é porque ele queria alcançar várias pessoas. Porque quando se fala de cima, em baixo alguém ouve mais. Se ele tivesse carro de som ou trio naquele tempo, ele usaria.

**4) Qual a importância das igrejas evangélicas terem representantes na Câmara e quais foram as suas bandeiras nas eleições 2004?**

R - Eu acho que o mundo quer dá oportunidade ao mundo. Eu acho melhor colocar um cristão que aprove as coisas da igreja, do Senhor. E não quero julgar aqui, nem criticar ninguém. Quem julga é o diabo. Mas quando nós firmamos um compromisso, juramos realmente ser o representante dos evangélicos aqui. Quem conhece e vê a TV Câmara, todo momento que eu falo, eu falo no nome do Senhor. E sou criticado por acharem que ali não é lugar de falar no Seu nome. Ah, onde tiver uma oportunidade, uma brecha, uma porta, alguém tem que ouvir, principalmente porque eu estou falando para mais de trinta mil pessoas, todos os dias. O que eu falo é que Deus é bom, que ele é o de ontem, de hoje, que cura, que faz o aleijado andar, o cego enxergar; Deus é o mesmo ainda. E a bandeira, quando eu vim para este local, foi o esporte e a evangelização. Realmente eu vim representar, aqui, minha família evangélica.

**5) Quais foram as suas estratégias eleitorais e como o senhor conseguiu recursos para sua campanha?**

R - Como eu cheguei aqui? Pela graça de Deus. Eu tenho um a equipe de pastores irmãos que acreditaram no meu mandato, e que eu estava sendo fiel. Por isso, deram-me essa oportunidade. Deus me deu. Deus usou os irmãos aqui e disse: Adenúbio tem que vir pra cá pra investir na minha obra. Deus é fiel e eu tenho sido com ele. Os recursos que eu tive foi de amigos, apenas de amigos e, por ter defendido o país, meu Rio Grande do Norte, nunca ter decepcionado naquilo que fiz, como lutador de boxe. Campeão Mundial, trazendo vitórias. Pelo desgaste que muitos políticos vêm dando nos seus representantes, deram-me oportunidade. Deus me deu pra eu estar aqui hoje, e eu sou feliz.

**6) Em que medida o eleitorado evangélico colaborou para a sua eleição?**

R - Com oração e jejum, de joelho no chão e abraçando a causa. E acreditando que o novo, o pequeno, Deus coloca, em nome de Jesus, no lugar dos príncipes. E Deus me colocou aqui porque ele é fiel.

**7) Além do eleitorado evangélico, o senhor extrapolou esse público devido a sua atuação no esporte, no trabalho com academia?**

R - Com certeza. O esporte também me deu uma grande ajuda, sem dúvida nenhuma. Meus alunos, meus amigos, donos de academia. Como eu falei, o desgaste da política. O esporte, com certeza, foi outra bandeira que me trouxe aqui. Muitos amigos que tenho. É bom quando você ouve de alguém: "Adenúbio é um cara sincero, que cumpre seus compromissos, é uma cara que tem humildade, tem caráter". E quando eu ouço isso por alguém que ouviu falar ou outrem. Difícil é quando alguém chega pra mim e diz: "você é bom". Alguma coisa está errada. E tenho ouvido muitas coisas boas a meu respeito e isso me dá graça para seguir em frente.

ali viria um deputado federal, um estadual, um vereador e um presidente de conselho. Eu acho que não deveria estar brigando por mais pessoas. Mas quanto mais irmãos dentro do segmento, melhor.

**8) Quando os evangélicos começaram a participar da política em Natal?**

R – Não sei. Só sei que é melhor colocar um irmão que deixar um do diabo. Nós somos aqui uma luz no meio das trevas. Só eu sei o que estou passando. Onde tem projetos aqui, votados, que não é do meu segmento. Eu não voto, onde tem projetos que envolvam a cachaça, a bebida, a prostituição, ou seja, projeto mundano, não conte comigo. Agora quando é um projeto que é algo da sociedade, a respeito do calçamento de uma rua, de um hospital, de saúde, aí os companheiros contam comigo. Mas não sendo, nem me perguntam, a minha resposta? Já sabem: é não. As outras coisas são: *sim, sim, não, não*. O resto é providência do diabo.

**9) Por que grande parte dos evangélicos abandonou aquela máxima *crente não se mete em política*?**

R – É porque não lê a Bíblia. O próprio José, depois de ser vendido pelos seus irmãos, foi governador do Egito. Por quê? Acho que Deus tinha um propósito. Jesus foi colocado no túmulo de José de Arimatéia, que era Senador. A Bíblia diz: “Feliz a nação, cujo Deus é o Senhor”. Então, espero que um dia a nação esteja na mão de um crente, porque tem candidatos que vão à igreja hoje, e o que eu vejo, não quero nem falar que é falta de ética e diz: “não estou aqui pelos evangélicos”. Eu estou aqui pelos evangélicos, minha família é evangélica e disso eu não abro mão.

**10) O senhor defende múltiplas candidaturas ou candidaturas oficiais nas igrejas pentecostais?**

R – Eu acho que cada segmento tem que ter seu representante, sua categoria, seu sindicato, suas bases. Acho que deveria ser um que já está lá, como Jácome. Não é por eu estar apoiando, mas foi o único na História do Brasil a assumir o mandato de vice-governador. E

ali viria um deputado federal, um estadual, um vereador e um presidente de conselho. Eu acho que não deveria estar brigando por mais pessoas. Mas quanto mais irmãos dentro do segmento, melhor.

**11) Como foi sua articulação política no segundo turno das eleições 2004?**

R – Eu estava apoiando o candidato Luís Almir, porque eu era da Zona Norte e também por ter sido o partido que me aceitou quando me afiliei, por isso, continuei apoiando, mantendo a minha palavra.

**12) A política seria mais adequada para membros do meio do povo ou pastores?**

R – Do meio do povo. Tudo tem que ter liderança também. Porque quem é líder lidera. Quem não lidera não é líder. E Deus era um líder. E quem não o acompanhava, o diabo estava esperando. Quando você prega o bem, você tem que estar mostrando o que você é pelas suas atitudes. Você tem que estar no meio do povo. Crente. Quando eu falo no meio do povo, abraçando, conversando, não pode sair lá de cima. Jesus veio pra onde? Para o meio do povo. Ele era um ser social, pois não conseguiu pregar a sua palavra sozinho; por isso ele convidou doze apóstolos, além dos discípulos. E disse: “vão e eu estarei contigo”.

**13) A sua biografia, no site da Câmara, diz que o senhor já foi afiliado ao PT, ao PSDB e hoje é afiliado ao PSB. Por que o senhor mudou de partido?**

R – Nada de PT. Nunca fui pra esse negócio aí não. Também não discrimino. Eu adoro esse nome: trabalhador. Já o PSDB foi uma questão de não assumirem um compromisso comigo. Eu sou uma pessoa que, se não assumir compromisso, não conte comigo. A Bíblia diz que quem não é por mim é contra mim, quem comigo não ajunta, espalha.

**14) O senhor acredita que, além dos currais eleitorais, hoje temos os currais**

### eclesiásticos?

R – A Bíblia diz que feliz é a nação cujo Deus é o Senhor. Ali tem um povo de Deus, não é um curral, pois ninguém ali é vaca, nem burro. Mas eu fui entrevistado numa TV local, e na oportunidade, me perguntaram se botar uma igreja era bom. Eu respondi que botasse uma, pra ver o que é bom, mas só digo uma coisa: para o inferno você não vai, se seguir os caminhos do Senhor. E hoje eu sou feliz. É melhor ter o nosso, que não ter.

15) No site da Câmara, além do Bispo Francisco de Assis e o radialista Salatiel de Sousa, somente o senhor fez menção ao fato de ser evangélico. A que o senhor atribui isso?

R – A Jesus de Nazaré. Ao meu Criador. Eu falo por mim. Estou aqui, representando minha família evangélica. Você sabe por que eu sou feliz hoje? É porque Deus conhece o meu coração, Ele supre tudo o que eu quero e por isso estou feliz ao lado dele. Eu quero Jesus pra mim! Você quer?

### III Parte: Hoje

1) **Existe, de fato, uma bancada evangélica na Câmara Municipal?**

R – Eu falo por mim: sou crente, lavado e remido no sangue de Jesus. Não posso falar por eles. Eu defendo e tenho um que eu conto, mas não conto com todos.

2) **Qual a sua avaliação da polêmica da parada gay que envolveu os evangélicos no ano de 2005, a partir das declarações do deputado Joacy Pascoal?**

R - Realmente ele falou a verdade e o que ele falou foi certo. Mas Jesus veio buscar os perdidos; faltou mansidão da parte dele. Quando se fala algo ruim pra mídia, esta vende e gosta, como: "... mataram Severino, executaram, estupraram etc". Mas se eu falar que eu vou fazer uma Cruzada Evangélica, a mídia não aparece. Ele não ganha porque não conhece. Têm

deles que é crente e ainda não se libertaram, não leram a Palavra. Mas não existe esse negócio de Parada Gay, isso é algo do mundo, o que é bíblico. Existe o Ló das cidades, que Deus sabe que é fiel com Ele. Não é discriminando os gays, mas é culpa nossa, pois achamos que só basta sermos crentes, mas não é só isso; temos que dar frutos para chegarmos no Reino. A Bíblia diz que aquele que não der frutos será jogado fora e queimado no fogo. Os gays é que precisam do Senhor, são uns coitados, uns miseráveis que não O conhece. Então nós temos que ter paciência e amor, não investir e divulga-los, mas sim pregar a Palavra de Deus a eles.

**3) Se o Estado brasileiro não tem religião oficial, seria correto que concepções morais e religiosas fossem defendidas para cidadãos das mais diversas religiões e mesmo ateus, agnósticos ou sem religião?**

R – A Bíblia diz que temos o livre arbítrio. Nós escolhemos aquilo que achamos que é melhor. Eu escolhi Jesus, e acho que esse é o caminho; não tem outra alternativa.

**4) O senhor acredita que existiu alguma relação entre a questão do enquadramento das igrejas com o novo Código Civil e a mobilização política do segmento evangélico em Natal?**

R – Com certeza, se a gente der brecha ao diabo, que veio para roubar e destruir. Deus veio pra dar vida e vida em abundância. Se não tiver os nossos representantes... isso é bíblico! O diabo tem força, mas o poder foi lhe dado do alto. Mas enquanto o diabo puder nos tirar, ele fará, pois veio pra isso. Mas nós somos fortes, porque Israel sabe que tem um deles aqui.

**5) O que o senhor diria a alguns críticos que afirmam que as bandeiras políticas dos evangélicos são corporativistas, moralistas, clientelistas, fisiologista e anti-esquerdista?**

R – Olhe, eu creio que isso é natural. Sou vereador de Natal, e, lógico, tenho um segmento, mas eu sou vereador de Natal. Jamais eu vou dizer não ao benefício de uma comunidade, só

porque as pessoas não são crentes. Eu tenho que fazer porque me comprometi com toda a Natal. Eu sou vereador de Natal, não apenas dos crentes. Mas a minha bandeira é os evangélicos. Graças a Deus que nós temos um povo de Deus aqui. Elton John, lá nos EUA(Sic.) casou-se com outro homem. Que conversa é essa?! A Bíblia diz que Deus fez o homem e a mulher para multiplicar, pelo amor de Deus! Se eu pudesse acabar com o carnaval, acabava. Dizem que isso é uma tradição do país, algo que não deve parar. Acredito que onde se leva a destruir sua vida e a mídia a grande violência desse evento, não devemos dar apoio à continuidade. Quantas pessoas foram assassinadas, se drogaram, foram mortas; levadas pelo diabo pro fundo do poço, por causa de tradição. O que tradição leva? A nada, à morte. Jesus veio dar vida, mas o diabo não quer, pois já está morto mesmo. Quem diz é a bíblia, não eu. O que estou falando aqui é bíblico. Eu não posso achar que uma parte da Bíblia é verdade e a outra é mentira. Ali é a Palavra do Senhor viva.

Partido, pra mim, hoje, não leva a nada. Quem faz o vereador é o representante do bairro. Partido não representa nada. Representa, assim, se tiver uma idéia. Mas se você não concorda com aquela idéia, aceita se quiser ou então sai. Eu sou assim. Você tem que fazer aquilo que agrada a sociedade que nos elegeu, para que no próximo ano ela possa votar em você.

**6) Os grandes jornais de Natal (Tribuna do Norte e Diário de Natal) só fizeram menção religiosa ao Bispo Francisco de Assis. A que o senhor atribui isso?**

R – Não sei. No mundo do boxe eu fui mais conhecido. Talvez Pelé hoje seja conhecido mais que Jesus Cristo no mundo. É verdade. Tem país que não conhece. Se colocar em um cartaz a imagem de um negro vestindo a camisa 10, com certeza irão afirmar: “esse é do Brasil, esse é Pelé”. Talvez por ser novo convertido, tenho apenas quatro anos de vida evangélica. O Bispo já tem bem quarenta anos, é Bispo, eu sou membro. Sou apenas servo.

**7) Como tem sido a sua atuação na Câmara Municipal? Quais têm sido suas prioridades?**

R – Fazer um mandato participativo, debatendo sobre o que é melhor para a sociedade, o que é melhor para pessoas mais carentes. Porque rico não precisa de político, de vereador. Então,

temos que procurar agradar àqueles necessitados que estão lá no canto do morro, onde não tem saneamento, nem ruas calçadas, nem água, nem moradia, nem boas condições de vida ... Essas coisas que a gente tem que lutar.

**8) O senhor acredita que seria importante para os evangélicos elegerem um presidente da República que professe a fé protestante?**

R – Sem dúvida. Eu vou votar em Garotinho. E a vez é agora.

**9) Como o senhor vê a atual crise de credibilidade dos políticos?**

R – um bocado de corrupto. Envergonha-me, hoje, chegar numa reunião é dizer que é um político, mas vê-se o dia-a-dia na mídia. As pessoas, quando forem votar, procurem saber quem é o candidato, o que ele anda fazendo. Do que ganha, do que foi dado, das suas contribuições, se realmente está fazendo as coisas certas. Acho que o eleitor tem que vigiar melhor. Só isso.

**10) Quais são as suas metas políticas para o ano de 2006? Vai ser candidato a Deputado Estadual?**

R – Amar Jesus de todo o coração. Procurar fazer um mandato participativo, cada dia me aprimorando, eu só tenho um ano de mandato, e estou começando minha vida política. Estou ouvindo mais e falando menos. É isso que tenho que fazer. Se for à vontade do Senhor, serei candidato.

**11) Como o senhor analisou o escândalo envolvendo um parlamentar evangélico (Bispo João Batista da IURD), que foi detido pela Federal fazendo o traslado de milhões de reais?**

R – Eu não quero tocar nesse assunto. A Bíblia diz que todo joelho se dobrará e toda língua confessará. Eu não quero julgar ninguém.

12) Durante a campanha de 2004, foi mostrada uma fita na qual o Deputado Luís Almir agredia verbalmente os pastores evangélicos? Já que o senhor o apoiou, como viu esse fato ?

R – Ele não agrediu nenhum pastor. Talvez, num momento de emoção em cima de um palanque, ele tenha falado de algumas pessoas que se dizem pastores, se dizem evangélicos. Agora, Luís Almir é uma pessoa amiga, que não conhece Jesus, mas que merece que nós preguemos a Palavra pra ele. E é o que eu estou fazendo. Ele é uma pessoa que tem um coração bom, acima de tudo. É um idólatra, um miserável, que precisa do Senhor, mas que é meu amigo. Acho que é isso aí. E se errou, tem que ser perdoado.

13) Qual a sua relação com o Pr. Antônio Jácome e o publicitário Públio José?

R – Hoje, meu relacionamento com Jácome é de irmão para irmão. Apoiá-lo-ei em todos os sentidos. Acho que ele vai ser candidato a deputado e eu estou retirando a minha candidatura para apoiá-lo. Ele é hoje o vice-governador, jamais quero competir com ele, que é um homem que vem na frente. Façam a campanha de Públio e nós fazemos a de Jácome.

14) Dos cinco vereadores evangélicos da Câmara, quatro são oriundos de igrejas pentecostais. A que o senhor atribui isso?

R – Ao Pentecostes. Eles têm uma igreja avivada, uma igreja que quer, que procura, que quer receber e que quer mostrar para o mundo que Deus está vivo. Que acredita no governo melhor, que apóia de coração. Isso é relativo.

15) O senhor foi campeão no *Full Contact* e no Boxe. O que o levou a deixar o esporte? O senhor fazia parte do movimento *Atletas de Cristo*?

R – Primeiro a idade. Eu sofri um acidente na perna e não estava conseguindo mais correr. E hoje eu tento me manter para não ficar gordo como estou. E segundo, Jesus. Fui a uma

reunião dos Atletas de Cristo, mas não gostei do que vi. Não dá pra mim. Você aprende aquilo que seu pai ensina. E no meu segmento, não aprendi daquele jeito. Eu acho que ali é um aperfeiçoamento para vir a Jesus.

**16) O jornal da Assembléia de Deus, Mensageiro da Paz, não fez menção aos parlamentares da AD no RN. A que o senhor atribui isso?**

R – Não sei. Mas na próxima vez, Deus vai falar com ele e ele vai colocar, porque hoje eu sou vereador de fato.

**17) O senhor teve o apoio oficial do Pr. Raimundo Santana, presidente da Assembléia de Deus no Rio Grande do Norte?**

R – Não.

**18) Nenhuma forma de apoio de sua igreja (Assembléia de Deus) ?**

R – Tive, com certeza, mas de cinquenta congregações me apoiaram, graças a Deus. Mas o Pr. Raimundo Santana não entra nesse mérito.

**19) O Pr. Presidente da Assembléia de Deus anterior (João Gomes) tinha de fato uma atuação política, no sentido de orientar, de articular, até quando ele veio a falecer saía de um comício. O senhor acha essa postura mais interessante para a igreja?**

R – eu acho que cada um tem uma maneira de trabalhar e eu respeito as duas maneiras.

**20) Agora gostaria de deixar o microfone aberto para suas considerações finais, agradecer pela entrevista.**

R – Agradeço a você pela entrevista e estou pronto para qualquer pergunta sobre mim; se eu puder contribuir para os eu trabalho, para sua formatura, conte comigo. E dizer para você que nunca deixe que o diabo penetre na sua vida. Quando você abre uma brecha é só o que ele quer. Que você não saia dos caminhos do Senhor, porque Ele é o caminho, a verdade e a vida. Que você possa, a cada dia, se firmar nos caminhos do Senhor e que Deus possa teabençoar profundamente e suprir as necessidades do seu coração. E que você seja feliz junto comigo, como estamos aqui e agora.

1 – Quando a Igreja Casa da Bênção chegou a Natal?

#### **ENTREVISTA DO VEREADOR FERNANDO LUCENA (26/04/06)**

**16) Como o senhor, que não professa nenhuma religião, vê a participação política do segmento evangélico e a defesa de valores morais e religiosos em um Estado laico?**

R – Essa questão é interessante. Aqui na Câmara, nós temos representantes de todas as linhas evangélicas. (Sic.): Universal, Batista e Assembléia de Deus. Temos desde o progressista (o Bispo Francisco de Assis), que tenho ido ao seu programa discutir assuntos de interesses nacionais, de forma livre e democrática, sem nenhum tipo de restrição. Ao contrário dos políticos evangélicos, prefiro ter trânsito livre em todas as religiões (candomblé, católica, evangélica e espírita), já que obtive apoio de todas elas. Ao contrário de setores da Igreja Católica, que são conservadores e, quando tem essa postura, não permitem sequer o debate. Defendo o direito de culto, o direito democrático de pertencer a qualquer religião. Nós lutamos contra a ditadura e o Brasil, já é um país quase democrático, pois só será democrático quando as pessoas tiverem casa, educação e saúde. Eu luto por isso, mas nós precisamos avançar muito.

**17) É verdade que a taxaço dos inativos do serviço público municipal rachou a Bancada Evangélica?**

R - É verdade. Sempre se têm esses rachas. Mas nessa questão, foge-se da religião e entra-se na questão das bancadas do governo e da oposição. Nós temos evangélicos na oposição,

como é o caso do Sargento Siqueira, Gilson Moura e Salatiel de Souza e na situação, como é o caso do Bispo Francisco de Assis e Adenúbio Melo. Nas questões específicas do segmento religioso, como a liberação do IPTU para as igrejas (templos) alugadas, eles votam fechados. Eu achei esse pleito justo e votei a favor dessa liberação. Só ocorre a divisão quando a questão é de governo ou de oposição.

#### **ENTREVISTA DO MISSIONÁRIO JUAREZ MARTINS (03/06/06)**

##### **1 – Quando a Igreja Casa da Bênção chegou a Natal ?**

R - A igreja iniciou suas atividades em março de 1981, quando veio uma família do Rio de Janeiro para residir em Santo Antônio (do Salto da Onça), que começou numa casa na Rua Salustiano Fagundes. Quando foi procurado e consultado, o Missionário Jaime Caieiro da Silva, que era o superintendente em Recife para a região do Nordeste, foi convencido que a Igreja que começou numa casa seria sediada em Natal. Quando em 1º de Abril de 1981, o Missionário Jaime Caieiro veio fazer a inauguração oficial da igreja, que acabou de completar 25 anos. O Missionário afirmou ainda que o primeiro pastor foi José Américo na Avenida Coronel Estevão e depois foi transferida para a Rua Manoel Miranda, 2030, no bairro do Bom Pastor, que é até hoje a sede estadual da denominação.

#### **ENTREVISTA (Depoimento ) do Vice- Governador do Estado do Rio Grande do Norte Pr. Antônio Jácome(06/10/05)**

##### **1 – Gostaria de saber quando iniciou a participação política dos protestantes em Natal e quem foram os primeiros vereadores eleitos ?**

R - Um dos primeiros vereadores, o Presbítero Eptácio Rodrigues, seguido do vereador Eptácio Nunes na década de 60. Ainda segundo Dr. Antônio Jácome, em 1988, a Câmara contava apenas com dois vereadores pentecostais, ambos da AD, o próprio e a Dra. Verônica. Ele ainda me confirmou que no ano de 2004 foi eleita a maior bancada de protestantes, cinco no total, sendo um de igreja histórica (Batista) e quatro de igrejas pentecostais (dois da Igreja Assembléia de Deus, um da Igreja Casa da Bênção e da Igreja Universal do Reino de Deus - IURD).





Vereador Adenúbio Melo ao lado do Vice-Governador do Rio Grande do Norte, Pr. Antônio Jácome, em sessão solene da Câmara Municipal de Natal em Homenagem aos 87 anos da Assembléia de Deus no Estado.



Sargento Siqueira com amigos da policia militar durante feijoada de sua 2ª campanha no Clube América em 07.09.2004, após desfile da Independência.



O repórter Gilson Moura durante comício na campanha de 2004



Vereador Bispo Francisco de Assis no Plenário da Câmara Municipal



Apresentador e Vereador Salatiel de Souza no Plenário do Palácio Padre Miguelinho.

**Lista completa dos evangélicos eleitos no pleito de 2004 no RN**

MUNICÍPIO	VEREADOR	PREFEITO	VICE -PREFEITO
Areia Branca	Roberto Gonçalves PP		
Açu	Francisco Lavoizie PP		
Baraúna	Adjano Bezerra - PMDB João Saldanha - PTB		
Boa Saúde	Cícero Targino - PL		
Brejinho	Nelbe Maria -PDT		
Caicó	Verônica Alcântara - PSB		
Campo Grande	Jean Carlos -PSC		
Canguaretama	Romilson Fernández -PDT Coronel João Pessoa - PSB Antônio Lopes -PSB	Edmilson Faustino - PDT	
Currais Novos	Silvano Araújo -PFL		
Espírito Santo	Waldon Pereira -PHS		
Felipe Guerra	Luís Agnaldo - PSL Otoniel Maia - PTB		
Goianinha	Edivaldo Florentino - PSDB		
Governador Dix -Sept Rosado			Júnior Afonso (partido não mencionado).
Grossos	Francisco Cesário- PT		
Itaú	Ítalo Francisco PMDB		
Janduís	Orlani Praxedes -PFL		
Mossoró	Daniel Gomes - PMDB		
Natal	Bispo Francisco de Assis - PSB Salatiel de Souza -PFL Sargento Siqueira - PP Gilson Moura -PP Adenúbio Melo - PSB		
Olho D'água dos Borges	Maria Helena - PMDB		
Paraú	Regina Celly - PSC		
Parnamirim	Antônio Batista - PMDB		
Pau dos Ferros			Alfredo Luiz -PSC
São Gonçalo do Amarante			Edvaldo Pereira -PSC
São José de Campestre	Jailson José -PFL William Moura -PSB		
Serra do Mel	Francione Bezerra -PMDB	Francisco Bezerra - PMDB	
Taboleiro Grande	Armando Suassuna - PMDB	Maria Mirim -PMDB	
Tibau	Luiz Francisco - PSC Luiz José -PSC	Francisco Nolasco - PFL	
Tibau do Sul	Paulo de Lima -PSB Josiel de Oliveira - PSB		
Upanema	Aguinaldo Eloi -PSB Josoniel de Oliveira -PSB		